



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

DP
802
.C5
L56

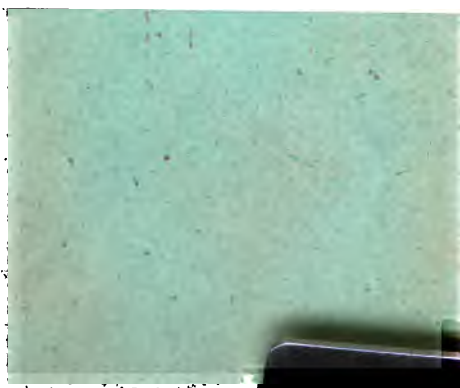
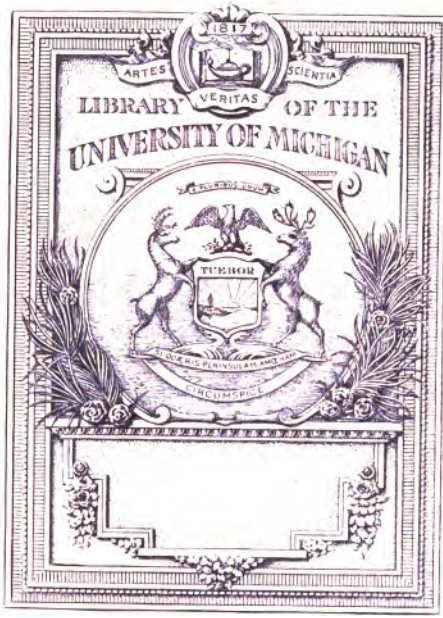
BUHR B



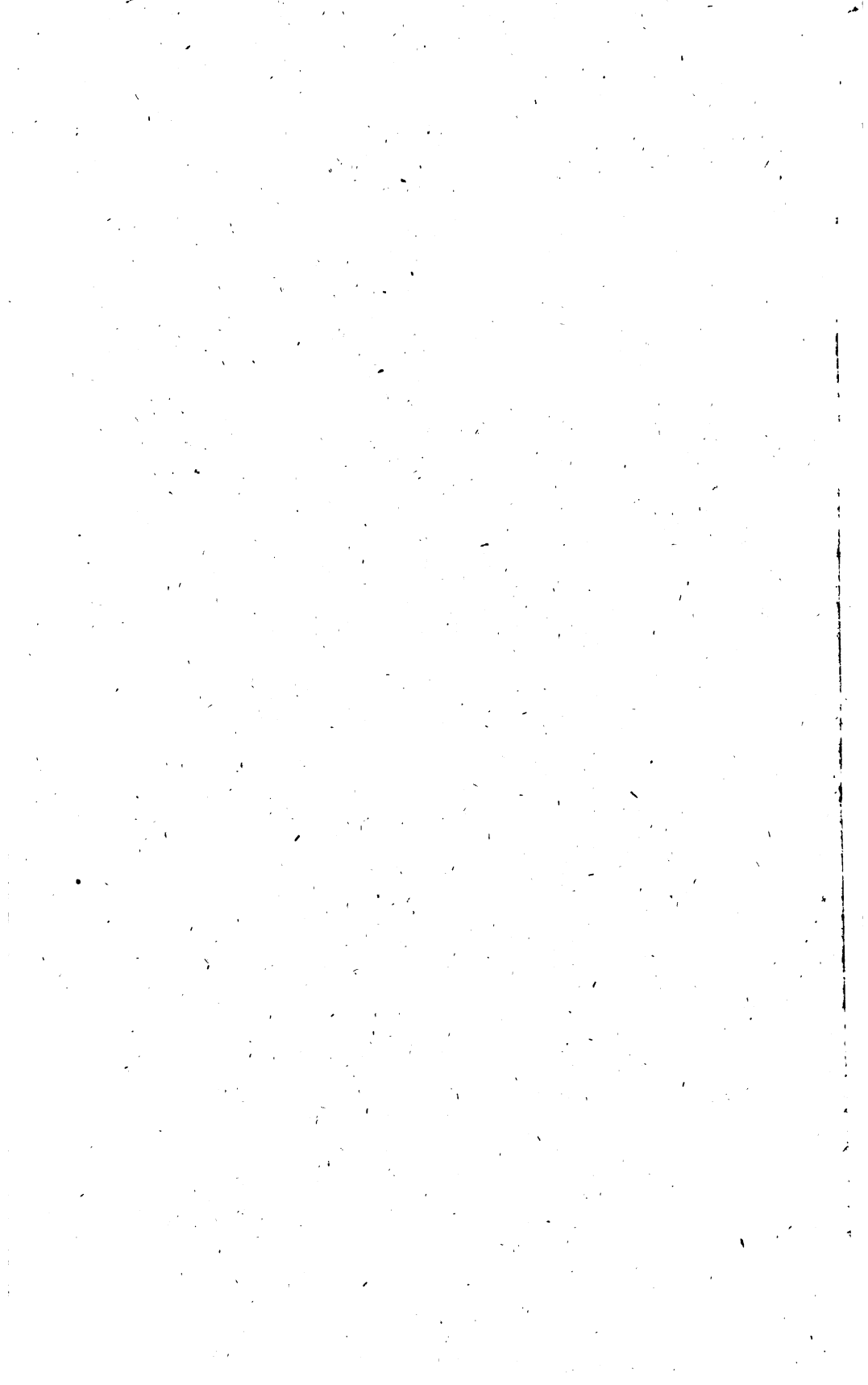
a39015 00029231 1b

CINTRA
PINTURESCA

J. O. TELLES
Enfermeiro
145 R. da Palma, 147
Lisboa.



7244



911-153

Cintra Pinturesca.

Lemos Pereira e Facenda, João Antonio de,
visconde de Jurumunda, 1807-1887.

CINTRA PINTURESCA,

OU

MEMORIA DESCRIPTIVA

DA VILLA

DE

CINTRA, COLLARES,

E SEUS ARREDORES.

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama? Quem em teu recinto
Uma hora de vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá?

J. B. Garret. — Camoens. C. V.

LISBOA :

TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

—
1838.

27
200
25
1.52

CINTRA PINTURESCA.

*Lo Cintra's glorious Eden intervenes
In variegated maze of mount and glen.
Ah me! what hand can pencil guide or pen
Through views more dazzling unto mortal ken.*
Lord Byron. — Child Harold. Est. XVIII.



ENTRE as nações estrangeiras, onde quer que apparece hum objecto, que pela sua formosura de natureza ou de arte fixa a attenção do viajante — elle logo encontra hum guia, huma descripção que o faça participante dos mais reconditos arcanos do objecto que fere a sua imaginação pela belleza natural, ou a sua admiração pelo artificio dos homens. Todas as cidades, villas, e sitios mais notaveis tem dado materia a descripçoens mais ou menos sumptuosas, e exercitado as pennas dos mais habeis escriptores, ficando só ao viajante a difficuldade da escolha entre obras tão bem trabalhadas. Entre nós existiu antigamente este bom

uso, que se vai perdendo; André de Resende, Gaspar Estação, Duarte Nunes de Leão, entre outros, investigarão as antiguidades da sua patria, que nos deixarão transmittidas. A Academia de Historia Portugueza, organizada debaixo da protecção d'El-Rei D. João 5.º, trabalhou muito, ainda que sem gosto, para hum chorographia do paiz: a das Sciencias, dando por programma a descripção topographica de hum comarca, cidade, ou villa do reino, promettia dar-nos hum Historia Estatistica mais bem organizada; porém, forçoso he confessa-lo, he lastima que esta assembléa de litteratos parasse em hum carreira, que tinha com tanta gloria encetado.

De Cintra, deste paiz encantador, não ha hum descripção: debalde o estrangeiro pede hum guia para o iniciar nas bellezas de seus arredores, na origem de seus monumentos, neste paiz das fadas, de que podemos dizer com Claudiano, que não ha hum rochedo que não tenha hum nome (*nullum est sine nomine saxum*). Com vergonha o dizemos, elle não encontra mais que o estúpido burriqueiro, que n'huma linguagem rude apenas lhe sabe dizer os nomes dos logares que visita.

Não tem faltado comtudo a Cintra poetas que tenham levado o seu nome á posteridade; Camoens aqui modulou alguns dos seus versos os mais melodosos; a celebre Luiza Segêa escreveu hum poema na lingua latina que offere-

ceu ao Papa Paulo 3.^o; o téttrico Byron não pôde ser indifferente a tão sublime variedade de bellezas; a sua musa arrebatada lançou flores, ainda que com espinhos, sobre este novo paraíso; o auctor do Camoens immortalisou em lindos versos a mysteriosa habitação da lua. Faltava quem methodicamente lhe descrevesse as bellezas: huma descripção existia desta serra, escripta no anno de 1748, por Francisco d'Almeida Jordão; porém essa não a podemos ver pela sua raridade, apesar das nossas mais constantes investigações: o Visconde de Balsemão se dispunha a dar ao publico huma Memoria desta villa; como porém não sahisse á luz a reputámos como se não existira: Ricardo Raymundo Nogueira escreveu huma succinta descripção em verso; porém he obra mui mesquinha para hum homem de tantos talentos, e que nada satisfaz.

Conhecendo desde a infancia este sitio moveu-nos o desejo de lhe revelar as bellezas: tínhamos recolhido algumas clarezas para uso proprio, pouco a pouco fomos descobrindo manuscritos e memorias pouco conhecidas: lembrou-nos que, se coordenassemos hum trabalho destes elementos, podia servir como de *guia de viajante* ao estrangeiro, que visitasse esta parte romantica do nosso paiz, ou antes ao Portuguez, algumas vezes mais hospede das cousas patrias do que o mesmo estrangeiro. Além dos livros que consultámos visitámos minuciosamente os loga-

res que descrevemos, procurámos esclarecimentos de algumas pessoas que os podião ministrar, buscámos, em fim, tudo quanto estava ao nosso alcance para fazer este trabalho regular e exacto, qual o permittião os nossos fracos meios e a deficiencia de materiaes: era nosso proposito dar mais extensão a esta obra; varias circumstancias, com tudo, nos obrigárão a reduzi-la á fórma porque vai estampada.

Desejariamos satisfazer plenamente os nossos leitores, dando-lhe noticia a mais antiga e detalhada desta villa; porém a ignorancia dos primeiros povos que habitarão o nosso solo nos tolhe de preencher este empenho.

Poucas memorias nos ficarão dos Romanos, pelo excessivo orgulho com que olhavam todos os outros povos da terra; aproveitámos todavia essas que nos ficarão, assim como aquellas que a terra por algum tempo occultou no seu seio.

Os Godos, como he bem notorio, escrevêrão mais com a espada do que com a penna: exemplo que seguirão os Arabes primitivos, chegando a tanto excesso a sua ignorancia no primeiro periodo do seu dominio, que sepultarão nos alicerces e muralhas de suas fortificaçoens esses arremedos que conservavamos da grandeza romana. Do Nubiense nada pudémos colhêr mais do que conservar esta villa o mesmo nome (*Sentra* ou *Chentra*) no tempo do seu dominio: quando começavão a amar as sciencias sobreveio a reacção dos christãos.

Então começou essa renhida luta, que abarcou o reinado de nossos primeiros reis, tão gloriosa para as nossas armas, mas por isso mesmo tão esteril para as sciencias. Por toda a parte retinião armas, tudo respirava guerra, apenas hum ou outro monge retirado no claustro se occupava naquellas taes ou quaes sciencias que a rudeza dos tempos permittia, e conservava com cuidadoso recato as doações que a piedade dos Soberanos outorgára aos seus mosteiros, documentos preciosos donde derivamos não pequena parte da nossa Memoria.

Do que fica dito o leitor verá, que destituidos quasi de memorias de tempos tão antigos, escrevendo da villa de Cintra, aliàs antiquissima, pouco podemos dizer de huma epocha tão remota. Se quizessemos conjecturar podiamos acreditar com o auctor da *Corographia Portugueza* ter sido habitação dos Gregos e dos Turdulos; se quizessemos fabulizar a julgariamos valhacouto dos mysteriosos amores da casta Diana com o seu Endymião, mas amigos da verdade nos limitaremos áquellas Memorias que nos ficarão escriptas.

A cinco leguas a Oes-Noroeste da cidade de Lisboa, em hum terreno pouco plano, posto que aprasivel, está situada esta romantica serra, tão decantada pela belleza de seus bosques, e amenidade do seu clima. Prolonga-se até ao mar, onde termina, no Cabo da Roca, ou Rocha de Cintra, que os antigos geographos

apelidárão de varios nomes. Promontorio Magno, Olisiponense, Artabro, cujos moradores, segundo diz Silio Italico, acompanharão Annibal nas suas victorias de Trasimeno e Cannas.

Jamque Ebussius Phenicia movit Artabrus arma.

Tagro reputão alguns ter-lhe chamado Varão, quando fallando das eguas que na antiga Lusitania concebião do vento, diz: « Que era cousa incrivel, porém verdadeira, que na antiga Lusitania, junto ao Oceano, naquella parte onde está situada Lisboa, no monte Tagro, concebem algumas eguas do vento em certo tempo.» Porém julgo que com errado fundamento, tomando o Monte-Junto pela Serra de Cintra. Hierna lhe chamou Strabão. Finalmente Cynthio, ou Promontorio da Lua, pelo templo que embaixo na praia, junto á rocha, se via, dedicado ao Sol e á Lua, como provão os cipos alli achados, que adiante mencionaremos, cujos letreiros e ruinas existião em tempo de André de Resende. Este mesmo nome conservava no principio do duodecimo seculo, como se deduz da Epistola de Hugo, bispo do Porto, o qual fallando das peregrinações de S. Pedro de Rates, diz: — *Inde digressus Tyde Iriaque predicat et per totam maritimam oram ad promontorium usque Cynthium sive et Ulissecum.*

Donde disse o nosso poeta

E nas serras da Lua conhecidas
 Subjuga a fria Cintra o duro braço,
 Cintra, donde as Naiadas escondidas
 Nas fontes vão fugindo ao duro laço.

Esta serra de mediana altura, que por se elevar de uma planicie parece mais elevada, fórma para a parte do mar, donde se descobre a embocadura do Téjo e bahia de Setubal, huma muralha de rocha, que parece alli collocada para servir de barreira ao mar que nella quebra enfurecido, do outro lado se estão vendo as ilhas Berlengas, Peniche, e mais terras adjacentes.

Plinio diz que este cabo se estendia sobre o mar por espaço de 60 milhas. Flores mais conhecedor dos abysmos do mar, pertende que se mette por elle até á Madeira, e vai formar aquella ilha; nós que somos mui fracos mergulhadores, não temos muito desejo de analysar a fundo a asserção do geographo. Pertence ao systema carpetano-vetónico, e tem na sua maior altura 1800 pés, e cinco leguas de circumferencia: corre entre as duas villas de Cintra e Collares pela parte do Norte, e a de Cascaes e seu termo pelo Meio-dia.

Em frente deste promontorio situa Ptolomeu huma ilha chamada Londobris, para onde se retirarão os Lusitanos depois de desalojados dos montes Herminios, onde forão finalmente vencidos por Cesar. Alli se defenderão tão encarniçadamente os nossos, attacando com tal impeto os seus adversarios, que ficarão estes todos mortos no campo, á excepção de Publio Scevola, que perdido o escudo e cuberto de feridas se deitou a nado, conseguindo por este modo chegar a terra firme.

Refere Damião de Goes que hum Fernão Alvares, Escrivão da Casa da India, lhe contára que pescando hum hómem á canna nesta rocha, e lançando para traz de si, em hum pequeno areal, o peixe que pescava, o qual deixava a maré vazia descoberto entre os penedos, e examinando huma vez a quantidade que tinha pescado, viu que hum mancebo nú e desbarbado lho lançava ao mar, e entendendo ser algum nadador que lhe fazia aquella travessura, o quiz reprehender pedindo os peixes, e a resposta foi lançar-se ao mar, sem que mais apparecesse. Já Plinio tinha feito menção de hum Tritão e huma Nereida, que no tempo de Tiberio apparecêrão nas nossas praias, exhalando esta, no momento da sua morte, gemidos e suspiros que se ouvirão ao longe. Phenomeno que pela sua novidade pareceu aos nossos Lusitanos digno de se participar ao Imperador, para o que lhe mandárão huma solemne embaixada das pessoas mais qualificadas da terra.

A antiguidade desta villa parece ser mui grande, pois que no tempo dos Romanos era comprehendida nos campos Olisiponenses, e por isso gosava dos direitos do municipio romano collectivamente com os moradores da cidade de Lisboa, unica cidade da Lusitania que, segundo Plinio, gosava deste privilegio.

Passou do dominio destes ao dos povos do Norte, que no seculo 5.^o alagárão as provincias de Hespanha, até que na fatal batalha de Gua-

delete, perdendo El-Rei D. Rodrigo a Corôa, foi a Lusitania invadida do enxame de Mouros que a sensual culpa do rei Godo chamou á sua patria, e que, conforme Manuel de Faria e Sousa, tanto trabalho e cinco mil batalhas custarão aos povos da Hespanha para os expulsar do seu solo.

Parece ter sido tomada e retomada varias vezes, durante o dominio dos Mouros, por D. Fernando o Magno, como assevera Fr. João Gil, dizendo: — Que D. Fernando, pai d'El-Rei, que ganhou a Toledo, tomou Coimbra, Lisboa, Santarem, Evora, e *Cintra*. — Não sei com que fundamento o certifica; pôde ser que possuisse alguma chronica, que hoje não exista, que dissesse ter aquelle Rei tomado aquellas cidades e villas; porém se a tomou foi novamente perdida, e recuperada por D. Affonso 6.º, não por combate, segundo a Monarchia Lusitana, mas porque os povos se lhe entregaram temendo as suas armas, e ficando por seus tributarios.

Rebellarão-se de novo os Mouros no governo do Conde D. Henrique, e posto que o Conde de novo recuperou a villa, não se pôde sustentar. Faz menção a Historia dos Godos desta rebellião, e tomada de Cintra, com estas palavras: « *Et paulo post primo sequente circiter anno cum Cintra defecisset, audita morte regis Alfonsi, recuperata est a comite Henrico regis genero et patri Alfonsi primi regis Portugalie.* »

Isto he, pouco depois da morte de El-Rei D. Affonso, no seguinte reinado, como Cintra se rebellasse, sabida a morte d'El-Rei, foi recuperada pelo Conde D. Henrique seu genro, e pai de D. Affonso, primeiro Rei de Portugal.

Estava Cintra, posto que á obediencia do Conde D. Henrique, povoada de Mouros, os quaes pagavão tributo, do tempo que El-Rei D. Affonso 6.º sugeitára aquella praça. Usava-se deste estilo nas terras conquistadas, porquanto faltava gente para as povoaçoens, e soldados para as defenderem, e daqui nasceu ganharem-se, e em pouco tempo perderem-se as terras, como esta villa. Por isso se rebellárão os povos de Cintra nesta occasião, e o tornárão a repetir pouco depois, até que foi de todo conquistada por El-Rei D. Affonso Henriques, como conta a citada Chronica dos Godos no anno de 1147. *Era 1185 capitur Santarena 8 idibus Majj, eodem anno capitur Olisipo, Octobri mense, feria sexta meridiano tempore, post quinque menses obsidionis. Per idem tempus cepit Cintra, Almada, Palmela.* Na era de 1185 se tomou Santarem aos 8 de Maio; no anno seguinte se ganhou tambem Lisboa no mez de Outubro, Sextafeira ao meio dia, passados cinco mezes de cerco; neste mesmo tempo se conquistou Cintra, Almada, e Palmela.

Alguns pertendem que El-Rei D. Affonso Henriques ganhára Cintra antes da tomada de Lisboa, e dizem os que seguem esta opinião,

fundados em huma Memoria antiga que existe na Torre do Tombo, que estando El-Rei naquelle Castello consultando o modo como havia de tomar a cidade de Lisboa, cuja conquista tinha em peito, dilatando a vista pelo Occeano, cujas aguas banhão as faldas daquella serra, viu pelo mar vir huma grande armada de cento e cincoenta vellas, que demandavão terra junto á rocha de Cintra. Por este motivo lhe mandou quatro Cavalleiros a saber que gente erão, e sendo informado que erão de Alemanha, França, Inglaterra, e Estados de Flandres, que se tinham ajuntado para servir na defesa da Fé contra os infieis, e que hião seu caminho para a guerra do Ultramar, lhe mandou recado, que, se a tenção que trazião era guerrear contra infieis, que em nenhum tempo e logar o podião melhor executar, ajudando-o na empreza que meditava da conquista de Lisboa. Concertárão-se os Cruzados com El-Rei, e Lisboa foi tomada a 20 de Outubro de 1147.

Outros, a cujo parecer me encosto, são de huma opinião contraria, e julgo que com algum fundamento. ; Que vantagem tirava D. Affonso da simples acquisição desta villa? Não era a conquista de Cintra huma consequencia da de Lisboa? Era acaso de prudente capitão gastar gente em huma posição que a natureza tomou a seu cargo defender? Em que a fragosidade, e aspereza do logar defendido por poucos, era bastante para embotar o valor dos seus soldados?

Demais, aquelles aventureiros, antes de lançarem ancora no porto de Lisboa, tinham desembarcado ao pé do Douro, como refere a Historia dos Godos, e a relação de Dodechino, que naquella frota vinha embarcado, e que relata toda a derrota desde que embarcárão no porto de Derchmit, em Inglaterra, até surgirem no Téjo.

Não era mais verosimil, que sabendo El-Rei do seu primeiro desembarque, lhe mandasse commetter o partido de o virem ajudar na conquista de Lisboa? Podia comtudo ter acontecido a D. Affonso haver tomado Cintra, e perdida, recupera-la; e deste modo conciliarmos as duas opiniões: podia tambem acontecer o mesmo Rei tomado antes alguma fortificação exterior fóra da linha das muralhas, talvez no monte que ainda conserva o nome de Cubello. Cada hum siga aquella opinião que julgar mais provavel.

Conquistada pois a villa do poder dos Mouros, como deixamos dito, por El-Rei D. Affonso 1.º, este, como Principe magnanimo e catholico que era, tratou logo de converter a mesquita, que estava dentro do Castello, em Igreja do verdadeiro culto, consagrando-a ao Apostolo S. Pedro, e fundando as outras de S. Martinho e S. Miguel. Em breve do minarete, donde o pregoeiro chamava os infieis a suas rezas nefandas, trocado em campanario, se ouvirão os sons harmoniosos do bronze chamar huma

povoação devota a dar graças ao Todo-Poderoso de haver recuperado tão deliciosa terra do poder dos Sarracenos.

E igualando á sua piedade a sua generosidade, repartiu com os seus do que tinha ganhado, como assim doou ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a quinta de Millides, e aos Cavalleiros do Hospital e do Templo, que andavam no seu exercito, muitos bens, herdades, e casas, entrando nas doações a estes ultimos a mata de Almosquer, que pela extinctão desta ordem foi devolvida á de Christo.

Seguiu-se a isto dar Foral á villa, o que fez no anno de 1154, aos nove dias do mez de Janeiro, exercendo nelle a sua clemencia com os vencidos, assim como a sua liberalidade com os seus novos povoadores, com graças, privilegios, e isempções. Confirmou este Foral seu filho, El-Rei D. Sancho, em 1189, e ultimamente foi reformado por El-Rei D. Manuel, no de 1514, tendo sempre esta villa sido objecto da munificencia dos nossos Soberanos, principalmente quando hião a ella folgar.

Como o dito Foral involva antiguidades mui curiosas, me não parece fóra de proposito, de algumas fazer menção neste logar. Deu limites á villa, a qual no principio constava de trinta casaes; cujos limites erão, de Almosquer aguas correntes até á serra, e por onde parte o caminho publico que vai para Cabrellas até á serra aguas vertentes, até ao Monte, e por onde par-

te o caminho que vai para Chilleiros até o rio Galamar, cujos termos se devião augmentar se crescesse em povoação.

Estabeleceu, como nos ditos Foraes era de estilo, leis militares e criminaes, e certos impostos, meneios, e alcavalas. Aos soldados, como as circumstancias urgião, nobilitou, concedendo-lhes, entre outros privilegios, que nos alardos contra Christãos não fossem mais longe do que podessem vir pernoitar a casa; o que se não entendia contra os Mouros, contra os quaes serão obrigados a empenhar todas as suas forças, e outrosim avisarem a Lisboa se o inimigo ameaçasse a villa. A's suas viúvas, durante o tempo que se conservassem em viuvez, conservou as mesmas honras que em vida de seus maridos gozárão.

Multou ao marido que menos-prezasse a fama e honra de sua mulher. — « O marido cuco (*coquum*), que o for de sua mulher legitima, publica e reconhecidamente, pague hum maravedi por o julgado dos Homens bons. »

Marcou qual fosse o dote que o noivo devia dar á noiva, o qual nos dá alguma idéa do vestuario que trajavão naquelle tempo as mulheres, que por certo não seria hoje invejado ou adoptado pelas nossas elegantes contemporaneas, e consistia em huma *fusta*, hum par de çapatos ou cendalhas, huma *structa*, huma pelle, e hum manto, e trinta soldos; o qual dote o noivo perdia por arrependimento, e lhe era en-

tregue no caso de se desfazer o casamento, por vontade da noiva, ou dos seus parentes.

Entre os differentes impostos notamos os seguintes. O caçador, que matasse a laço ou a tiro hum veado, pagava meio lombo, de porco hum costado, o de coelhos em cada hum anno tres coelhos com as suas pelles. O que buscasse mel, em cada hum anno meio alqueire do mesmo mel, o çapateiro hum soldo, o ferreiro que ferre um cavallo, o negociante de pelles hum soldo.

Taes forão as leis Municipaes e privilegios, que o primeiro Rei dos Portuguezes concedeu aos antigos moradores da villa de Cintra, e que ampliárão seus successores, sempre sollicitos no bem estar de seus subditos.

El-Rei D. Affonso III., quitou-lhe certas rendas que pagávão, por Carta dada em Guimaraes, em 2 de Fevereiro de 1261.

He natural, que no reinado d'Elrei D. Diniz, o Rei povoador, participassem d'aquelles privilegios e vantagens tão geraes, com que este rei tanto protegeu a agricultura.

Seu filho D. Affonso IV. concedeu aos bêteiros do Couto de Cintra, por estes lhe mostrarem huma Carta de D. Sancho seu Avô, o privilegio de não pagarem certos impostos ao Concelho excepto para o *fazimento e refazimento* dos muros. (anno 1336.)

El-Rei D. Fernando lhe confirmou os seus antigos privilegios, e lhe concedeu outros (1367.)

D. João I. desejoso de ganhar esta Villa, que seguia o partido de Castella, não só fez grandes mercês ao Conde D. Henrique que tinha o Castello por parte da rainha D. Leonor, mas aos seus moradores. Confirmou os antigos privilegios, e concedeu á sua Camara o poder dar certos empregos, se estivesse nessa posse no tempo dos Reis e Rainhas passadas, e licença a seus moradores para poderem caçar.

D. Duarte concedeu, não só aos seus moradores, mas aos que na dita villa habitassem, tivessem casa ou nella vivessem a maior parte do anno, certas regalias; e entre outras que não vão servir por terra mais longe do que vinte leguas, e não sejam constrangidos a ter armas e cavallos etc. : e outro-sim ordenou as roupas que devião dar aos aposentados, por Carta dada em 24 de Julho de 1436.

Cintra, patria de D. Affonso V., devia merecer a sua attenção; por isso os moradores desta villa forão participantes da generosidade com que o seu real compatricio não só lhes liberalizou graças, mas satisfez aos seus agravos, que pelo seu procurador fizérão subir á sua real presença. Regulou as aposentadorias de hum modo mais suave, ordenando que áquelles, que duas casas tivessem lhes não tirassem mais que huma, e a outra ficasse livre. Concedeu-lhes terem feira franca, que duraria cinco dias, tendo principio dous dias antes de Santo Antonio, e acabando-se dois dias depois, dando grandes pri-

vilegios aos que a ella viessem , não sendo prezos , nem demandados por maleficios que tivessem commettido.

Concedeu licença a seus moradores , para que hum vez por anno corresssem os lobos , ordenando aos Monteiros que os acompanhassem nas ditas corridas. Ordenou que os memposteiros dos captivos , e outras pessoas que pedem para certas invocações , pedissem em mealheiros para evitar fraudes ; e prohibiu que nenhuma pessoa de qualquer condição que fosse , no tempo das eiras ou fora delle , pedisse para bodos , nem bodas para nenhuma pessoa. Concedeu-lhes que nenhum fidalgo podesse estar de aposentadoria em a dita villa , nem por outra qualquer maneira , posto que para isso tivesse poder d'ElRei ; e que podessem cortar lenha para seu uso nas matas e coutadas , comtanto que não cortassem arvore de fruto.

D. João II. seguiu o exemplo de seu pae ; e D. Manoel , além da reforma de foral , lhes concedeu novos privilegios pela fadiga que seus habitantes tivérão em o ajudar nas obras dos paços , privilegios que seus successores conservarão sempre immunes , incluindo os proprios Filippes , os quaes por successivos alvarás ordenarão lhes fossem conservados.

Achamos desde os primeiros tempos da monarquia doações generosas nesta villa , não só a differentes Ordens de milicia e corporações , das quaes de algumas fizemos menção , mas a

particulares e senhores da Corte, e entre estas de certos bens que pertencêrão a Pedro Fernandes, copeiro d'ElRei D. Affonso III., e seu almoxarife em Lisboa, dos quaes El-Rei D. Diniz fez doação a seu filho Pedro Affonso por Carta dada em Lisboa a 28 de Junho de 1301. E julgando o mesmo Rei ser a villa de Cintra agradavel prenda á sua Santa esposa, a Rainha Santa Izabel, lhe fez della doação com seus padroados, alcaidarias, colheitas, direitos etc.; andando, quasi sem interrupção, na Casa das Senhoras Rainhas suas successoras. Parece que entre estas Senhoras, amou com mais predileção esta villa de Cintra a Rainha D. Brites, pois fez escambo dos bens que possuia na Ega, e Torre da Murta, com os que a Ordem de Christo aqui já tinha, devolvidos dos Templarios, sendo Mestre daquella Ordem Fr. Rodrigo Annes, e Commendador-mór Fr. Lourenço Pires, por escriptura lavrada aos 9 de Junho de 1345, a qual assignarão os Commendadores *que sabião escrever*.

E, na verdade, com razão mostrava esta Senhora tanto empenho em possuir bens nesta terra, pois que he difficil de encontrar em outra qualquer parte tão variada belleza, tão lindos horisontes, e viçosos arvoredos, como se encontram no limitado espaço desta serra; a mesma asperesa dos penedos contrastando com a amenidade dos bosques he talvez hum dos seus mais bellos ornatos. Estes enormes calháus que

parecem expellidos do centro da terra, e provavelmente o forão em alguma commoção deste elemento, formão hum effeito optico, que não he facil descrever: são huma coroa que remata tão bella producção da natureza. Tão variados os passeios, que sempre he novo aquelle que escolhemos; objecto de meditação para o sabio, este solta as redeas á sua imaginação, e ás suas sublimes cogitações; o amante encontra ahi hum novo Eden, o infeliz huma solidão amiga a quem confie as suas maguas, o poeta busca novas inspirações, reflectindo-se-lhe na mente alheada a scena multi-color, leda e deleitosa, em que pascêm huns olhos avidos. Sim, ainda ó Cintra, por os teus valles e grutas echoam os versos divinos de Camões, do namorado Bernardim, e do aventureiro Byron!

Como he bella huma manhã de estio passada neste sitio encantador! Ver erguer-se o sol dando nova vida á natureza, que só repousou para surgir novamente mais radiosa: ver avivar-se as cores deste quadro admiravel, que vão descortinando os nossos olhos: e « já levantado até os peitos tomar posse dos oiteiros, como querendo senhorear-se da terra » á saudação melodiosa das aves, que o proclamão fonte da vida, ente vivificador. Poderoso e benefico, ó sol, não és tu o emblema do *Ente* divino que te creou? Povos, que o adorastes, tem desculpa o vosso erro!

« Mas já hides distribuir a outros povos os

vossos beneficios, fazer-lhes sentir o vosso influxo divino; já declinão os vossos raios; estas nuvens de nevoa que se aglomerão, se separão, que fantasticas scenas produzem! Hum brando vento impelle essas ondas volateis, que pairão na atmospha: rareão as nuvens, lá se descobre hum palacio, mais ao longe hum bosque, eis desapareceu parece verificarem-se as illuções de nossos antepassados, em que fadas benéficas nos brindávão com palacios encantados, viçosos bosques, crença de nossa juvenil idade.

Amontoou-se novamente a nevoa, e veio a noute tomar posse da terra, cessou o canto das aves, e só o róuxinol continúa em suas queixas: apartando o obstaculo que lhe embargava o dar de si mostra, lá surge a lua, não fulgente e radiosa como o sol, mas languida como donzella saudosa. Parece que chora ainda o seu Endymião, que humedece com seu pranto os campos que com a sua luz argentea formosêa, e que por huma doce sympathia influe no coração de todos o sentimento, que a opprime.

Foi huma linda noute destas, passada nesta serra, que inspirou ao Cantor dos Lusíadas a sua primeira, terna, e romanesca Ode, a qual escreveu por occasião de se achar alli a sua D. Catharina de Athaide. Foi talvez depois de haver vellado toda a noute que o nosso poeta, ao despontar da aurora, suspendeu ás portas desse Paço, onde repousava o objecto de seus amo-

res, essa coroa offerecida á noute, confidente dos seus queixumes.

Secreta noute amiga a que obedeço,
Essas rosas [por quanto
Meus queixumes me ouviste] te offereço,
E este fresco amarantho,
Humido ainda do pranto
E lagrimas da esposa
Do cioso Titam, branca e formosa.

Pertende Manoel de Faria e Souza que quiz o poeta nesta Ode encarecer as bellezas de Cintra.

Para ti guarda o sitio d'Ilio
Suas sombras formosas,
Para ti no Erimantho o lindo Epilio
As mais purpureas rosas,
* E as drogas mais cheirosas
* De esse nosso Oriente
* Guarda a felice Arabia mais contente.

Querendo o Commentador que estes ultimos tres versos sejam allusivos áquella fabulosa inscripção profetica da Sybilla que se disse ter apparecido no Templo da lua, quando Nicoláo Coelho chegava com a noticia do descobrimento da India.

Chamou a esta serra o nosso Gil Vicente dama polida, brava e doce, contemplação de amores, e a amada do verão etc.; e pela sua doce temperatura he no estio encalmado frequentada da gente da Côrte, que alli afluê a buscar refrigerio ao calor, e repousar do continuo trafico da vida.

Quando o sol chega a essa quadra em que

mais abraza os habitantes de Lisboa, os de Cintra gosão da mais suave primavera, conservando-se o thermometro de Farenheit dez gráus mais abaixo.

Não só na suavidade de clima, mas em seus variados dons, a natureza foi prodiga com esta serra. Póde muito bem dizer-se que está assentada sobre minas de ferro, de magnete, e de precioso alabastro (de que se fabricou o retabullo do Convento da Pena) e de excellentes marmores, sendo particularmente estimado o preto de Collares. A pouco mais de duas leguas está a bem conhecida pedreira de marmores de Pero Pinheiro, que hoje se veem convertidos em sumptuosos templos e animadas estatuas, que ao Todo Poderoso elevou a piedade d'ElRei D. João 5.^o

Não são menos abundantes os dons de Pomona: florecem os castanheiros, que emmaranhados formão os deleitosos bosques de que são assombrados estes campos, o limoeiro e a larangeira, sustentando em os mesmos ramos a flor e o fruto, espálhã por toda a parte o suave e recendente aroma da sua flor; está o medronheiro com a vermelha côr da sua fruta alegrando a vista; as peras, as maçans, de que tomou o nome o rio de Collares, os pecegos e outras muitas frutas saborosas de toda a qualidade, em copiosa abundancia e variedade, nos estão convidando a colhê-las. Os moradores daquelles sitios vem vendêllas a Lisboa, donde pela grande affluencia de mulheres de Collares empregadas

neste trafico veio o chamar-se ás vendedoras de fruta *Collarejas*.

Não se arreia com menos garbo Flora, es-maltando de flores e boninas os campos, onde crescem sem cultura. A murta consagrada a Venus, o narciso ainda uffano da sua formosura se revê na agua, as modestas roxas viollas, a ce-cem que não consente torpezas, a peonia, o ros-maninho etc., e outras muitas flores mimosas em cheiro, cores, e variedades, formão hum tapete arrelvado destas campinas, que a custo e com pena ouzão os pés amolgar.

Cintra, sitio de delicias! que reflexoens não inspiras ao homem que sente! qual he a alma por mais apoucada que seja, que não se desperte, como por hum aballo electrico, ao aspecto de tuas scenas tão variadas como encantadoras?

Quem, sentado

No musgo de tuas rocas escarpadas

Espairecendo os olhos satisfeitos

Por Ceos, por mares, por montanhas, prados,

Por quanto ha hi mais bello no Universo,

Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,

Poisar-lhe o coração suavemente

Sobre esquecidas penas, amarguras,

Ancias, lavor da vida?

Como assim aprouve á natureza, adornar-te com toda a pompa de suas gallas! Caprichosa lançar-te diante dos nossos olhos como hum quadro magico, que nos desperta a imaginação pela agradável variedade, e multiplicidade de

perspectivas arrebatadoras, que apresentas aos nossos olhos !

O sangue acode ao coração ao primeiro aspecto desses enormes rochedos mal suspensos, que estão ameaçando ruína. Apenas porem subimos a montanha escabrosa, eis toma o sangue o seu novo giro, espraia-se a alma, passem-se os olhos em toda essa verdura de Colares, que como hum tapete se estende pelas faldas da serra e vai acabar no Oceano, cuja superficie ondeante parece confundir-se no horizonte com o azul do Ceu. Esses bosques opacos de bastas arvores, cujos ramos se enredão huns com os outros; esses encanecidos e encortiçados troncos, que cubrirão com a sua sombra humas poucas de geraçoens, por debaixo dos quaes se despenha com arrebatada queda por hum leito pedregoso a espumosa e prateada corrente, que desce do alto da serra, tem hum não sei que de doce melancolia; essa verdura cuberta de hum humor cristalino, essa arvore amiga do passageiro, collocada ao lado da fonte como huma sentinella, que de suas aguas recebe vida, para lhe retribuir em sombra e frescura, e que debaixo de seus verdes ramos nos convida a gosar-mos de hum brando somno, ao som do cadente rugido da fonte; o cheiro embalsamado das flores sem numero, e de variegadas cores; essas arvores sem ordem; esses montes entresachados de penedias, e musgosa verdura; os valles cerrados; o pomifero rio que

vai acabar no mar ; tudo emfim , que a natureza em desalinho e sem arte tirou do cofre das graças para adornar este sitio , nos saltêa e comove tão extraordinariamente , que mais facil he sentil-o do que descrevello com palavras.

Se quereis , porem , que a vossa alma seja agitada por impressoens violentas , se quereis gosar de hum voluptuoso horror , se o genio de hum Byron vos inspira , ou vos atormenta , vinde passar hum dia de tempestade a Cintra. O mugido das ondas que se levantão em montanhas encapeladas , os ventos arrebatados , que sibilão por entre as arvores carcomidas , que mistúráo o sussurro de seus ramos com o rouco fragor das vagas do mar rebentando na rocha ; o raio que estalla , e dilata por entre os valles o medonho som do trovão ; o cerrado do dia tornado em noute escura ; este dia facticio , que vai emprestar ás trevas da noute huma luz de inferno ; toda esta confusão da natureza , como se o dia se tivesse trocado com as sombras , o elemento humido quizesse invadir os limites do elemento arido , o firmamento amalgamar-se com a terra ; achareis nesta confusão da natureza huma musica compassada ao vosso coração , se elle nuta entre vagas como estas.

Mas levantemos o nosso tosco pincel , que mal póde debuxar scenas , cujos effeitos se sentem , mas não se podem descrever , e tomemos novamente a pena para continuar-mos com a descripção estatistica e topographica desta vil-

la. Em huma quebrada da montanha está situada a villa, e o paço real, que forma ao longe hum effeito mui pinturesco : no centro da praça se vê hum repucho, de cantaria lavrada de obra antiga, que suppomos obra d'ElRei D. Manoel, que recebe agoa, que vem do cume da serra, para o serviço do paço.

Logo ao pé ha huma alpendrada que serve de mercado, e na mesma praça está a hum lado a Misericordia, e do outro a Igreja de S. Martinho, de cujo adro se avista huma linda perspectiva. Tem sido sempre esta villa cabeça de Concelho, antigamente presidido por juiz de fora, sujeito ao Corregedor da Comarca de Alemquer, e provedoria de Torres Vedras; hoje porém ao districto administrativo de Lisboa, e julgado de que esta villa he Cabeça. Teve voto em Cortes, e assento no 6.º banco; tem por armas hum Castello com tres torres; e tinha Capitão mór que governava as ordenanças de Cintra, e Collares.

Confinação os limites do seu Concelho, pelo Norte com os do Concelho de Mafra; pelo Sul, com os de Cascaes e Bellas; pelo nascente, com o termo de Lisboa; e pelo poente, com o de Collares. Contém a villa e seus arrabaldes, 545 fôgos, e 2:562 habitantes distribuidos pelas tres freguezias de S. Martinho, S. Miguel, e Santa Maria. O termo do Concelho desta villa se compoem das Freguezias de Alcaínça grande, Igreja Nova, S. João das Lampas,

Montelavar, S. Pedro de Penaferrim, Rio do Mouro, Terugem, com 2:463 visinhos, e 10:702 habitantes, constando ao todo a população desta villa e seu termo em 3:008 fogos, e 13:264 habitantes.

FREGUEZIAS DA VILLA.

Freguezia de S. Martinho.

Está esta Freguezia situada na praça da villa, que fica nas abas da serra: he sua fundação tão antiga que remonta ao principio da monarquia. Foi arruinada pelo terremoto de 1755, e em quanto se não reedificou, se fizêrão os officios divinos nas cazas do Marquez de Pom-bal. Consta a sua população de 356 fogos e 1:800 habitantes, e confina o seu districto com os da Freguezia de S. Miguel, e Santa Maria do arabalde da villa, de S. João da Lampas, e Terugem, no termo deste Concelho, e com o da villa e Freguezia de Collares.

Consta o dito districto, de dezoito povos, ou logares denominados —

O local da villa em que ha 144 fogos

Ribeira	-	-	-	-	-	-	-	-	10
Cabris	-	-	-	-	-	-	-	-	11
Varzea de cima	-	-	-	-	-	-	-	-	12
Meiraner	-	-	-	-	-	-	-	-	2

Somma ---- 179

Vem da antecedente ----- 179

Mata do Paço	- - - - -	3
As Granjas	- - - - -	3
Varsea debaixo	- - - - -	15
Figueirinha	- - - - -	3
Carrascal	- - - - -	9
Morelino	- - - - -	28
Jaunas	- - - - -	30
Zibreira	- - - - -	15
Nafarros	- - - - -	34
Gallamares	- - - - -	16
Quinta do Casalinho	- - - - -	3
Quinta da Piedade	- - - - -	5
Quinta de Penha Verde, com	»	
suas annexas	- - - - -	13

Somma ----- 356

O numero medio dos nascidos de ambos os sexos, em cada hum dos cinco annos de 1815 a 1820 foi de 52, o dos mortos 52, o dos expostos de 8, e dos cazamentos de 8.

Na mesma praça, e districto desta Freguezia, está a Cadeia, e Caza da Misericordia, que tem hospital onde se curão os pobres, e tinha rendas para a sua manutenção. Antes da fundação desta Santa Caza, que foi no governo da Rainha D. Catharina, em cujo tempo se lhe annexarão os Hospitaes do Santo Espirito, e dos Gafos, já nesta villa existia a Confraria de Santa Catharina, instituída na Igreja de S. Miguel no anno de 1301, pelo beneficiado João Migueis,

cujos irmãos remediávão necessitados, vestião pobres, e sustentávão miseraveis, curando os enfermos, e tendo para todos Hospital.

O primeiro objecto que se apresenta aos nossos olhos com huma agradável admiração, apenas se dobra a empinada descida de S. Pedro para entrar em Cintra, he o paço real, a quem o Conselheiro de Estado, Ricardo Raimundo Nogueira, na sua descripção poetica desta serra, com bastante propriedade chamou coroa de Cintra. A elegante irregularidade de sua architectura, as suas elevadas chaminés, de huma forma conica, a belleza de suas janellas, cujo lavor he de hum gosto puro Arabico, representando troncos enlaçados de arvores despidas de folhas, são os objectos que externamente mais occupão a nossa attenção.

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados,
Na planicie tranquilla, que memorias
Não estais recordando saudozas,
Dos bons tempos de Lysia!

E na verdade, que ideias não suscita este edificio tão antigo como airoso, se quizer-mos remontar á epocha da sua fundação, ou antes reedificação. Nesse tempo que por toda a Europa se curvava o jugo ao mais ferrenho, e insupportavel feudalismo, que os palacios dos Reis érão castellos fortificados, para os abrigarem da furia de soberbos Senhores; que esses mesmos pequenos potentados, em continua guerra se fortificávão, para rechazar as aggressões huns dos

outros, aqui não encontramos, nem séteiras, nem torreos, nem fossos, nem barbacans, que reproduzão á nossa imaginação as scenas de horror daquelles tempos; bem pelo contrario, esses fragmentos do antigo edificio, se ostentão como padrão da vida deleitosa, pacifica, e mansa dos seus primeiros habitantes, nelles com saudosa recordação ainda descortinamos os vestigios da bondade, e vida patriarchal desses nossos antigos reis que

Sem ferro ou fogo que espante,

Com duas canas adiante,

Hião amados, e hião temidos.

As portas desta salla se abrião, para dar entrada a huma população religiosa e animada, que vinha folgar com o seu rei nas sollemnes festividades da Igreja, aqui representávão os seus auctos Biblicos, em que os nossos principes se não pejarão de fazer hum papel; estes atrios se enchião dos povos comarcãos, que acudião de longe aos bôdos, aos torneios, e corridas de touros, onde os nossos antigos cavalleiros hião ostentar a sua galhardia; as paredes desta salla ainda echoam o arulho de ternos beijos; os grossos, e elevados muros deste banho, não tolhem aos olhos da imaginação a fantazia de hum amante namorado, que rompe os arcanos mais vedados; lá junto áquella fonte repousou huma princeza, emballada pelo murmurio da agua que se despenha por varias bocas.

Foi este paço tão elegante pela sua architectura, como fertil em recordações, edificado

por ElRei D. João I., ou antes por elle reedificado, e augmentado por seus successores. Carta disposição interior do paço, juntamente com a architectura Arabe pronunciada das janellas, o nome de Meca, que ainda conserva hum terreiro, além de outros motivos, me confirmão na opinião, que antes d'ElRei D. João I. levantar estes paços, já ali existião algumas obras de tempo dos Mouros; a mesma irregularidade de construcção demonstra que forão diversos, os que edificárão.

He bem possível que este edificio, fosse a pequena Alhambra dos reis Mouros de Lisboa; que de certo não escaparia á sensualidade destes Orientaes, ter huma habitação em hum paiz onde a natureza está chamando o homem aos maiores gosos da vida.

Hum viajante instruido, que além das suas viagens no Oriente, tinha visitado Granada, e a Alhambra, esse paço encantado, me seguiu que achava no de Cintra [sem contudo ter hum perfeita analogia] hum não sei que, hum certo toque, que lhe fazia recordar aquelle celebre edificio. Em todas as nossas cazas reais, as salas costumão ter hum mesma denominação, como sala dos Archeiros, da tocha, do dozel etc., neste paço porém, como na morada do ultimo rei Mouro de Hespanha, estas tomão o nome de recordações particulares. Assim como ali os olhos crédulos buscão, no pavimento de marmore da sala dos Abencerages, o san-

gue desta infeliz tribu, assassinada por ordem do rei Boabdil; do mesmo modo aqui os ladrilhos gastos de huma salla são triste padrão, e funesto exemplo a futuros de hum crime igualmente atroz; como alí se vê a salla dos Embaixadores, e da justiça, aqui se mostra a da Audiencia de triste lembrança, pela ultima que he tradição que alí se déra. A salla das duas irmans, o Camarim, o jardim de Lindaraya, onde vinhão as Mouras ao sahir do banho respirar a frescura do ar, e o perfume embalsamado das flores; aqui se veem reproduzidos na caza do banho, e nesses odoriferos laranjaes, para manutenção dos quaes, ainda em 1640, se pagávão dous escravos.

Atravez das profanações da moderna, e mesquinha architectura, que affeem esta deliciosa vivenda; a cada passo está sobresahindo a elegancia, a graça, a poesia e delicadeza do antigo cinzel Oriental, já nessas janellas imitando delicados troncos, já nessas fontes perenes, que este paço tinha em tanta abundancia, contando-se dezasete distribuidas no seu interior, adorno tão frequente destes edificios, com que os Arabes sabião melhor que nós modificar hum clima calido, despertando ao mesmo tempo a voluptuosidade do sentido de ouvir, com huma musica tão agradavelmente melancolica. Architectura sublime, e magestosa, colossal, e aerea, não monotona e compassada, mas rica de variedade; não silenciosa e muda, mas ani-

mada e viva, fazendo fallar as pedras, que os nossos antepassados soubêrão tão felizmente imitar, e conservar até ao glorioso reinado d'El-Rei D. Manoel. Disse poesia, e com alguma propriedade, porque os nossos maiores quando construíão compunhão, e Templo ha ahi, mandado derrubar por hum *firman* desses nossos Licurgos modernos, que por si só he hum livro. Se estes se perdessem, se as chammas reduzissem a cinzas as memorias escriptas de nossas historias, lá estávão os Templos! lá estava Alcobaca, padrão do começo da era de gloria de hum povo; Batalha da sua independencia, e liberdade; e Bellem do maior feito que homens hão comettido desde a era de Christo.

Quem acreditará que, neste seculo tão illustrado, se acha este paço antigo, obstruido de pequenos cubiculos forrados de ridiculo papel pintado, e que o tecto pintado, que ainda se conserva, da antiga salla da Galé se occulta, por ter de permeio hum forro moderno, descuberta que devemos a hum pedreiro, que nos disse o vira, hindo concertar o telhado!

A frequencia dos reis anteriores, a epocha em que se suppoem a sua fundação, principalmente d'ElRei D. Affonso IV., que vinha a esta terra caçar, o que deu lugar á corajoza intimativa de seus Conselheiros, e sobre tudo a doação d'ElRei D. João I., destes paços, ao Conde D. Henrique corrobora o que temos dito relativamente á sua primeira origem. ElRei D.

João I. foi acclamado rei a 6 de Abril de 1385, e em 4 de Dezembro do mesmo anno, achámos huma carta de doação sua, datada de Villa-real de Panoias, em a qual diz » que pelos muitos serviços que tem recebido, e espera receber do Conde D. Henrique, dôa para elle, e para todos os seus filhos e filhas, netos e bisnetos, que delle descenderem por linha direita, e de todos os seus descendentes delles, todos os nossos paços que nós havemos na nossa villa de Cintra, com todas suas entradas e sahidas, direitos e pertenças, por aquella mesma guiza que os *nós havemos*, e de direito devemos d'aver, e *que os avião os reis que ante nós foram.* » Ora aqui temos pela boca do mesmo rei confirmada a nossa asserção, e he bem natural que este soberano, tão empenhado na defeza da sua corôa, só depois de aquietado o reino, se occupasse deste edificio de prazer, e em huma epocha posterior ao seu casamento, se quizermos dar algum credito á tradição da salla das pegas.

Seu filho, o Sr. D. Duarte, era muito apaixonado destes sitios, e nestes paços residia frequentes vezes, como se vê da seguinte Carta, dada na mesma villa, no anno de 1436, na qual concede varios privilegios aos moradores da dita villa, cujo theor he o seguinte:

» D. Duarte pela graça de Deos, Rei de Portugal, e do Algarve, Senhor de Cepta. A quantos esta Carta virem, fazemos saber que consirando nos como vymos a esta villa de Ssin-

tra muytas veses ter allguns verãos. E assim cremos o farão os Rex que depoes nos vyerem, por acharmos a terra de mui boos ares e agoas e de Comarquas em que ha grande avondança de mantimentos de mar e de terra, e por a nossa mui nobre e leal Cidade de Lisboa ser tão acerqua, e aver-mos em ella açaz de folganças, e desenfadamentos de montes e de caças. E por termos em ella nobres paços de mui espaçadas vistas, e vendo que para aso de nossos estados os moradores da dita villa e sseu termo recebem allguns nojos e perdas em allguas coussas que jeralmente se não podem escusar em pumares e vinhas e ainda nas poussadas, posto que elles ajam outros proveitos dos mantimentos que vendem melhor, por nossa estada. etc. » termina concedendo varios privilegios.

D. Affonso 5.^o nasceu nesta casa, no anno de 1432, a qual em seu tempo era cercada de hum espesso arvoredó, como se vê de huma carta de privilegios, dada a esta villa pelo mesmo Soberano, para que possão cortar lenha nas matas coutadas, não cortando arvore de fructo. » E isto se não entenda nas matas dos pinheiros e das Callordas e na mata grande e na mata pequena, e na foz do touro, nem nos outros matos que estão arredor dos nossos paços dessa villa, e também deffendemos, que não cortem por todas as outras matas nenhuns castanheiros ou sobreiros, porque nós praz que em todo se não deffesos. » Fez este rei obras neste palacio,

pelos annos de 1459 , pelo qual motivo , considerando o grande trabalho que continuadamente levávão os moradores , e visinhos desta villa ; assim por causa das obras que mandou fazer nos ditos paços , como por pouzarem com elles as pessoas da sua Corte , as muitas vezes que ali vinha estar , lhes fez certas graças e mercês , para a dita villa ter *aso* de ser melhor povoada , e supportar os ditos trabalhos.

D. João 2.^o fez novas obras , ou reparou as antigas , porque do seu tempo achâmos huma doação das obras deste paço , a João Cordeiro , e nomeou por Carta sua , capellão da capella do paço , a Thomé Rodrigues , clerigo de missa morador na dita villa , designando-lhe o mantimento que lhe devia ser pago pelo almoxarifado , o qual lançâmos aqui como documento curioso , por nos dar noticia dos preços correntes daquelle tempo , e vem a ser 10 \$ 000 réis de mantimento para elle e hum moço da maneira seguinte : 2 \$ 580 rs. por 83 alqueires de trigo para elle , e para o dito moço a razão de 7 alqueires por mez a 30 rs. o alqueire , 1 \$ 920 por quarenta e oito almudes de vinho a razão de 40 rs. o almude , 1 \$ 584 rs. por 18 arrobas de carne a razão de arroba e meia por mez , e de 80 rs. a arroba. E 520 por quatro duzias de pescadas por mez , e de 130 rs. a duzia. E de 1 \$ 200 rs. para o dito a razão de 100 rs. por mez e 2 \$ 000 rs. que valem 10 covados de bustol para se vestir , e 600 rs. que valem 6 varas de Galles.

El-Rei D. Manoel ampliou estas obras com successivos trabalhos. Achámos do seu tempo huma quitação a João Vaz de Lemos do que tinha recebido dos officiaes das obras dos paços de Cintra, que tinham recebido mais do que devião de haver, e tinham merecido cento e nove mil e setecentos réis, dada no anno de 1507. No anno de 1508, mandou passar hum Alvará para se darem 120 \$ 000 rs. ao almoxarife de Cintra, para pagar aos pedreiros do aposento do principe. No de 1519 passou outro alvará para se dar para as obras de Peralonga e paços de Cintra a madeira necessaria. Quando stupefactos admiramos esses sumptuosos edificios, que ainda hoje resistem á furia devastadora de nossos contemporaneos, perguntamos a nós mesmos como poderão os nossos reis antigos, e alguns em tão curto espaço construir obras tão portentozas? Que recursos, que thesouros possuião? Não se venha com a declamação vaga de que as riquezas das collonias forão enterradas nestes magestosos edificios, cuja concepção bastaria para amedrontar as vaidosas cabeças de nossos polidos coevos. Alcobaça, Santa Cruz; tantas villas e castellos edificadas em o só reinado de hum D. Diniz; a Batalha, e outros tantos edificios, não forão levantados com as riquezas do Ultramar. Esses thesouros inexgotaveis erão o amor dos povos e o seu verdadeiro patriotismo, concorrendo com o rei á porfia, para illustrar por todos os modos a sua patria. Assim Lisboa no

breve espaço de dous annos no reinado d'El-Rei D. Fernando, foi cercada de muros concorrendo os povos que vivem entre Setubal e o Tejo, para a obra do lado do rio, e para o lado da terra os povos convisinhos de cinco legoas em redor. Assim entre outras obras se construirão estes paços pelos povos de Cintra, desejosos de terem morada propria de hospedarem os seus reis, concedendo-lhes estes além das graças que os povos obtinham pela frequente residencia nesta villa quando a ella vinhão passar o verão, muitos privilegios expressamente para os indemnizar da fadiga que tinham em os ajudar nas ditas obras.

Já antes he natural existisse a *caza do banho*, que por crivos mui miudos despede em todas as direcções huma chuva copiosa de agoa. Esta caza conjecturamos que fosse da primitiva construcção do paço; renovada por algum dos reis que nelle edificárão, hoje está cuberta em parte por hum tecto moderno posterior ao terremo.

Existia a *salla dos Infantes* como consta de huma confirmação d'El-Rei D. Manoel, dada em Extremoz a 3 de Fevereiro de 1497 a hum alvará d'El-Rei D. João II. concedendo aos moradores da villa de Cintra como já em tempo deste Rei era costume, o fazerem a festa do Espirito Santo na chamada *salla dos Infantes*, e cortarem nas matas toda a lenha que lhe fosse necessaria para a dita festa.

He obra d'ElRei D. João I. a *salla das pegas*, cuja origem a tradição dá á seguinte anecdota. Sendo encontrado este rei por sua esposa, beijando huma de suas damas, porque o fazia por sincera amizade, e não por criminoso amor, respondeu á rainha agastada, que tinha sido *por bem*; e com esta legenda que bem podemos assemelhar ao "*Honi soit qui mal y pense*" dos Inglezes, mandou edificar huma *salla* cujo tecto he pintada de pegas para que esta *ave* como falladôra apregoasse a sua innocencia, e a pureza injustamente maculada daquella donzella; outros menos galantes, e cuja opinião não seguimos, pertendem que tendo-se divulgado no paço esta aventura, e corrido de boca em boca entre as outras damas, ElRei para as castigar mandou pintar esta *salla* com as ditas aves como symbolo da sua loquacidade.

He esta *salla* huma das mais antigas do paço, por quanto esta legenda *por bem*, era o mote ou tenção d'ElRei D. João I. assim como *Il me plait*, o da rainha D. Filippa sua mulher; costume usado antigamente pelos nossos principes, de juntarem estas tenções ou mottes ás suas armas.

Ainda Camões não tinha enchido o orbe com o pregão da gloria Lusitana, já D. Manoel tinha meditado e executado o plano de levantar hum trophéo á gloria dos Portuguezes, reunindo os escudos dos fidalgos do reino ganhos no campo de batalha, para que servissem de

incentivo a seus filhos e netos , immortalizando por este modo os venerandos feitos de varões tão dignos de eterna fama. Para este effeito mandou ver [como diz o seu chronista] totalas sepulturas do regno , para dellas se notarem as armas , insignias e letreiros que nellas havia , das quaes armas mandou nos paços de Cintra , pintar todos os escudos com suas côres e timbres , em huma formosa salla que para isso mandou fazer , além do que mandou fazer hum livro muito bem illuminado , em que estão pintados os mesmos escudos da linhagem da nobreza destes regnos &c.

Chama-se esta salla *das armas* , ou dos *Cervos* , porque do collo de cada veado pendem os setenta e quatro braços de diversos appellidos , tendo os timbres na armação , que se achão pintados em dois circulos , e por isso sem precedencia. Aqui não estão todos os braços da nobreza Portugueza ; porém , parece que os daquellas familias que andávão na Côrte e serviço do paço.

No meio do tecto estão as armas reaes , ao redor as do Principe e Infantes D. Luiz , D. Fernando , D. Affonso , D. Henrique , D. Duarte , D. Izabel , D. Brites ; as familias que alli tem os seus escudos são as seguintes :

Abreu
Aboim
Aguiar
Albergaria
Albuquerque
Almada

Almeida
Andrade
Area
Asevedo
Ataide

<i>Barreto</i>	<i>Mendonças</i>
<i>Betancour</i>	<i>Meneses</i>
<i>Borges</i>	<i>Miranda</i>
<i>Brito</i>	<i>Moniz</i>
<i>Cabral</i>	<i>Mata</i>
<i>Carvalho</i>	<i>Moura</i>
<i>Castelbranco</i>	<i>Nogueira</i>
<i>Castro de seis aruellas</i>	<i>Noronha</i>
<i>Castro de treze</i>	<i>Peganha</i>
<i>Coelho</i>	<i>Pacheco</i>
<i>Corte real</i>	<i>Pereira</i>
<i>Costa</i>	<i>Pimentel</i>
<i>Coutinho</i>	<i>Pinto</i>
<i>Cunha</i>	<i>Queirós</i>
<i>Eça</i>	<i>Ribafria</i>
<i>Faria</i>	<i>Ribeiro</i>
<i>Ferreira</i>	<i>Sá</i>
<i>Gama</i>	<i>Sampayos</i>
<i>Goes</i>	<i>Sequeira</i>
<i>Gouvêa</i>	<i>Serpa</i>
<i>Goyos</i>	<i>Serveira</i>
<i>Henriques</i>	<i>Silva</i>
<i>Lemos</i>	<i>Silveira</i>
<i>Lima</i>	<i>Souto maior</i>
<i>Lobatos</i>	<i>Souza</i>
<i>Lobeiras</i>	<i>Tavares</i>
<i>Lobo</i>	<i>Tavora</i>
<i>Malafaya</i>	<i>Teixeira</i>
<i>Manoel</i>	<i>Valente</i>
<i>Mascarenhas</i>	<i>Vasconcellos</i>
<i>Meiras</i>	<i>Vieira</i>
<i>Mellos</i>	

Por baixo ao longo da aba do fôrro deste tecto
estão escriptos estes quatro versos, nos quatro
lados das paredes da caza com letras palmares
de ouro

Pois com esforços e leaes
Serviços forão ganhados

Com estes e outros taes,
Devem de ser conservados.

Com o terremoto de 1755, soffreu este paço grave ruina, a qual foi reparada pelo Marquez de Pombal, deteriorando-se por esta occasião a sua antiga architectura; este lhe acrescentou hum bella chaminé que tirou das ruinas do paço de Almeirim, a qual tinha sido presente de hum papa, e que agora se vê em hum das suas salas.

Mais posteriormente fizêrão hum triste reforma na Capella, cobrindo antigas pinturas do 15.º seculo. Ha annos fazendo-se obras neste palacio, se encontrou hum camínho subterraneo, e nelle hum prato de baixella do Cardeal rei.

Para que o leitor possa melhor conhecer qual era este elegante paço antigamente, além da estampa que aqui juntamos de Duarte d'Armas pintor do reinado d'ElRei D. Manoel, acrescentamos duas descripções antigas, hum de Antonio Coelho Gasco, que de hum manuscrito seu extrahimos; e outra do nosso conhecido poeta Luiz Pereira.

» Em a qual villa de Cintra estão edificad^{os} aquelles nobilissimos paços, que em Hespanha não ha outros mais formosos onde os gloriosos reis de Portugal assistião os verões, pela frescura de seu alegre sitio, os quaes tem diante de si hum grande terreiro, e no meio d'elle está huma perene fonte de agoas clarissimas e saborosas, feita de finissimo marmore, e de obra

mui singular e perfeita. Logo se vê outro pateo maior e mais real onde se corrião touros, lugar bem decente para elles, onde se jogávão canas e torneios. Delle se vai subindo por huns degraus de pedra, que no fim delles se vê outro real pateo no meio, com huma elegante fonte, por cujos esguichos sahe muita agoa, e salutifera. Depois vão subindo por outras largas escadas de pedra, onde se vão dar em humas sallassas mui grandes e formosas todas douradas com varios remates e curiosos laços de moldura, com que ficão mais realçadas e reaes, além da prima e illustre architectura com que polidamente estão traçados e lustrados com mui grandes janellassas de obra antiga e mui real, que de relevo se vê em seus marmores de que são todos grandes laçarias e lavores, que parecem que são ahi feitas de cera. E todas as mais espaçosas cazas deste palacio, estão todas cosidas e lavradas de ouro, e em todas ellas que são muitas, tem fontes formosissimas de reluzente jaspe; que dão grande graça e formosura a todas ellas, porque parecem hum monte Parnazo de frescura. Daqui se vai a outra salla que em sua grandeza e magestade, não ha que dezejar, toda coberta de ouro, e nella pintado mui vivamente muitas pegas, por onde he chamada a salla das Pegas. Della se vai por huma escada mui larga e formosa de fina pedraria, no fim da qual está a mais rica e sumptuosa caza real que houve no mundo todo, que além de ser mui grande e es-

paçosa, he quadrada e mui alta, rasgada com muitos e grandes portaes de janellas, com que sempre está clarissima. No grave tecto della se vem todos os braços e insignias da nobreza de Portugal, todos de fino oleo pintados, cujos escudos estão lançados aos pescoços de veados, e na verdade que não ha campo mais cheio de flores, mais ameno e suave aos olhos, que esta fermosissima caza. E basta para delles se dizer que forão feitos por aquelle magnanimo rei D. Manoel. Desce-se desta real caza das Armas (que assim se chama) para a Capella real, que he do Espirito Santo, é depois para hum grande terreiro que chamão Meca, donde se descobre todo o horizonte que he huma das fermosas vistas que se podem ver, porque delle se representa hum paraizo térreal pintado que faz a frescura daquellas fermosas quintas e verdes pumares, descobrindo até o rio das maçãs, e horizonte de huma nunca vista primavera. E voltando os olhos ao mar se vê muitas legoas delle cauzando tambem com suas agoas saudades na alma. Entre outras muito grandes que tem, ha huma caza de agoa, que em se metendo huma pessoa nella sahem tantos esguichos, que se vê toda coberta della n'hum momento. E á banda direita destes ricos aposentos, está huma rua mui grande de mui boa cazaria, em que se aposentávão os criados d'ElRei &c.

Assim n'hum estilo exagerado, tendo só por merecimento a antiguidade, descreve este au-

thor este Palacio; darêmos agora a descripção
do Poeta da catastrophe de Alcacerquebir.

Sintra se chama esta deleitosa
Parte onde repouso o moço engeita,
Vai pensativo achar hũa cavernosa
Pedra de largo ventre & porta estreita,
Ousado entra na gruta cavernosa,
E huma lamina dentro escrita espreita
Toda Arabios versos a occupavam,
Que grandes couzas lhe pronosticavam.

Sahe o Rey muito mais triste e turbado
Do concavo penedo imaginando
No novo cazo onde descuidado
Em varios desconcertos vai cuidando:
Oh! o como me levava alvoraçado
(Se a cauza fora amor) atras chorando,
Pois claras agoas verdes arvoredos,
Não puderão fazer seus olhos ledos.

Descobre a breves paços altos teitos
Por entre a espessa & verde rama,
D'alguma mais que umana industria feitos
Quaes não cantou moderna ou antiga fama,
Não consumindo outros tão perfeitos
O largo tempo ou Dardania chama,
Igualmente o lavor se ali reparte
Não excedendo a materia á arte.

Entrá subindo por torcida escada
De mármorez luzentes jaspeados
A varios corredores de estremada
Vista e parapeitos relevados,
Ouvem a voz umana retumbada
Os passaros nocturnos e espantados
Fugindo vão da luz e teitos ricos
A dar nas mãos dos inimigos bicos.

Entrando logo na maravilhosa
Casa dos brancos Cisnes, que guardando
O costume na morte tenebrosa,
Parece certo ali que estão cantando:
Avante passa onde huma dolorosa
Nympha mostrava estar-se-lhe queixando
Da agoa que por cima lhe corria,
Que n'uma cûrva concha ali cahia.

Dũa banda do solio coartado
Sahindo da clara agoa hũa espadana,
Que mais de dous lanços levantado
Parece que repugna á industria umana:
Da outra parte hum tecto está dourado
Que os quatro ventos tem por onde mana
Fresco rocio & ás veses se esprimenta,
De bravo inverno ali brava tormenta.

Logo a Galé avante a vista espanta
De tarjas cheia onde está pintado
O monstro da septivoca garganta
E cerebro trifauce encarniçado:

Ipomanes que atras vai de Atlanta,
Cefalo que madruga namorado,
Bosques batalhas & selvages feras,
Sulfureas grutas, orridas chimeras.

A Camara das Pegas antre aquelles
Aposentos estava & e outros que calo
Cujo lavor o grande Praxiteles
Nem Calicrates mal podem iguala-lo:
Pois Parrasio Protogenes & Apeles,
Timante com os mais em que não fallo,
Se ficarão suspensos na pintura
Parceiros acharião na Escultura.

Em fim (por dar remate) o moço entrando
Pela casa dos Cervos estendia
A vista em varias cousas a occupando
Que ali de seu cuidado o suspendia:
O espirito bravo levantando
Vendo que hum forte escudo ali pendia
De cada hum dos cervos que mostrava
Levar gloria no pezo que levava.

Os escudos braçoens são do esforçado
Bravo Luso & de tropheos antigos
Onde se vê o que he por sangue onrado
E o que deve a onra a graves perigos:
De reis Duques o sangue derramado,
De capitaens (flagelo de inimigos)
E o da que morta Pedro lhe procura
Melhor que Mauseola sepultura.

Os Loronhas , os Essas , Alencastros ,
Meneses , Melos , Souza , Manoeis ,
Coutinhos , Telos , Telez , Faros , Castros ,
Silvas e Aragoens tambem vereis :
Almeidas & Mendonças & outros Castros ,
Castelos brancos e outros que sabeis
Que aqui não he razão que vos nomeie
Porque com tanto nome os não enleie.

Tambem ali dos inclitos Pereiras
As Cruses tão temidas se mostravam ,
Barretos , Athaides & Silveiras ,
Tavares & Saldanhas tambem estavam :
Nos pendentes escudos se pintavam
Castelos , Serpes , barras & bandeiras ,
Memorias dos tropheos que ganharam
Os que de si memoria alta deixaram.

Os Gamas & Albuquerque animosos ,
Que com razão aqui no alto pendurão
No tecto seus brazoens mais gloriosos
Que os dos que supera-os não procurão ,
Os Cunhas e outros muitos valorosos
Que a vida por ganhar fama aventurão
As devisas aqui tem penduradas
Das cousas que fizeram sinaladas.

Se este paço foi n'outro tempo theatro dos
prazeres de nossos antigos soberanos elle foi

egualmente testemunha das mais tristes scenas da sua vida. Abafarão as suas muralhas os ultimos alentos de hum rei que cortada a esperanza de ambição de mais largo mando, succumbe sob o peso da melancolia enfastiado de hum mundo que confessa não ter conhecido. Na mesma sala onde tinha nascido falleceu este Rei [D. Affonso 5.º] e aqui foi acclamado seu filho D. João 2.º no jogo da pella contando de idade 26 annos.

Junto destes paços em hum cerrado bosque, he fama, se retirava só alta noite o joven Rei D. Sebastião, e ainda aqui se mostra a sala e cadeira onde, segundo a tradição, este malaventurado principe déra a sua ultima audiencia.

Ouvirão as paredes deste paço as imprecaçoens de raiva de hum Rei ultrajado na sua honra e dignidade: foi aqui que esteve recluso D. Affonso 6.º derrubado do throno por seu Irmão e sua propria Esposa. Mostra-se ainda o quarto onde este desgraçado Monarcha passeava a sua desesperação, cujos ladrilhos se veem ainda gastos daquelle porfiado movimento com que se distrahia, em tão apurada situação. Antes occupava outro quarto donde ao menos podia vêr o campo porém sob pretexto que entretinha relações com os seus partidarios por meio de signaes que lhe fazião do castello da Villa foi deste mudado. Na Capella por cima do coro está hum a abertura praticada na parede donde ouvia Missa, mandada fazer expressamente para não

ser visto do povo, assim como na janella do seu quarto ainda se veem os signaes das grades de ferro que forão arrancadas. Nesta casa viveu o resto de seus dias em duro captiveiro, até que falleceu sendo trasladado para o Mosteiro de Belém onde jaz em caixão de madeira por trás do altar mór.

O seu corpo que ali vimos inda ha poucos annos se conservava inteiro apenas com alguma ruina no nariz, estava vestido de roupas de seda sem insignia alguma de realaleza; perguntára eu o motivo disto, assim como de se lhe ter negado sepultura no jazigo dos Reis da sua dynastia? Ali, debalde os braços mirrados do primeiro Rei dos Braganças esperarão pelo seu primogenito para o arrojarem no mesmo pó da sepultura, debalde — junto aos mutilados restos de hum Rei que por demaziado ardimento perdêra a coroa como elle a perdeu por pouco valor e conselho, jazem os despojos mortaes deste infeliz principe, os quaes trazendo-nos á idéa quanto em vida fôra desgraçado, e calando em nós qualquer outro sentimento, nos move a desculpar e esquecer os desvarios e imprudencias da sua mocidade e só provoca a nossa compaixão.

A' entrada da Villa ha dois caminhos que ambos vão ter á Villa de Collares, no que vai por cima está a Fonte da Sabuga, seguindo-se-lhe mais adiante a da Pipa de cuja agua se aproveitão a maior parte dos moradores da Villa; pouco mais adiante passado o arco do Marquez

de Pombal no fim da descida se vem cruzar o caminho de baixo, o qual tendo passado pelo centro da Villa, e ficando-lhe á esquerda a casa do dito Marquez de hum a antiga architectura, vem neste ponto formar hum só corpo de estrada a mais deliciosa, pela aprazivel vista que nos apresenta do lado direito da povoação e Paços Reaes, e pela amena espessura dos annosos troncos que pendurados do lado esquerdo pela encosta do monte, formão com os seus ramos entetecidos e debruçados, hum a abobada de verdura, doce refugio ao calor onde os raios do sol não penetrão. Logo adiante se vê a fonte dos Pisoens, cercada de assentos e cuberta de mimosa sombra, em frente de hum a casa que hoje serve de hospedaria. Algum archeologo nos intentaria aqui provar que neste logar devia ter existido algum monumento dedicado á familia dos Pisoens e provavelmente dos mesmos a quem Horacio dirigiu a sua epistola; nós porém lhe conjecturamos etymologia mais modesta, isto he, que de alguns pisoens, que pela muita abundancia de agua que desce da serra a este logar aqui existissem antigamente, derivassem o nome o sitio, e a fonte.

Fica logo adiante ao lado esquerdo hum a cascata em hum a abertura na encosta da serra, coberta de hum opaco arvoredor com assentos dos lados, a qual recebendo as aguas do alto da serra, forma hum a torrente prateada e espumosa, quando no inverno se despenha por aquella rocha.

Do lado opposto fica a quinta do Relógio : aqui novamente a estrada se divide em dois ramos que ambos conduzem a Cellares. Seguindo a direita , por baixo de hum frondoso arvoredado semeado de deliciosas casas de campo , se vai descer á ponte Redonda lançada sobre o rio que mais longe toma o nome das Maças. Subindo porém á esquerda a poucos paços encontramos a quinta da Regaleira tão celebrada pela amena frescura de seus arvoredos , bondade e finura de suas aguas frigidissimas no mais intenso calor do estio , e pela frequencia de pessoas que nas horas mais calmosas do dia affue a esta agradável estancia , a gozar o regalo de suas sombras. Pertenceu antigamente esta quinta a hum clérigo , o qual lhe mandou pôr as cruces da Via-sacra na rua principal que conduz á fonte : parece ter trasladado as bellezas do Céu neste paraizo terrestre , e pela instituição pia , e contemplação das cousas divinas antecipar-se neste mundo nas delicias do paraizo celeste.

Seguindo a mesma estrada de Collares se vê do lado direito hum grande rocio chamado Senteais por huns por reproduzir o som repetido como cousa viva e que sente , e por outros Seteais por repetir o mesmo som sete vezes. Lucrecio faz menção destes echos —

*Sex autem aut septem, loca vidi reddere voces
Unam cum jaceres; ita colles collibus ipsis
Verbera repulsantes iterabant dicta referre.*

Neste campo costumavão antigamente fazer exercicio os ordenanças da Villa e termo. Hoje he hum dos passeios mais frequentados, e ponto de reunião onde se juntão os differentes grupos de passeantes no fim da tarde. No fim deste campo que ornão duas lamedas de arvores dos lados, está hum bello palacio que pertenceo ao Marquez de Marialva, e ultimamente o possui a Ex.^{ma} Sr.^a Marqueza de Lourical. Consta este elegante edificio de duas casas de igual architectura, huma dos Senhores, de bellas salas, e outra para criados, ligadas por hum bello arco de cantaria, servindo-lhe de remate hum trophéo, com os bustos no centro d'El-Rei D. João 6.^o, e da Rainha D. Carlota Joaquina sua mulher, e por baixo a seguinte Inscrição:

Augusto Joanni Fidelissimo Principi Regenti Lusitaniæ gentis spei amoris ac deliciis ob pacem desideratam innumerasque res calamitosas temporibus non tantum armis imperii ab omni ævo semper invictis sed et sapientia prudentia et justitia animi sui regii optimis virtutibus feliciter preclarissimeque peractas Marchio Marialva hoc Monumentum C. Anno MDCCCII.

Nesta casa teve o antigo proprietario a honra de receber a visita da Rainha D. Maria 1.^a sendo por elle recebida com aquella bizarria de genio, polidez, e galhardia de que este fidalgo

tão estimavel deixou de si saudosa memoria entre estranhos e nacionaes.

He este palacio hoje sobretudo célebre pela chamada Convenção de Cintra que nelle se assignou , a qual segundo a frase de hum poeta Inglez fez mudar a estatica alegria de huma nação na mais lugubre tristeza. O mesmo poeta [Lord Byron] com o seu estilo de vibora anathematizou os authores de tão vergonhoso feito. A sua imaginação creou hum genio de mesquinho talhe , ataviado e vestido de pergaminhos com hum sello a tiracolo e hum rolo onde brilhão nomes conhecidos na Ordem dos Cavalleiros , para cujas assignaturas aponta a bom rir e os mostra com despeitoso escarneo ao viajante : o nome do Genio que habita o palacio he a Convenção que neste sitio privou de miolos [segundo a frase do poeta] e destroçou os Chefes de hum Exercito vencedor , cedendo loucamente á Diplomacia aquillo que por armas havião ganhado. Eminente á fachada principal do palacio , lhe fica sobranceira á serra semeada de enormes penedos amontoados desordenadamente huns sobre outros que parecem estarem-lhe desabando em cima , e em cujos dois cumes mais elevados se avista em hum as ruinas do Castello Mourisco , e no outro o templo consagrado a nossa Senhora da Penna. Do lado direito lhe fica sobranceira a Romantica Ermida de Penha-verde sobre os rochedos branqueando entre a verdura dos bosques : e das costas do edificio se avistão

algumas legoas de campo, vendo-se ao longe o gigantesco Templo de Mafra, acabando em hum dilata da vista do Occeano.

Continuando na mesma estrada se vê a quinta de Penha-verde do grande D. João de Castro, 4.º Vice-Rei da India; sitio encantador pela variedade de perspectiva que apresenta de montes viçosos e veigas terminando no mar o seu horizonte. Ao visitar esta amena habitação onde

O destemido Castro n'alta serra

Que templo foi de Cinthia

Retirado vivia: a mão invicta

Gloria e terror d'Asia

Os sylvestres arbustos cultivava

Sobjugando a vaidade.

O coração se enche de huma nobre admiração pelo desinteressado heróe Portuguez, admiramos a sua piedade nessas Ermidas dedicadas a differentes intercessores para com Deus pelos prosperos successos na Asia, a sua amizade pelo Principe seu contemporaneo e collega, e o seu desinteresse na clausula do vinculo em que ordena a seus successores que não possam cultivar arvores fructiferas; porém essas sylvestres não são estereis, esses louros ainda brotão gloria de seu immortal cultivador. Para este retiro se retirou D. João de Castro, depois das suas campanhas d'Africa, entregando o seu espirito á cultura do estudo, e suas triumphadoras mãos

á dessas arvores sylvestres buscando com estas distracções descanço não ocioso em quanto se lhe preparavão novos trabalhos. Aqui era procurado d'El-Rei D. João 3.^o, e por elle convidado para tratar graves negocios do estado. Depois do famoso cerco de Diu pedio hum rochedo com seis arvores [o Monte das Alviças] para annexar á sua quinta, e ao mesmo tempo escrevia ao Infante D. Luiz, seu intimo amigo, pedindo-lhe obtivesse o seu regresso á Corte e na resposta do Infante se lião as seguintes expressões.— E confia em Deus que vos dará forças para poderdes com os grandes trabalhos e desordens da India, e eu espero nelle que fazendo vós a si venhaes eneher estes picos da serra de Sintra de Ermidas e de vossas victorias, e que os visiteis e logreis com muito descanço.— Erão as primeiras casas do Vice-Rei terreas, e no sitio onde hoje he a casa do caseiro; he igualmente da primeira fundação a Ermida de Nossa Senhora do Monte, a qual mandára fazer para sua sepultura. Antes de se chegar ao recinto da Ermida no principio da escada se veem duas pedras com letreiros Asiaticos, trophéos alcançados na India por D. João de Castro e della por elle importados. O que se vê do lado esquerdo tem huma figura de corpo maior, com huma no centro e duas aos lados de mais pequeno talhe abraçando-se todas mutuamente, cuja figura suppomos ser emblema da natureza. Mais abaixo hum circulo e huma meia lua que conjecturamos representar

o sol e a lua ou o dia e a noite. Segue-se abaixo a Inscrição , e por baixo termina em hum quadro em que hum animal quadrupede se está amamentando aos peitos de huma mulher que parece afagallo , o que talvez represente o emblema da caridade. A que se vê no lado direito he huma Inscrição em lingua Sanscrita : a pedra he negra e as letras da Inscrição suppoem-se terem sido douradas por dois fragmentos. Desta Inscrição cuja denominação he Sasana , que significa lei , ordenação , regulamento, aqui pomos a interpretação dada por C. Wilkins ao viajante Murphy.

Explicação de huma Inscrição em lingua Sanscrita , e nos caracteres de Deva Nagaree interpretada por C. Wilkins.

Homenagem ao Deus Seeva.

Verso 1. Sentido muito escuro.

2. Hum certo principe reparte benções dia e noite.

3. Louvores da pessoa cujo nome he conteudo no verso seguinte. O elogio declara que ella he feliz e rica pelo favor do Deus Seeva que aqui he denominado Kapardee , que a sua boa fortuna apraz em extremo ao Deus , que não tem mais que huma defeza a felicidade das tres regiões do mundo da raça do inimigo da divindade incorporea , pela qual foi creado Ganesa [o Deus da prudencia e da politica] o filho de Seeva [o Tempo] inimigo do Deus d'Amor.

4. Huma parte deste verso he ininteligivel. Huma pessoa do nome Veeswa Malla he representada como o ornamento da magestade real e como hum Rei victorioso illustrando a raça de Oolookya. A sua administração dimana de hum cento de canaes sem fim da primeira origem do reservatorio da continencia.

5. Huma parte he illegivel. Este verso parece ainda ter relação com Weswa Malla e com o desarraigamento da arvore da abundancia não pelo raio mas por meio de huma certa pessoa da ordem militar cujo nome era Rajanarayna.

6. O senhor Vedyá Natha ornato de toda a terra, cuja authoridade he empregada em adoçar os males a que ella he exposta e que a traz no seu coração. O segundo hemistichio he inintelligivel.

7. Este Vedyá Natha tinha huma mulher chamada Nagalla Deves de huma fórma igual a da Deusa Sree, e da qual o Raja houve filhos que forão o terror de seus inimigos.

8. O sentido deste verso he em geral escuro Bhooja Pratapa irmão mais moço de Pratapa Malla tomou posse do governo por força.

9. No primeiro hemistichio Weeswa Malla poem em seu logar o filho de Pratapa Malla. A segunda parte do verso he imperfeita: tem alguma referencia á participação de Weeswa Malla ao alimento divino e á agua da immortalidade que tem o nome de sua mulher.

10. Verso muito escuro e de alguma sorte

imperfeito. Arjoona que he representado como hum mancebo de huma habilidade extraordinaria , aqui he denominado Arjoona Deva.

11. Tem na mão esculpida a figura de huma roda. Foi o protector do seu povo. Verso difficil de entender.

12. O seu parente Soranga Deva derrota os chefes de Goojara que são representados como victimas do orgulho que lhes inspiravão suas riquezas.

13. He celebrado como tendo sido victorioso em huma batalha entre os generaes Yadava e Malava , e comparado á aguia de Weeshno , a qual , na fabula do elefante e da tartaruga , disputando entre si preeminencia , lhes cabe em cima e os arrebatava.

14. Seu filho Nakoolee igual a huma divindade desce de cima para servir a raça humana.

15. E ao mesmo tempo para livrar a raça de Oolookya que gemia desde muito sob a maldição de hum pae.

16. Quatro personagens inspiradas cujos nomes são Kooseeka , Garggya , Karoosha , e Matreya descem sobre a terra para completar certas ceremonias chamadas pasoopeta-vrata confiadas ao seu ministerio.

17. Não he muito claro. Tornado humilde por via de huma santa personagem elle vem a ser o ornamento do mundo que cercou de quatro mares. Faltão algumas syllabas ao primeiro pé.

18. Este verso he igualmente defeituoso e escuro. Nelle se falla de huma familia que gosou do favor de quatro santas personagens oriundas da raça Gorggeya, tronco de uma infinidade de homens grandes.

19. O primeiro hemistichio declara que huma pessoa do nome de Karteeka-Rasee foi o libertador da familia Gorggeya e governador da praça. O segundo hemistichio he imperfeito.

20. Verso imperfeito e muito inintelligivel. Valmeekee-Rasee parece nelle ser annuciado como o successor de Karteeka Rasee.

21. O principe he aqui comparado ao Deus Treepoorentaka e muitos outros grandes homens a Deuses differentes; e o verso declara que isto está consagrado em huma pedra.

22. Treepoorentaka he representado como o discipulo ou antes talvez como o successor de Valmeekee Rasee. A maior parte deste verso he muito escura.

23. Inintelligivel.

24. Difficultoso. He relativo á execução de huma peregrinação.

25. Idem Idem Idem.

26. Idem Idem Idem.

27. Idem Idem Idem.

28. Idem Idem Idem.

29. Idem Idem Idem.

30. Treepoorentaka reflecte sobre a bondade do Deus Rama. Visita Lamka e a calçada ou ponte que se suppoem ter sido construida duran-

te as guerras de Rama e de Ravana entre a Ilha de Ceilão e o Continente.

31. Muito embrulhado. Visita feita por Treepoorantaka a outro lugar santo.

32. Visita ao rio Saraswatee e ao de Prayaga.

33. Visita á Cidade do Deus , que traz um Crescente de que faz o ornamento. (Benares.)

34. O illustre Ganda Vreehaspatee , em virtude de ordens de Treepoorantaka , que lhe forão communicadas por hum Bramine , funda aqui huma Cidade magnifica.

35. Treepoorantaka julgando que conseguiria acabar de se immortalisar pela pureza das suas acções se lisongea com esta idéa. Este verso não he claro.

36. Verso muito imperfeito e escuro. Contem em substancia que o célebre Treepoorantaka deve ser contado no numero dos Reis , que descendem da geração dos Deuses , que illustrarão o throno , etc. etc.

37. Elle reparte dadivas magnificas a huma pessoa que está em miseria.

38. Muito embrulhado. Declara que Rama ou por sua mulher , ou pela sua fortuna , fez o ornamento do mundo.

39 Muito enigmatico. As intelligencias Celestes , que se aprazem em esvoaçar por entre os atomos da luz , provenientes da folha embriagante do Ketakee , de que he composta a coroa da Deusa Sareswatee , adornarão as mulheres dos

outo pontos da terra com as virtudes as mais brilhantes.

40. Por este homem sabio (allude a Tree-poorantaka) forão fundados para holocaustos, chamados Ayatanas, cinco templos ao Norte de Madapa (Sarai) da Ayatana de Someswara junto do antigo relajo de Sree-Bhoge, e debaixo da protecção das cinco glorias de Sree Kanta.

41. O homem dotado da magnificencia infinita dos grandes espiritos que por felicidade da Senhora de Malhama ahi collocou o Senhor de Malhama.

42. O homem sabio cujas acções correspondem as da primeira idade, que estabeleceo ali huma Ayatana pelo marido de Oonna chamado Vreeshapatee.

43. Que, presidindo á fama dos grandes homens, educou Vreeshapatee, o marido de Oonna, para fazer a felicidade desta.

44. Aqui o marido de Rama he chamado o senhor Treeporantaka Rameswara que he o seu nome proprio, nome favorecido do protector da bella Treeporantaka.

45. O ente cujo diadema he hum crescente, e que está collocado no meio de cinco Ayatanas a Deusa de Saraswatee, o Deus que escuta os nossos desejos (Ganesa) e seguem outros muitos nomes inintelligiveis.

46. Aquelle que levantou huma columna fóra da porta ao norte da Cidade.

47. Huma pessoa do nome Jaganatha Kollance pertencente ao serviço diario dos Deuses.

48.

49.

50.

51.

52.

53.

54.

55.

56.

57.

58.

59.

60.

61.

62.

63.

64.

65.

66.

67.

68.

69.

Todos estes versos tem relação a huma variedade de deveres a prehencher nos Templos relativos aos Holocaustos prescriptos, e á manutenção dos Altares para as oblações.

70. Elle fundou huma Ayatana para uso de Chatoorjeta Kapata por causa de huma porta que tinha sido quebrada e arrombada.

71. Elle fez construir esta cidade santa ou erigir este Sasana (ou Taboa das Leis) á custa de seus bens legitimamente adquiridos.

72. Elle fundou a deliciosa casa de Sree no meio da Ayatana, e alí pendurou hum quadro com a sua genealogia divina para gloria do il-

lustre Ganda-Ranaka-Vreehaspatee, e de Saranga Bhospatee.

73. Verso mui duro de quatro pés, de quatorze syllabas cada hum, e totalmente intelligivel.

74. Idem Idem.

75. Idem Idem.

76. Idem Idem.

No anno da era de Sree Veckrama 1343 a 5 da nova lua do mez de magha (1) no grande dia das solemnidades prescriptas em honra de Leango (Priapo) e no seio da Assembléa.

Observações sobre a especie de verso em que esta inscripção he composta.

1. Hum verso de quatro pés chamado arya.

2. Quatro pés de quatorze syllabas cada hum chamado Vasantateela-Kana e formado da maneira seguinte :

Longas breve l b b b l b b l b

— — — — —

3.

4.

5.

} Mesma medição.

6. Quatro pés de dezenove syllabas cada hum chamado Sardoolveekreereeta da forma seguinte :

— — — — —
— — — — —

7. Quatro pés de onze syllabas cada hum assim medido :

— — — — —

Esta especie de verso he chamado Eendroovajra.

8. Idem Idem.

9. Idem Idem , mas incorrecto.

10. O mesmo que o segundo , a syllaba २ falta no primeiro pé.

11. Idem Idem.

12. Idem Idem.

13. Especie curiosa de verso , chamado arya. Exige para a sua composição que a quantidade do primeiro e do terceiro pé seja igual a doze syllabas breves , a do segundo a dezoito , e a quantidade do quarto a quinze.

14. Quatro pés de dezenove syllabas. Este verso parece muito incorrecto.

15. Quatro pés de doze syllabas. He chamado Venastabeela.

— — — — —

16. O mesmo que o decimo terceiro.

17. Verso de especie a mais commum , chama-se Onooshtoopá , e consta de quatro pés de oito syllabas cada hum. A regra pede que a primeira syllaba de cada pé seja breve , a setima do segundo e quarto pé igualmente breve , e a sexta de cada pé longa.

18. Idem.

19. Quatro pés de onze syllabas cada hum e igual no resto ao decimo septimo. Imperfeito.

20. Como o segundo.
21. Idem.
22. Como o decimo setimo.
23. Como o segundo.
24. Difficil de explicar ; faltão muitas syllabas.
25. Como o decimo setimo. A maior parte das syllabas do segundo e do terceiro pé faltão.
26. Faltão cinco syllabas no terceiro pé e tres no quarto.
27. Verso de onze syllabas de que a terceira, a sexta, a setima e decima nona são breves. Faltão sete syllabas no quarto pé.
28. Verso de quatorze syllabas por pé. Faltão quatro syllabas no quarto pé.
29. Verso de onze syllabas. Faltão quatro syllabas no ultimo pé.
30. Idem. He medido do modo seguinte :
- — — — —
 — — — — —
 — — — — —
 — — — — —
31. Verso de quatorze syllabas igual ao segundo.
32. De onze syllabas por pé.
33. De doze.
34. De oito.
35. De onze.
36. De dezanove. Igual ao sexto.
37. De doze syllabas. Como o decimo quinto.
38. De onze formado do modo seguinte :



e chamado Rathodata.

39. De doze syllabas. Da mesma especie do decimo quinto.

40. De quatorze como o segundo.

41. De oito. Parece incorrecto.

42. De oito.

43. De oito.

44. De doze. Da especie do decimo quinto.

45. De onze. Como o trigessimo oitavo.

46. De onze. Idem.

47. De oito syllabas.

48. De oito.

49. Igual ao primeiro, e decimo terceiro.

50. De oito.

51. De oito.

52. De oito.

53. De oito.

54. De nove. Parece imperfeito.

55. De oito. Imperfeito.

56. Idem.

57. Idem.

58. Idem.

59. Idem.

60. Idem.

61. De oito.

62. De oito.

63. De oito.

64. De oito.

65. De onze syllabas por pé chamado Sale-
ence.

66. De onze syllabas da especie do setimo.
67. De oito.
68. De doze , chamado Eendravsens , medido por este modo :

— — — — —

- 69. De onze syllabas assim medido.**

— — — — —

— — — — —

— — — — —

— — — — —

70. De oito syllabas.
71. De quatorze da especie do segundo.
72. De quatorze. Idem.
73. De quatorze. Idem.
74. De quatorze. Idem.
75. De quatorze. Idem.
76. Difficil a designar por ser imperfeito.

A conclusão he em prosa.

NB. Os versos não começam no principio da linha, mas são designados por numeros.

Subindo a escada se dá com a Ermida em hum terrasso cercado de assentos , e de annosas arvores encortigadas , do qual se avista huma variedade de perspectivas , em que os olhos se aprazem , e tolhem a vontade de abandonar tão deliciosa estancia. Na cimalha da porta da Capella se lê a seguinte Inscriptão :

Joanes Castrensis cum viginti annos in durissimis bellis in utraque Mauritania pro Christi religione consumpsisset et in illa cla-

*rissima Tunetis expugnatione interfuisset
atque tandem sinus Arabici littora et omnes
Indiæ oras non modo lustrasset sed littera-
rum monumentis mandavisset Christi numine
salvus domum rediens Virgini Matri Fa-
num ex voto dicavit anno 1542.*

Por cima desta em hum pequeno columnello

*Conditum sub imperio,
Divi Joanis Patris Patriæ.*

Ao lado da porta em dois columnellos ou
marcos de pedra, no esquerdo se lê

*Salvos ire
Susceptis votis
Salvos ire
1543.*

E no que fica do direito

*Solutis votis
Salvos redire
Salvos redire.*

Em frente da porta desta Ermida está hu-
ma lapide a prumo com as armas dos Castros
e Saldanhas, e sobre o chão huma pedra rasa,
debaixo da qual está sepultado o coração de An-
tonio de Saldanha a cuja memoria, por agrade-

cimento , mandou gravar Antonio de Andrade este Epitafio , que compoz Paulo de Carvalho.

*Cor sublime capax et Olympi montis ad instar
 Amplius orbe ipso cor brevis urna tegit :
 Cor consanguini concors comparque Joanni
 Indiæ cui palmas subdita mille dedit :
 Cor virtutis amans cor victima virginis almæ
 Corque ex corde pium nobile forte valens
 Non pars sed totus latet hoc Saldanhæ sepulchro
 In corde est totus ; cor quia totus erat.
 Obiit anno domini 1723.
 Etatis suæ 55.
 Die vero 12 Augusti.*

E ao lado desta sepultura , em hum rochedo , nos deixou o Vice-Rei gravado hum testemunho da sua amizade e gratidão para com aquelle illustrado Principe D. Luiz , filho d'el-Rei D. Manoel , na seguinte inscripção que allí se lê :

*Magno et invicto Principi
 Ludovico Regis Emanuelis
 Viro Fortiss. Justiss. Patriæ amantiss.
 Joannes de Castro hunc collem eficias signa
 regionum cælestium ac terrestrium. D.*

Além desta Ermida ha mais quatro que lhe addicionou o Bispo Inquisidor D. Francisco de Castro , neto do Vice-Rei , o qual reedificou a

casa , e aformoseou a quinta com mais arvoredos e varias fontes.

No interior das casas ha a Ermida de S. Braz com tribuna para dentro , nas suas paredes se via hum pelle de jacaré e outra de giboia. Conserva-se ainda em hum das sallas hum osso que se diz ser canella de hum gigante , o qual foi mandado analisar por El-Rei D. João 5.º hum das vezes que veio a esta quinta na presença do physico mór e homens da faculdade , que concordarão ser de corpo humano ; tem dois palmos e meio de comprido e grossura correspondente ao seu comprimento.

Para o monte chamado das Alviças , que he a parte mais elevada da quinta , se vai subindo por tortuosas ruas que se cruzão entre si de sombrio arvoredos , tendo de espaço a espaço hum Ermida ou hum assento.

Destas a primeira em ordem he a de S. Pedro , toda de embutidos de conchas com o busto do Santo em marmore branco , cujo lavor he tradição fôra feito por duas criadas do Bispo. Fica-lhe em baixo hum estancia do lado esquerdo , com assentos á roda , e no meio hum Neptuno de pedra que lançava agua. Ao pé desta estancia do lado direito se via hum pinheiro muito antigo de cinco pernadas , chamado o Pinheiro do Bispo porque debaixo da sua sombra vinha rezar aquelle prelado.

A segunda Ermida he a de S. João , e está em hum cabeço que tem a quinta , he de em-

brechado, o altar he de pedraria lavrada, e em huma peanha de pedra preta tem a imagem do Santo feita de jaspe. Da parte do Evangelho está a imagem de S. Pedro de barro vidrado, e da parte da Epistola a de S. Paulo da mesma materia. O frontal he de pedra branca com almofadas de pedra preta. O mais corpo da Capella he de azulejos de côres, com os quaes fórma tres paineis hum do nascimento do Santo, outro do baptismo, e o que fica sobre a porta da degolação. O adro he espaçoso, terá nove braças de comprido, a hum lado do qual em hum rochedo se lê o seguinte

ESPELHO.

As campinas retalhadas
Serrado bosque no centro
Mimosos valles por dentro
Fora as serras penduradas
Muitas aguas prateadas
Sempre verde a espessura
Zefiro sempre em doçura
Mil satyros mil sylvanos
Brandas nymphas seus enganos
São de Cintra a formosura.

1800.

He author desta composição poetica José
Manoel da Camara.

Por baixo desta Ermida dentro da mata

chamada de S. João está hum gruta entre penedos, fabricada pela natureza, em que cabem dentro dez a doze pessoas sentadas, para a qual se desce por huns degrãos.

Remata a quinta o monte chamado das Alviças, nelle está fundada hum Ermidã com a invocação de Santa Catharina, a qual mandou fazer o Bispo Inquisidor em memoria de D. João de Castro ter sido armado Cavalleiro em Santa Catharina do Monte Sinai. Além da imagem da Santa que estava em hum peanha, tinha um retabolo de azulejo, em o qual se via a mesma santa argumentando com os hereges. O frontal do altar he embutido de pedras de varias côres, e sobre a cimalha da porta da parte de fóra se lê:

D. Alvarus de Castro Magni Joanis Orientis Indiarum Proregis Filius ad Montem Sinai Militiæ
Episcopus D. Franciscus de Castro ex voto posuit anno Christi CIOI CXXXVIII.

Tem hum adro cercado de assentos com seu parapeito, do qual se avista hum espaçosa vista, e no lado que olha para a parte do norte está hum grande penedo de mais de trinta palmos de grandeza posto ao alto, e sobre elle hum Cruz de quinze palmos de comprido. No mesmo rochedo tem gravada a seguinte inscripção:

D. Joanes de Castro Indiae Prorex Augustus Felix Pius triumphator invictus Orientis opumque domitor ac contemptor collem hunc a rege tantum pro Asia devicta postulatum victrici Crucis labro Consecrandum reliquit.

Episcopus D. Franciscus de Castro nepos votum solvit anno Christi MDLXXXI.

Tem a quinta tres fontes : a primeira he huma gruta ; a segunda se chama do Corvo , he huma pequena casa de abobada cuberta de azulejos ; a terceira se chama da Cruz , he hum painel de azulejo com hum Cruz em cima , e no meio tem hum carranca de leão por onde lança agua. Por baixo do monte em que está situada esta quinta , fica o sitio da Boiça onde pelo terremoto de 1755 , rebentou hum grande nascente de agua , a qual juntando-se com a que vem da Sardinha e de Lourel se vai lançar no rio das Maças que vai desaguar ao mar depois de fertilisar com suas aguas o valle de Collares.

Descendo do alto de Penha-verde deixamos á esquerda hum fonte antiga , e logo mais adiante a estrada fórma hum estreito por cujo motivo pozerão os Arabes ao sitio o nome de Gibraltar , e a poucos passos se biparte a estrada. Seguindo-se a da direita se vai dar á ribeira de Gallamares (de que fallaremos quando tratarmos de villa de Collares) em cuja proximidade está a quinta de S. Bento , e as ruinas

de hum antiga casa acastellada , que ainda conserva duas torres , pertencente á casa dos Condes de Soure. Continuando a mesma estrada que tinhamos seguido , esta logo adiante se reparte em tres caminhos. A' direita fica o que conduz ás ruinas e quinta de Monserate ; o centro he a estrada real de Collares , a qual por baixo de hum continuada sombra de arvoredo , tendo passado pela quinta da Bellavista , pertencente á casa de Cadaval , a da Agua Ferreira , e sitio da Ugaria , nos leva áquella aprazivel e viçosa villa : á esquerda , subindo para o centro da serra em direcção ao Oeste , vamos ter ao convento de Santa Cruz da Serra.

Logo adiante da quinta de Penha-verde fica o sitio de Monserate , assim chamado , de hum Ermida da invocação de Nossa Senhora de Monserate , que no anno de 1540 edificou hum Clerigo chamado Gaspar Preto mandando de Roma vir a imagem de alabastro , da Senhora.

Aqui em hum pequeno monte despegado , que se avança como atalaya do resto das ondulações da Serra , estão as ruinas de hum casa de campo , imitando hum castello antigo. Foi edificada esta casa por hum Inglez chamado Bekfort , inda ha poucos annos , de sorte que por vicio de construcção e não pela sua muita antiguidade está em ruinas. Qual flor requeimada por vento pestifero na viçosa idade da sua vegetação , ainda nestas estragadas ruinas sobressahe a formosura e brilho do seu tempo de glo-

ria. Huma bella lameda de arvores nos conduz á casa cercada de huma gradaria de ferro de tres pés de altura, cingindo-lhe as paredes cedros que sombreando-a, lhe não roubão (pela boa disposição em que estão collocados) os lindos pontos de optica que disfructa, tanto para o lado da serra de que he dominada, como para a parte do mar e valle de Collares. A primeira torre era destinada para os quartos de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar etc.; a outra torre consistia em huma bella salla de Musica de fórma redonda, communicando com outras, tudo no melhor gosto e distribuição. Tinha a casa duas entradas principaes, que se dirigião a hum vestibulo em octagono, que partia para os differentes ramos do edificio.

Os aposentos para os creados, cocheira, e cavalharices, fórmão outro corpo de edificio ao lado do caminho que conduz á casa. Os apriscos, abegoaria, e casa de caseiro são feitas com igual esmero de gosto, buscando a arte meios de embelezamento na sua simples e rustica architectura. Consistia a quinta de hum bello bosque de antigos carvalhos que vinhão terminar junto á casa em hum pomar de laranjeiras e tangerinas. Na encosta sobranceira ao valle onde está assentado este pomar se vê huma cascata de enormes calhãos que para alli forão conduzidos expressamente, esforçando-se por este modo com tanto trabalho o artificio humano em imitar a simplicidade das bellezas da natureza,

sempre magestosa e bella nas obras da sua criação , toma esta repreza as aguas que no inverno , e principios da primavera descem do alto da serra , e formão uma cataracta que se despenha por um leito pedregoso , que forma a parte mais baixa do valle desta mata.

Tal he o sitio encantador de Monserrate ! Se quereis embriagar a vossa alma de uma agradavel melancolia , vinde passar alguns momentos a estas ruinas , ou quando o sol rompendo por entre as nevoas que coroão os alcantilados montes faz chorar as arvores lagrimas crystalinas , saudosas dos mysterios da noite , ou quando mergulhando-se no Oceano traz essa hora do crepusculo doces meditações.

Evós , damas , acudi tambem ; não receeis genios malfazejos , nem vos assustem as suas torres e recortadas ameias , que esta estancia foi desde o seu principio destinada a prazeres. Lamentai com tudo que esta salla animada outrora pela suave melodia da musica , seja agora muda e silenciosa , que esse pavimento sobre o qual se deitão hoje essas ovelhas que vos não excedem em candura , não seja ao de leve roçado pelos vossos pés mimosos , que esse chão cuberto de pedras que desabão do arruinado tecto , não seja forrado de aveludado tapete. Pedi porém que alguma mão bemfeitora restitua esta casa á sua primeira instituição , isto he , a povôe de novos folgares , ou antes pedi que a mão do homem , mais destruidora que o tempo , não der-

rube esse resto de arvores que escapárão aos sacrilegos golpes do machado, não nivellem com a terra esses mesmos fragmentos do edificio que ainda hoje formão o encanto destes sitios.

Mas deixemos estas ruínas e entranhemonos na serra : subamos este caminho indicado de espaço a espaço com o symbolo da redempção, arvorado pela religiosa crença e fervorosa devoção de nossos antepassados. Vedes alli em um ermo grandes massas de penedos sobrepostos, pois dentre essas pedras, quando a aurora sorria sobre os campos, vozes piedosas juntavão os seus cantos ao concerto das aves, e quando os ventos sibilávão por entre os cerros convizinhos e o raio estalava, e repercutia o seu som por esses valles, lá n'alta noite vozes rouque-nhas louvavão em seus cantares o Deus das tempestades. — Neste sitio havia um Convento. — Como se converteo em Templo do Senhor uma bronca pedregosa lapa? dissei-o vós, Religião Santa de nossos pais, que possuis a arte maravilhosa de tornar em sublimes as cousas mais humildes! Pedras magestosas que porque não despertais a cubiça, por isso inda resistis á mão devastadora do homem, que altas lições estaes apregoando em vosso silencio, como estaes fallando á imaginação! Deusa creadora de celestes sonhos permitti que voltando a melhores eras eu povôe estes sitios de homens de fé dos tempos antigos.

Vedes esse velho que celebra devoto o Santo

Sacrificio? he um Principe que deixa os regalos e pompas do paço , e vem entre Monges viver vida anachoreta e partilhar com elles a aspereza do trato. Vós que tanto alardeaes igualdade , não recearieis desfiar vossas douradas fardas no grosseiro burel do Monge?

Olhai essá matrona trajando roupas negras ; ao vê-la ao descahir do dia divagando nestes sitios dirieis que era a noite querendo tomar posse da terra. Os olhos que já forão estrellas scintilantes , agora ainda bellos fulgem com o vago amortecido lume de melancolia ; a belleza exaurio o cofre para lhe amontoar as graças , o espirito para lhe adornar a alma. Na flor da idade , em todo o viço da formosura perdeu o esposo ; attrahido por tantos encantos , que ostenta , mais de um cavalleiro intentou dobrar-lhe o animo a segundas nupcias , porém ella vem buscar forças para a resistencia a esta solidão , reveste-se com o escudo de um voto de castidade , e sua alma virtuosa não manchará com segundas bodas o thalamo pudico de seu primeiro marido. Vede-a de joelhos sobre essa pedra que vizita a miúdo , que contempla meditativa , e banha de copiosas lagrimas ; as lagrimas que derrama são de viva saudade , e a pedra cubrirá tanta virtude e formosura.

Mas que tropel de gente afue a esses sitios de todos os povos vizinhos? não he só povo, porém escolhida nobreza que acode da capital , a assistir aos officios e festas do Culto Divino. Se

se celebra a festa do nascimento do Redemptor, que logar tão accommodado para a cerimonia ! Foi n'um logar humilde como este que nasceo o desejado das nações. Se faltão os claros lumes que brilhão tremulos nos espaçosos templos da capital, as estrellas se ateárão de mais vivo fogo ; nem faz falta a musica artificial, que a natureza tomou a seu cargo o concerto. O rouxinol deo o preludio, e o môcho lhe respondeo em som mais afinado ; as plantas se inclinão debruçadas, e a aurora surgindo exulta de jubilo e chama todos os entes da creação para o cantico de graças do Todopoderoso.

Se quereis porém variar o quadro, e tingir o vosso pincel em cores lugubres affigurai que sois presente a essa semana, em que a Igreja faz commemoração do sacrificio do Salvador. Na capital do mundo Christão não se celebra com mais magestade : se aqui falta a riqueza da pintura, e o artificio da esculptura, he o firmamento vasto e grandioso que serve de abobada ao Templo : o celebrante o filho de um Rei, e Rei tambem que entre estes cenobitas lava os pés do mais humilde pobre. A cruz arvorada senão he de fina prata, ou polido marfim, he de tosca madeira como aquella que outrora se levantou no Calvario : mas eis chega a hora do Holocausto, as nevoas que corôão os outeiros se aglomerão, condensão, e cobrem o sol que se reveste de escura cerração, o mar em estuoas ondas rebrama ao longe, e mais de uma alma

devota julgou ouvir rebaterem os penhascos uns nos outros. Dirieis que a scena de morte novamente se reproduzio; a similhança do quadro aviventa a edificação, e a execução da cerimonia augusta em tão deserto ermo acorda na alma a compunção.

Ah! e desta outrora habitação de feras, quantas consolações não terão sahido! Conselhos á mocidade na idade inexperiente, consolos a orphãos e viuvras, balsamo ao remorso do coração, coragem para suportar a esterilidade de uma vida de amargura, e alivios de resignação junto ao leito da morte na fatal hora do passamento. Ria-se embora o Philosofo desses anacoretas, que segundo a sua frase querião conquistar o Ceo, fazendo da terra um inferno; nós de bom grado riamos com elle, se vissemos que lhes imitavão as virtudes, ou se nos mostrasse nesta nossa epocha moderna caracteres que podessem equiparar-se com os respeitaveis fundadores destas santas casas.

Enobrece muito a esta, n'outro tempo povoada de Religiosos Arrabidos, a origem da fundação, pois foi mandada fazer pelo grande D. João de Castro, em honra da Santa Cruz, cujo signal adorava com fervoroso zelo e profunda inclinação. E tão religiosamente ardia no culto deste signal Santissimo (diz o seu panegirista) que quiz mais lavrar Templo á sua memoria, que fundar casa á sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho D. Alvaro,

que se na graça ou justiça dos reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio delles edificasse na Serra de Cintra um Convento de Recolhidos Franciscanos, advertindo que com a invocação da Cruz se titulasse a Casa.

Morto o Vice-Rei no anno de 1548 sem poder pôr em pratica o seu desejo, doze annos depois no de 1560, lhe cumprio a vontade seu filho D. Alvaro de Castro, fundando este modesto e humilde Recolhimento, tão pobre em seus principios que apenas custou a primeira fabrica com cruzados, porém rico na santidade dos varões que o habitarão, casa santissima de Penitentes e santos homens (como lhe chama um escriptor antigo) já existentes no Ceo. Da epocha da sua fundação achamos memoria em uma pedra, que está na parede da Igreja da parte do Evangelho, em o qual se lêo o seguinte letreiro: — D. Alvaro de Castro, do Conselho de Estado, e Vedor da Fazenda d'El-Rei D. Sebastião fundou este Convento por mandado do Vice-Rei D. João de Castro seu pai, anno de 1560. —

Hindo o dito D. Alvaro por embaixador ao Papa Paulo 4.º impetrou delle indulgencia plenaria, no dia da invenção da Cruz, para todas as pessoas que rogassem pela paz e concordia entre os Principes Christãos, extirpação das heresias, exaltação da Igreja, e pela alma de D. João de Castro. Seu filho D. Francisco de Castro, Bispo da Guarda, e Inquisidor Geral, dei-

xou 200 \$ 000 réis de juro para reparos deste Convento e da sua quinta da Serra , deixando por administradora deste legado a Misericordia da Villa de Cintra.

Está fundado o Conventinho em um retiro no meio da serra entre matos. Subindo a um terreiro , se offerecem á vista quatro portas , duas de dois confessionarios , uma da Igreja , e outra da portaria todas forradas de cortiça , e na da portaria uma vide suspensa , e a ella atado um chocalho , que servia de sino para chamar o porteiro. Ao entrar se dá em um corredor de oito palmos de comprimento e cinco de largo , o qual por entre toscos penedos nos guia a um pequeno jardim , e alli em logar eminente se vê uma Ermida , onde se venera a imagem de Christo com a Cruz ás costas , e junto um limitado vão de sete palmos entre penedos que serve de Sacristia , o que tudo mandou edificar o Cardeal Infante D. Henrique , a Ermida para nella dizer Missa , e a cellazinha para nella habitar dia e noite quando procurava este retiro para as suas penitencias. Em outro logar mais elevado da cerca se venera a imagem de Christo Crucificado em uma Ermida feita em uma gruta formada de dois penedos. Alem destas duas Ermidas se mostra na cerca a cova do Beato Honorio , onde viveo pelo espaço de trinta annos em aspera penitencia ; e junto a uma fonte uma meza de pedra , em a qual comia El-Rei D. Sebastião , todas as vezes que vinha a este Convento gosar da sombra de

suas arvores e frescura de suas aguas , com as quaes se rega a horta que he pequena como tambem a cerca.

Tem o Convento um só dormitorio de quarenta palmos de comprimento e tres de largo , de fórma que encontrando-se nelle os Religiosos, para um passar se recolhe o outro para alguma das cellas. São estas tão estreitas que mais se podião chamar sepulturas de homens vivos ; as paredes que as dividem são de barro e palha forradas de cortiça , a qual serve tambem de forro ás portas. O refeitório he tão pequeno que apenas tem quatorze palmos de comprido e sete de largo : serve-lhe de mesa uma lage tosca que para este effeito mandou arrancar da serra o Cardeal Infante D. Henrique , levantada um palmo do chão. Eram os guardanapos da mais aspera estopa , os vasos de que se serviam os Religiosos de grosseiro barro , guardando-se ahi sempre abstinencia de carne , e não se comendo no advento e quaresma cousa que fosse ao lume. Aqui encontravam na hospitalidade dos Religiosos as pessoas, que hião visitar o Convento, uma parca refeição de pão , queijo , e delicioso vinho de Collares , a qual pelo appetite provocado pelo passeio , se tornava mais saborosa , do que os mais exquisitos manjares. No resto das officinas se observava a mais perfeita pobreza.

Desce-se por sete degrãos de dois palmos de altura para o Coro , e deste por uma abertura feita na rócha ao lado do Evangelho se desce

para a Igreja. He esta muito pequena; da porta até á grade que divide a Capella mór, tem de distancia dezoito palmos de comprido e de largura treze, he de abobada, e as paredes de calhãos que alli produzio a natureza. Das grades até o Altar se contão somente doze palmos, e este era o vão da antiga lapa a quem a mesma rócha serve de cobertura. He o Altar de pedra polida, e nelle em seus nichos se viam as imagens do Menino Jesus e varios santos; e em cima do Sacrario um Santo Christo de marfim, dadiva de D. Rodrigo da Cunha, Bispo do Porto, e no Sacrario uma Cruz de prata dourada com um Santo Lenho que de Roma trouxe o fundador D. Alvaro de Castro. Da parte da Epistola se via um painel com o retrato do Beato Honório, o qual está sepultado na Igreja, e do lado de fóra da mesma junto á porta Fr. Christovão de S. José tambem de vida exemplar. Dos padroeiros está nella enterrada D. Maria de Noronha, viuva de D. Alvaro de Castro 3.º padroeiro, a qual tendo enviuvado na flor da idade, e sendo procurada pela sua muita formosura por varios senhores da corte para casar, por haver feito voto de castidade se conservou sempre viuva, até que falleceo no anno de 1684, e jaz enterrada neste Convento, que muitas vezes frequentava em vida.

Dizia Filippe 2.º que duas cousas tinha em seus reinos celebres, o Escurial por muito rico, e este Conventinho por muito pobre: julgamos

ser motivo para o encarecimento do monarcha , a pobreza que observou neste Convento quando o visitou. Pedindo o dito monarcha um pucaro de agua advertião os fidalgos ao Guardiãõ que mandasse vir algum doce , e elle obedecendo com toda a singelleza lhe presentou em um pratto alguns cachos de passas , dizendo ser o unico que tinha em casa : desejoso El-Rei de que o Guardiãõ lhe pedisse alguma coisa , instou com elle para que lhe dissesse de que tinha mais necessidade o Convento. Chamou o Guardiãõ o cozinheiro e perguntando-lhe se a almotolia tinha bastante azeite (não se pedia naquelle tempo para mais de uma semana) respondeo-lhe parecia ter o que bastava , e nesta fórma com demonstrações de agradecimento lhe beijou a mão pela mercê , e disse que de nenhuma outra coisa necessitava. Não podendo El-Rei reprimir o assombro que lhe causava tanto desapego , e olhando para o Convento da Pena rompeo nestas palavras — « Allá es la Pena , e esta la Gloria ! » alludindo talvez ao enfado produzido por algumas petições dos outros religiosos.

Favorecia muito a estes a Rainha D. Catharina , e quando hião á sua presença os mandava sentar e dar de comer ; e aconteeo que mandando esta Senhora dois queijos para se repartirem pela communidade , o Guardiãõ que então era Fr. Pedro de Antoria tomando metade de um lhe mandou o resto , dizendo que tinha bastante para passar o resto da semana ,

pedindo a Sua Magestade houvesse assim por bem.

Além das esmolos dos padroeiros , El-Rei D. João 4.º, sendo ainda Duque de Bragança , visitando este Convento , edificado da sua pobreza , ordenou por Provisão sua que se lhe dêsse todos os annos no Almoxarifado da Villa de Cascaes seis duzias de pescadas , e outras tantas de cações seccoas , e todo o peixe que fosse necessario para o jantar um pouco mais lauto da festa de S. Francisco. A Rainha D. Luiza sua mulher lhes mandou dar todos os annos um moio de trigo , e uma arroba de cêra lavrada : El-Rei D. Pedro 2.º outra tanta para se gastar no Sepulchro das Endoenças ; D. João 5.º uma pipa de azeite.

No dia da Invenção da Cruz se fazia a festa com grande concurso de povo , e de mais gente que vinha da Cidade de Lisboa , e por não caberem na Igreja se cantava a Missa fóra della. Os officios da Semana Santa se fazião com toda a devoção , deixando muitas das principaes familias de Lisboa os que se fazião com toda a pompa naquella Cidade , para virem assistir aos que se fazião nesta pobre casa.

Na proximidade deste Convento está outro que foi de Carmelitas , de que fallaremos no seu logar , no entanto passemos a descrever as outras freguezias da Villa.

Freguezia de Santa Maria.

Proximo á Villa de Cintra , no arrabalde da mesma junto da serra e ao pé do castello , está situada esta freguezia , e della se descobre a Villa de Mafra , e differentes logares pertencentes a esta freguezia. Confina o seu districto com o das freguezias de S. Miguel do arrabalde , S. Martinho da Villa , e com os das freguezias de Montelavar , Penaferim , e Terrugem no termo deste Concelho.

He fundação de D. Affonso Henriques , quando conquistou esta Villa ; foi reparada posteriormente das injurias do tempo , principalmente depois do terrivel terremoto de 1755 , correndo a despeza da obra por conta do Prior e mais Beneficiados da dita Igreja. Os fructos que seus moradores colhem com mais abundancia , são trigo , cevada , milho , e todo o genero de fructa. He a sua população de 159 fogos , e 600 habitantes parochiados por um Prior antigamente apresentado pelas Senhoras Rainhas , e hoje pelo Emminentissimo Patriarca de Lisboa , o qual Prior n'outro tempo collava oito Beneficiados , cujos beneficios já existião no anno de 1255 , e forão creados pelo Prior que então era Lourenço João , não só para o serviço da Igreja , mas para o ajudarem na administração dos Sacramentos , por ser esta freguezia muito extensa , chegando até perto da Villa de Mafra. Con-

tem o seu districto quinze povos ou logares denominados

O Arrabalde em que ha	45 fogos
Calçada	36
Chão dos Meninos	6
Rio do Porto	1
S. Sebastião . . . ,	4
Ribeira	8
Cabriz	28
Santo Amaro	1
Ribafria	1
Lourel	10
Corrigos	3
Ralhados	5
Bojouca	2
Maria Dias	2
Continha Affonso	7

Somma 159

O número medio dos nascidos em cada um anno nos ultimos cinco até 1820 foi 19 , dos mortos 9 , e dos casamentos 4.

Não ha nesta freguezia rio algum de nome ou caudaloso , sim alguns regatos por onde correm as aguas de varias fontes e olheiros que rebentão de inverno pelas terras , e nenhum delles merece nome de rio por não conservarem a sua corrente de verão.

Ha porém varias fontes , e entre estas he

a mais célebre a que está na estrada que vem de Lisboa e vai para Collares , chamada da Sabuga , pela grande frescura de suas aguas de verão e de inverno. Correm estas porém algumas vezes tepidas e tão brancas como agua de sabão , o que attribuem a passar por mineral nas entranhas da terra onde nasce.

Ha mais a fonte chamada da Sardinha , onde junto de uma grande pedra sahe um avultado olho de agua , de que se servem os moleiros desta villa para moerem os trigos , a qual nunca sécca , e de verão he applicada para a rega dos pomares de caroço e de espinho , que estão junto da sua corrente.

No seu districto em um valle encostado á serra , está situado o Convento que foi dos Religiosos da Santissima Trindade , o qual teve principio no anno de 1374. Havia no sitio em que foi edificado este Convento uma Ermida antiga dedicada a Santo Amaro , frequentada de muitas romarias , ás quaes accudião os vizinhos de Cintra e Cascaes. Esta Ermida foi primeiro domicilio de alguns Religiosos daquela Ordem , que em companhia do P.º Fr. Alvaro de Castro , filho do 1.º Condestavel deste Reino , e sobrinho da malfadada D. Ignez de Castro , vierão neste sitio estabelecer-se para viverem vida Eremitica. Forão estes o P.º Fr. João d'Evora , Confessor d'El-Rei D. João 1.º ; o P.º Fr. João de Lisboa , Director da Rainha sua esposa ; e o P.º Fr. João de Mattos. Escolheo , para viver , esta Er-

mida o P.^o Fr. Alvaro , onde viveo por muitos annos , e alli em pouca distancia pela mesma serra em diversas grutas , o imitárão nesta vida de anacoreta seus companheiros , tendo por brando leito a dureza dos penedos , por pavilhão o Ceo , e por casas aquellas humidas lapas expostos ás intemperies e rigores do tempo. Nesta Ermida viveo por espaço de sete annos Fr. Alvaro , e fazendo-se depois a de Santa Cruz se mudou para ella , onde habitou o resto de seus dias , e alli foi sepultado , e na sepultura se lhe poz o seguinte Epitafio , que refere o P.^o Fr. Paulo Cabral nas suas memorias antigas. Aqui jaz o bom Fr. Alvaro de Castro , que depois de ser Freire trinta annos , se recolheo a esta Ermida , onde viveo trinta e sete , finou-se santamente a 8 de Abril , era de 1456 (an. Ch. 1418) requiescat in pace. No Convento de Santarém estava o seu retrato com o estandarte encarnado na mão , ornado com as armas de Aviz , em que se lia a seguinte Inscricção equivocada na epocha e no parentesco da Rainha = O V. P. Fr. Alvaro de Castro , irmão da Rainha D. Ignez de Castro , Confessor d'El-Rei D. Pedro 1.^o , Reformador da Ordem de Aviz , regeitou o Bispado de Lisboa , morreo em Cintra anno de 1406.

Este Convento teve por primeiros bemfeitores um João Rodrigues Candieiro , e sua mulher , naturaes de Lisboa , que lhe doárão umas casas com seu quintal neste sitio ; D. Fernando ,

filho d'El-Rei D. Henrique de Castella , e o invicto Rei D. João 1.º, o qual vindo divertir-se a estes sitios , admirando a pobreza em que vivião estes Religiosos , lhes mandou fazer o primitivo Convento , (protegendo-os neste negocio o Confessor daquelle Principe que então era o P.º Mestre Doutor Fr. Sebastião de Menezes , do seu Conselho , e depois Embaixador Extraordinario a Carlos 6.º de França , e á Curia) no mesmo lugar onde estava a Ermida , tomando logo o Mosteiro debaixo da sua protecção a 25 de Outubro de 1411. O Sr. D. Manoel no anno de 1500 lhe renovou a Igreja , a qual era toda de abobada sobre arcos de pedraria , as quaes fechavão com Armas Reaes , Cruzes da Ordem de Christo , e espheras , insignias do dito Monarcha.

Como o primitivo Convento , e a sua reedificação fôra fabrica de empreitada e feita a pedaços , tinha muitos defeitos de architectura , e tão pouco solida ficou que em breves annos ameaçava ruina. Neste estado forão abandonando os Religiosos o Convento , ficando só um para recolher os fructos e as rendas , até que no tempo da reforma o P.º Fr. Baptista de Jesus , sendo Provincial , o edificou de novo. Vendo quão mal estava situado o antigo , e que não podia para parte alguma alargar-se por causa da serra o construiu no lugar onde hoje o vemos , com boas cellas e officinas , e mais avultada fabrica.

A cêrca he bastante grande , fechada toda de muro ; ficava-lhe ao sul hum denso pinhal , e ao norte a horta. Do alto da serra corre hum grande ribeira de agua , a qual encaminhada por arte a hum penedo , se despenha delle em prateada corrente , em hum espaçoso tanque mandado fazer por Fr. Paio de Lacerda. Este tanque tinha no centro hum penedo que lhe servia de ilha , e era cercado de antigos chôpos , que tornavão com a sua sombra o sitio aprazível. Junto , tinha hum grande pombal que algum dia foi povoado de pombos , e por estar perto da agua onde estas aves , e outras de diversas partes vinhão beber , o penedo pelo qual a agua se despenha se denominou *Penedo das Pombas*. Tinha esta cêrca cinco Ermidas repartidas pela serra , habitações dos antigos anacoretas de que fallámos. A primeira era de Santa Margarida , e não mui longe estava a Lapa das Lagrimas , cujo tosco penhasco ornado de varios enbrechados está continuamente distilando orvalho. Em igual distancia para o lado direito está a de S. Zacharias e Santa Isabel , á qual se communicava a agua por canos secretos de hum fonte , para que o Religioso que nella assistisse gozasse sem incommodo da sua frescura. Logo adiante se via a mais antiga , a de Santo Amaro , e no alto em hum planicie cheia de alegretes , de murtas , e de larangeiras , a de Nossa Senhora da Conceição , feita pelo P.^e Fr. Antonio da Conceição com es-

mólas de D. Maria Manoel da casa de Monte Alvão.

Pelos annos de 1670 se ampliou mais este Convento com o acrescimo que teve da cêrca por Provisão d'El-Rei D. Sebastião. No de 1756 soffreo grande ruina com o Terramoto , porém com o zelo de alguns Religiosos se reparou de novo. Tinha mais este Mosteiro hum pomar pela parte da entrada , e pelo termo varios casaes e huma vinha que lhe deixou Isabel Rodrigues de Carnide , que estava sepultada no claustro junto á Sacristia.

Fóra da Villa e do arrabalde , junto da estrada que della vai para Mafra , está huma Ermida de S. Sebastião que mandou fazer o povo no tempo da peste , e no dia do Santo hia a esta Ermida huma Procissão geral com o Clero e povo , acompanhando o Senado da Camara da Villa , a qual sahia da Freguezia de S. Martinho.

Freguezia de S. Miguel.

Está esta Freguezia situada nos arrabaldes da Villa , e na encosta da serra. Tem por orago o Archanjo S. Miguel , e confina o seu districto com o das Freguezias de Santa Maria do Arrabalde , Monte Lavar , e Terrugem no termo deste Concelho. Sua população he de 30 fogos e 162 habitantes parochiados por hum Prior. Consta o seu districto de oito povos ou logares denominados

Campo Razo	4 fogos
Casal da Serra	1
Courel	10
Pedregueira	5
Penalva	1
Quinta de Boialvo	1
Quinta da Portella	1
Ral	7

Somma . . . 30

O número medio dos nascimentos, durante os ultimos cinco annos até 1820 , era em cada anno de 2 individuos, o dos mortos 2 , e o dos casamentos de 1.

Por documentos antiquissimos consta ter tido origem esta Igreja , assim como a de S. Martinho e S. Pedro , da fundação da Monarchia. Reinando ElRei D. Affonso 3.^o houverão varias contestações entre os Piores desta Freguezia , e os de S. Martinho e S. Pedro , sobre os districtos que se assignarão em tempo d'ElRei D. Affonso Henriques ás suas Parochias , cujas questões , nomeando cada hum dos ditos Piores arbitros se apaziguarão e aquietarão , de que se lavrou escriptura que anda no Tombo da Sé.

Nesta demarcação se mencionam quatro Ermidas que ha neste districto fundadas provavelmente na mesma epocha das mesmas Igrejas que são. S. Miguel , onde pela grande afluencia de inscrições Romanas que alli se tem encon-

trado, julgamos ter existido povoação de Romanos. S. Romão de Lourel, e Santa Eufemia da Serra, que arruinada edificou huma Hilaria Fernandes com ajuda de algumas esmólas que alcançou, e a sua instancia se lhe concedeo licença para na nova Ermida se dizer Missa no anno de 1580, onde existião suas reliquias que no de 1670 se mudárão para esta Igreja. A de S. Saturnino para onde se retirou D. Pedro Paes, Alferes mór d'ElRei D. Affonso Henriques, e algum tempo de seu filho D. Sancho, e muito estimado de ambos, o qual deixou a Corte e se retirou a esta serra a fazer penitencia, e por não achar o sitio bastantemente solitario se recolheu ao Convento de S. Vicente, onde viveo em clausura, e morreo em 29 de Novembro de 1198 como consta do livro dos obitos do mesmo Mosteiro pelas palavras seguintes: — Tertio Kalend. decembris obiit feliciter in Domino Dominus Petrus Pelagii Canonicus S. Vicentii era MCCXXXVI. Era este Pedro Paes pessoa muito illustre assim nas armas em que muitas vezes se assignalára contra os Mouros como em sangue por ser descendente de D. Ramiro, Rei de Leão. Da Ermida e do Ermitão achamos noticia na Torre do Tombo, onde existe a doação que ElRei D. Affonso lhe fez da Ermida, e terras em Collares e na Malveira.

Sendo Prior desta Igreja Diogo Alvares, Capellão da Rainha D. Isabel, mulher d'ElRei D. Affonso 5.^o, e conhecendo nella grande de-

voção por S. João Evangelista , valendo-se do grande valimento que tinha com estes Reis , fez com que elles doassem esta Igreja ao Mosteiro que novamente se fundára no valle de Xabregas, cuja annexação foi feita no anno de 1469 , recolhendo-se o mesmo Prior ao dito Mosteiro , governando sempre o priorado que possuio trinta a quarenta annos até o em que morreo que foi em 1484. Depois da sua morte quizerão os Religiosos pôr Vigario , o que lhe impedio a Rainha D. Leonor , mulher d'El-Rei D. João 2.º , por lhe pertencer a Igreja e ser sua a apresentação , sobre o que houverão demandas com os Padres que durarão perto de tres annos , até que a final se concertarão por contrato feito em 22 de Junho de 1487. Durante os tres annos que durou a demanda governarão os Frades esta Igreja , da qual levárão quando se retirárão os papeis , e noticias que havia da sua erecção.

Teve sempre esta Igreja pessoas de alta categoria por Priores ; entre outros faremos menção de Diogo de Sousa que com o priorado desta Igreja teve o logar de Capellão mór da Rainha D. Maria , em que o proveo El-Rei D. Manoel. Servindo ainda esta Igreja o nomeou El-Rei D. João 2.º Deão da sua Capella Real , e foi com este Prior que lhe aconteeceo aquelle caso em Evora ao ouvir Missa , o qual foi que indo-se levantar ao Evangelho se lhe tirou hum chinello do pé , a que se lhe abaixou o Deão para lho meter nelle , de que El-Rei se mostrou tão

agastado, que lhe disse : « Tirai-vos dahi isso haveis de fazer , homem que toma a Deus nas mãos as ha de pôr nas minhas chinellas : ora por esse máo ensino , tanto que acabar a Missa , vos hide para casa até outra ordem » , e desta sorte o teve hum mez retirado do serviço do paço e deado , do qual foi para Bispo do Porto no anno de 1477.

Foi tambem Prior desta Igreja D. João Lopo , Bispo de Tanger , o qual logrou esta Igreja e a de Santa Maria sendo Bispo. Fez muitas obras na Igreja , e entre outras foi a maior mandar forrar o tecto de madeira de Cedro com as armas da Rainha no meio. Por seus grandes serviços lhe fez El-Rei D. Manoel mercê de lhe augmentar em suas armas o escudo das Reaes deste Reino , como consta do livro de Misticos da Torre do Tombo.

Está hoje esta Freguezia incorporada na de Santa Maria.

Termo da Villa de Cintra.

O termo do Concelho de que esta Villa he cabeça , compoem-se das sete Freguezias que aqui se descrevem.

Alcainça Grande.

Orago S. Miguel. He situado o seu districto na estrada real que vem de Lisboa , pelo ca-

minho do Lumiar para Mafra , de cuja Villa dista huma legoa para o nascente:

Confina com os districtos das Freguezias de Santo Estevão das Galés , Milharado , Igreja Nova , e Mafra. Consta a sua população de 126 fogos , e 500 habitantes parochiados por hum Prior. He composto o seu districto de 13 povos entre logares e casaes denominados

Alcainça , em que ha	23 fogos
Lagea	4
Abrunheira	4
Malveira	68
Carrasqueira	14
Venda do Pinheiro	4
Casal de cima e de baixo	3
Casal da pedra	2
Casal Novo	1
Casal do Ferro	1
Casal da Costa	1
Casal do Montez	1
Casal do Oiteiro	0
Somma	126

O número medio dos nascidos nesta Freguezia nos ultimos cinco annos até 1820 , foi o de 14 , o dos mortos 16 , dos casamentos 2.

Em partes do terreno desta Freguezia encontram-se vestigios de minas de carvão de pedra muito sobrecarregado de enxofre. He rega-

do este terreno por alguns ribeiros de pequena consideração : a sua principal producção consiste em trigo , cevada , milho , vinho , azeite e fructa.

Igreja Nova.

Orago , Nossa Senhora da Graça. He situado o districto desta Freguezia em terreno pedregoso , na estrada real que vai de Lisboa para Mafra de cuja Villa dista hum legoa para o sul. Confina o seu districto com o das Freguezias de Chaleiros , Alcainça Grande , Montelavar e Mafra. Consta a sua população de 248 fogos , e 1200 habitantes parochiados por hum Prior. Compoem-se o seu districto de 38 povos entre logares , casaes e quintas , que se denominão

Igreja Nova com	60 fogos
Casal da Estrada	1
Casal Velho	2
Casal Novo	1
Montureira	11
Villa Nova	2
Casal das Antas	1
Casal do Pipo	3
Redondo	3
Valverde	6
Bóco	21

Somma . . . 111

Segue . . .	111
Casal do Forno	1
Casal da Serra	1
Zarroeiras	14
Meam	11
Alqueidão	6
Murtal	3
Cabeça dos Cartazes	4
Mata das Flores	16
Canoca	1
Mata Pequena	9
Peras Pardas	2
Penedo de Lexim	4
Raimonda	3
Laxim	4
Casal do Rei	1
Casal do Ramillo	1
Lage	6
Germeleira	2
Azenha Nova	1
Ribeira dos Tostões	4
Covas	4
Arrifana	17
Quinta da Estrada	1
Juncal	3
Carpinheira	3
Boavista	6
Louriceira	10
Somma	248

Confina o districto desta Freguezia com os das Freguezias de Chileiros, Alcainça Grande, Montelavar e Mafra. Consiste a principal producção do pedregoso terreno desta Freguezia em trigo e centeio.

O número medio dos nascimentos em cada hum dos ultimos cinco annos até 1820 foi o de 43, o dos mortos foi 27, e o dos casamentos de 9.

Montelavar.

Orago, Nossa Senhora da Purificação. Consta a sua população de 462 fogos, e 1912 almas parochiados por hum Vigario apresentado pelo Prior de S. Miguel do arrabalde de Cintra. Pelo districto desta Freguezia passa a estrada real que vem de Lisboa para Mafra, o qual he situado na distancia de huma legoa para o nascente de Cintra, e quatro para o poente de Lisboa. Confina com as Freguezias de Chileiros, Almargem do Bispo, Terrugem e Bellas. Compoem-se o seu districto de 37 povos, comprehendidos os logares, quintas e casaes denominados

Montelavar em que ha . . .	112 fogos
Abremum	6
Oiteiro	4
Quinta da Fonte	1
Ribeira de Aranez	1

Somma . . . 124

Segue	124
Covões	8
Cabecinha	24
Dafacão	21
Cortegaça	24
Palmeiros	8
S. Miguel	1
Passo de Moreleira	2
Moreleira	37
Cabrafiga	1
Das Vivas	1
Dos Goimos	1
Condado	1
Urmal	5
Pero Pinheiro	40
Pé da Serra	25
Maceira	69
Ermida	1
Ribanque	6
Mourão	2
Granja dos Serrões	}
Azenha	
Cabeça	
Ansos	34
Barreiros	5
Farello	3
Ribeira dos Tostões	11
S. João das Covas	1
Abegoaria	1

	Segue . . .	457
Alfova		1
Tabuco		1
Granja da Nazareth		2
Chileiros		1
		— —
	Somma . . .	462

O número medio dos nascimentos em os ultimos cinco annos até 1820 foi de 75 , o dos mortos de 68 , e o dos casamentos de 17.

Em o logar de Pero Pinheiro do seu districto ha grandes pedreiras de marmore , das quaes se extrahe pedra para os edificios Reaes e particulares desta Capital. Produz o seu terreno com mais fertilidade vinho e trigo.

Terrugem.

Orago , S. João Degolado. He esta Freguezia filial de Santa Maria do arrabalde , donde dista huma legoa para o nordeste , e quatro e meia para o noroeste de Lisboa. Confina com as Freguezias de Montelavar , S. João das Lampas e Santa Maria do arrabalde de Cintra.

Consta a sua população de 264 fogos e 1040 habitantes parochiados por hum Prior , e compoem-se o seu districto de 27 povos entre logares e quintas denominadas

Terrugem em que ha - - -	21 fogos
Toja - - - - -	3
Da do Bispo - - - - -	2
Alpolentim - - - - -	8
Urmeiro - - - - -	1
Passo - - - - -	1
Villa Verde - - - - -	39
Ligeira - - - - -	1
Ribeira de Cabrella - - - -	2
Alcolomba - - - - -	23
Fervença - - - - -	3
Lameiras - - - - -	16
Armez - - - - -	11
Moleirinhos - - - - -	1
Casal de Sequeiro - - - - -	2
Bombeiras - - - - -	2
Murganhal - - - - -	2
Alparrel - - - - -	1
Almurquim - - - - -	17
Funxal - - - - -	8
Fajão - - - - -	24
Silva - - - - -	6
Cabrella - - - - -	27
Casaes - - - - -	5
Granja - - - - -	1
Carnessada - - - - -	10
Goudigana - - - - -	27

Somma - - - 264

O número medio dos nascidos nesta Fregue-

zia nos ultimos cinco annos até 1820 , foi em cada anno de 37 , o dos mortos 18 , e o dos casamentos de 7. Corre pelo districto desta Freguezia hum pequeno rio denominado o Fervença , sobre o qual ha huma ponte de cantaria. Produz com mais fertilidade trigo , cevada e milho.

Rio do Mouro.

Orago , Nossa Senhora de Belém. Hesituada esta Freguezia na distancia de huma legoa ao sueste da Villa de Cintra , e quatro ao noroeste de Lisboa na estrada real que vai de Lisboa para a Villa de Cintra e Collares. Confina com as Freguezias de Bellas , S. Domingos de Rana, e S. Pedro de Penaferrim. Correm pelo seu districto dois pequenos rios denominados hum do Mouro , e outro do Papel , assim chamado este ultimo por passar por huma fabrica de papel. Consta a sua população de 273 fogos e 1400 habitantes parochiados por hum Cura. Compõem-se o seu districto de vinte e cinco povos , logares e casaes , dos quaes são pertencentes ao Concelho de Cascaes os seguintes :

Covas - - - - -	}	- - - - -	36 fogos
Serradas - - - - -			
Moncorvo - - - - -			
Albarraque - - - - -			

Somma - - - 86

	Segue - - -	36
Axfamil - - - - -		10
Varse Mondar - - - - -		3
Cabra-figa - - - - -		5

Pertencentes ao de Cintra.

Rio do Mouro - - - - -	44
Dos Francos - - - - -	24
S. Marcos - - - - -	12
Papel - - - - -	6
Cacem - - - - -	30
Pavões - - - - -	26
Rinxoa - - - - -	14
Mercês - - - - -	7
Baratam - - - - -	8
Meleças - - - - -	4
Pexelegais - - - - -	25
Mosqueiro - - - - -	6
Jambujal - - - - -	3
Telhal - - - - -	2
Varse Meirinho - - - - -	2
Sobralhas - - - - -	4
Pinheiro - - - - -	2

Somma - - - 273

O número medio dos nascidos nos ultimos cinco annos até 1820 foi de 33, de fallecidos 21, casamentos 10. Ha neste sitio optimas aguas ferreas de que se vem utilizar muitas pessoas,

e na sua proximidade existe huma mina de jacinthos , os quaes com facilidade se colhem á superficie da terra quando he revolvida com o arado no tempo da lavoura , e dos quaes colhemos alguns que lapidados mostrarão côr resplandecente ainda que alguma cousa carregados na côr. He principal producção deste terreno fructa de espinho , de caroço , e vinho.

S. Pedro de Penaferrim.

Orago , S. Pedro. He situado o districto desta Freguezia nas abas do lado do norte da Serra de Cintra em distancia meia legoa da Villa , e a sua Igreja collocada em hum alto ao lado esquerdo da estrada que vem de Lisboa para a Villa em hum sitio chamado S. Pedro de Penaferrim , que antigamente se chamou Canaferrim. Consta a sua população de 374 fogos e 1350 habitantes parochiados por hum Prior. Confina o seu districto com o das Freguezias de Santa Maria , S. Miguel do arrabalde de Cintra e Alcabedeche. Compoem-se de dezeseis povos ou logares , dos quaes doze pertencem ao Concelho de Cintra , e se denominão

S. Pedro em que ha - - - -	83 fogos
S. Romão - - - - -	7
Algueirão - - - - -	43

Somma - - - 133

	Segue - - -	133
Fanares - - - - -		5
Casaes - - - - -		7
Mem Martins - - - - -		25
Val de Porcas - - - - -		25
Ranholos - - - - -		32
Arcinheira - - - - -		17
Linhó - - - - -		67
Cubello - - - - -		4
Caparrota - - - - -		5

Pertencentes ao de Cascaes, são

Sacotes - - - - -	11
Albarraque - - - - -	27
Manique de Cintra - - - - -	12
Bernardas - - - - -	4

Somma - - - 374

O número medio dos nascidos em cada hum anno nos ultimos cinco annos até 1820 foi de 61, dos mortos 21, e dos casamentos 15.

No districto desta Freguezia está o Paço do Ramalhão, e quintas Reaes que lhe são annexas, por entre as quaes passa a estrada Real que conduz á Villa e vem de Lisboa, e logo adiante desta casa na mesma estrada, antes de chegar ao Rocio de S. Pedro, debaixo de hum sombrio arvoredado, se vê huma sepultura de pedra sem outro lavor mais do que huma Cruz es-

culpida sobre a campã da fôrma que usavão os Templarios , e em huma das extremidades outra Cruz de pedra arvorada.

He conhecida esta sepultura pela denominação da *Sepultura dos dois Irmãos* , nome que já tinha no XV seculo como consta de hum instrumento daquelle epocha. Dizem os naturaes que o que dera origem a esta denominação fôra a tradição que entre elles corre antiga de paes a filhos que passo a descrever como a ouvi de hum velho de noventa annos , todo imbuido da sua veracidade.

Dois irmãos trazião amores com huma donzella que por aquelles sitios habitava , ignorando ambos os amores hum do outro. Acontecendo por huma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos em huma noite tenebrosa debaixo do balcão do objecto que tão enfeitiçados os trazia , hum delles persuadido que o outro lhe disputava os favores da sua dama , corre cego , e inconsiderado sobre elle , e o estende morto a seus pés , victima de hum frenetico ciume. Porém qual he a sua desesperação quando pela voz moribunda daquelle que julga o seu rival , reconhece ter sido o assassino de seu proprio irmão que muito amava que lhe expira nos braços ! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fraticida , e cabe morto sobre o cadaver ensanguentado do irmão , preferindo huma morte prompta a huma vida inconsolavel cheia de remorsos.

Esta he a narração desta novella , porém tendo-se aberto esta sepultura ha poucos annos achou hum só craneo , e o resto da ossificação de hum só corpo , o que claramente desmentia esta tradição vulgarmente recebida. Parece mais verosimil ser esta sepultura de algum capitão nosso que succumbisse na tomada desta villa , por quanto o nome de Batalha que conserva o campo proximo , parece dar logar á conjectura que algum evento militar tivesse acontecido emquelle sitio. Além disto como todos sabem , não só era louvavel costume dos tempos antigos dar honrada sepultura aos que succumbião em estas emprezas , consideradas como santas , e que erão contra os inimigos da Cruz , porém de levantar-lhes sumptuosos templos para seus sepulchros , como o dos Martyres e S. Vicente de Fora , em Lisboa , onde forão sepultados os que perecerão na expugnação desta Cidade , de cujo uso piedoso vemos hum segundo exemplo na Cidade de Silves no Reino do Algarve.

No logar da ribeira de Penhalonga nas faldas da serra para a parte do sul , está situado o Convento de Nossa Senhora da Saude , primeira fundação que tiverão os Monges de S. Jeronymo neste Reino. Foi seu primeiro fundador o Padre Fr. Vasques Monteiro , da casa dos Condes de Santa Cruz , natural de Leiria , o qual achando este logar proprio para o recolhimento e vida Monastica , mandou dois de seus companheiros , em que hia Fr. Fernandes João , muni-

dos de cartas de recommendação d'El-Rei D. João 1.^o , que então tinha o Sceptro , ao Papa Bonifacio para impetrar a sua approvação , a qual lhe foi concedida.

Não só com recommendações , mas com auxilios mais poderosos concorreo este Rei para a introducção desta Ordem fundando-lhe casa que no principio foi de Nossa Senhora da Victoria , a que se mudou o nome por causa da peste que houve em Portugal , procedida de humas náos que vierão da India , e como a gente ferida daquelle mal fugisse para o campo , chegando a este lugar ficou livre e sã , a denominárão por esse motivo com este titulo. Attrahidos depois da amenidade do lugar , ou da devoção , os Reis D. Manoel , D. Sebastião , e D. Henrique e o Infante D. Luiz , augmentárão consideravelmente com obras este Mosteiro. El-Rei D. Manoel reedificou a Igreja , e fez casa onde vinha residir ; o Cardeal , differentes casas , fontes e embelezamentos ; o Infante o dormitorio ; e D. Sebastião o dos Noviços. Entre os particulares , além dos Piores e outros , o Nuncio Zambucano , em tempo d'El-Rei D. João 3.^o , que fez as obras que ainda hoje se vêem na cêrca , e o Marquez de Cascaes.

Perto deste Mosteiro está hum levantado monte com hum penedo que serve de base a hum Cruz de pedra , e de balisa ao navegante. Antes da entrada do Convento está outra Cruz de pedra com seus assentos em circumferencia ,

segue-se hum pateo em pouca distancia em fórma quadrangular , onde estão á parte esquerda as hospedarias que El-Rei D. Manoel mandou fazer , as quaes por as ter o tempo arruinado mandou reedificar El-Rei D. Pedro 2.^o, conforme se vê do letreiro que tem sobre a porta em letras de ouro em huma pedra preta burnida , sobre a qual estão as Armas Reaes com duas espheras que mostram ser fundação d'El-Rei D. Manoel : cahem as janellas deste dormitorio para a parte do levante em hum pomar de fructa , que antigamente se chamou *Jardim das Damas*.

No fim desta hospedaria está huma varanda em fórma de claustro que consta de dois lanços com suas columnas de pedra , por hum dos quaes se entra n'huma casa chamada *Real*, com o tecto lavrado de bordo , no meio do qual estão as Armas Reaes e espheras d'El-Rei D. Manoel , o que mostra ser tudo obra sua.

Segue-se a esta outra salla e tres casas mais inferiores que rematão no fim com hum eirado na mesma correnteza , que he descuberto em fórma de mirante , e junto d'elle corre huma levada de agua de nascente , que serve de fazer moer duas mós de azenha que estão debaixo deste mirante.

Nestas hospedarias assistio em muitas occasiões El-Rei D. Manoel , e nellas veio tomar o nojo da Rainha D. Maria , filha dos Reis Catholicos , e aqui se tem hospedado outras pes-

soas Reaes , e senhores Portuguezes e Estrangeiros.

A Igreja he obra antiga , com o tecto de laçaria de pedra , sobre abobada que se sustenta em meias columnas que sobem do pavimento até ao tecto. Tem cinco Capellas, e em cima humma tribuna onde as pessoas Reaes ouvirão Missa.

A primeira Capella , que fica junto da porta , foi a de Nossa Senhora da Victoria , que hoje se chama da Saude pelo motivo que já dissemos. Esta Imagem foi deixada em testamento pelo famoso Capitão de Malaca , Rui de Araujo , em 1546 , depois de estar nesta Capella se mudou em 1685 para a do meio. Era festejada esta Senhora por diversos Cirios pelo Espirito Santo e Assumpção , sendo esta segunda festa pelos Genovezes , Venezianos e mais Nações da Italia , que representavão comedias.

Da parte do Altar mór , junto da Capella da Senhora da Saude , está a de S. José que tem hum retabolo com hum pintura muito antiga em taboa da adoração dos Reis.

A Capella da Senhora da Piedade fica no Cruzeiro , e esta foi a antiga Ermida onde o Padre Fr. Vasques lançou a primeira pedra a este edificio. A mais obra que se fez neste Mosteiro , se continuou ficando esta Capella permanente para memoria deste principio. A Imagem da Senhora he de pintura e tem esta Capella humma pedra com hum letreiro gothico que diz :

Era do nascimento de Jesus Christo de 1458 ,

dia de S. João Baptista , se começou a cantar nesta Capella de Santa Maria edificada neste nosso Convento de Peralonga huma Missa in perpetuum pelas almas dos mui virtuosos Senhores , e sempre virtuoso Rei D. João 1.º e da Rainha D. Fillippa sua mulher , cujas almas Deus tem , e por todos os seus filhos, filhas, netos e netas que delles descenderem para sempre. Por Antonio Ans , creado dos ditos Senhores , e Capellão mór que foi do dito Rei D. João , e Priol de S. Martinho de Lisboa , fez muitas esmólas a este Mosteiro , pelas quaes o Priol Fr. Clemente com todo o Convento por campa tangida Cabido fazendo segundo seo costume se obrigárão por si e seus successores a ter e manter como dito he a dixer cada dia huma Missa pelas almas dos ditos Senhores , e pela alma do dito Antonio Ans e pela de seu padre e madre , e por todos a que obrigado he , isto por reconhecer a nobre criação e mercê que delle recebeo , o qual se manda sepultar nesta Capella. Escrito em Peralonga por memorial 10 de Julho era sobredita.

A Capella mór he em fórma de Cruz com hum zimbório rotundo , na parte onde se cruza tem oito janellas rasgadas de vidraças que a fazem muito alegre : remata a parte de fóra com o Archanjo S. Miguel de marmore de perfeita estatura com a espada e escudo em que tem gravadas as letras Q. U. D. *Quis ut Deus*. Tem na entrada desta Capella mór os quatro Evangelistas em peanhas que sobresaem da canta-

ria , e na mesma correspondencia cinco figuras de marmore de cada lado representando os Apostolos , por baixo dos quaes ficão vinte e dois cenotafios, onze de cada parte, de fôrma quadrangular mettidos na parede. Deu El-Rei D. João 3.º esta Capella mór a D. Igncz de * para sepultar ao Conde 3.º de Monsanto D. Pedro de Castro , e a todos os seus descendentes de que era jazigo com a condição de largarem o padroado da Capella dos Reis , como consta de huma escriptura feita em Peralonga em Agosto de 1542.

O claustro deste Mosteiro tem quatro lanços todos azulejados , e huma fonte no meio que lança agua por quatro bocas. Em hum de seus lanços entre a porta da Igreja e da Sacristia ha hum letreiro , que diz a obrigação que este Mosteiro tinha de dizer tres Missas cada semana *in perpetuum* pelas almas de D. João 3.º D. Catharina sua mulher , D. Sebastião seu neto , e pelos Reis seus successores , que instituiu Fr. Brás de Barros.

Em hum dos outros lanços está o refeitório que toma todo o seu comprimento. Sobre a meza travessa está hum painel pintado a fresco, que tomava toda a largura da parede , do banquete que Christo deo no deserto , e o menino que trouxe os dois peixes o fizeram retratando nelle El-Rei D. Sebastião. Succedeo conforme a tradição dos antigos Monges deste Convento , que na occasião em que elle estava em Africa se

abrio esta parede onde estava o seu retrato, que se fez estando elle nelle e o Cardeal seu Tio, que mandou fazer este refeitório. Estando os monges no refeitório se abrio a parede com estrondo, ficando partida a cabeça do retrato que os pintores fizeram tendo-o presente, e na semana seguinte chegou a nova da perda da batalha de Alcacerquibir e da sua morte.

No outro lanço do claustro ha hum Capellinha com porta estreita, e tecto de abobeda com hum retabulo de talha dourada, e hum Imagem de Christo atado á columna: foi antigamente pintada esta Capellinha de brutesco pelas paredes, onde teve este letreiro:

« Aqui jaz Fr. Miguel de Valença, filho desta santa Casa e Prior. Foi Provincial de toda a Ordem do Nosso Padre S. Jeronymo. Foi Confessor de todos os Principes deste Reino que houve em seu tempo, dos quaes foi muito favorecido e estimado per suas letras e eminentes virtudes. Estando a Rainha D. Catharina e a Infanta D. Maria em Alemquer por causa da peste, e elle por este respeito no Mosteiro do Mato falleceo nelle, e por mandado da Infanta foi trazido a este Convento e enterrado nesta Capella, a qual mandou fazer aqui a mesma Infanta anno 1569.» Quando se reformou querendo-se ladrilhar, foi conveniente que o official cavasse no pavimento, e estando fazendo esta diligencia para assentar o lagedo sentio debaixo da terra, onde estava o corpo do Padre Fr. Mi-

guel, dar tres pancadas para cima muito grandes; largou medroso a ferramenta, e sahindo ao claustro gritou a grandes vozes, ao que acudindo os Religiosos contou o succedido, e não continuou mais em cavar sem que lhe assistisse hum Monge.

Tem outro claustro de abobeda por cima, para o qual se sobe por huma escada de pedra que vai de huma casa que fica junto ao claustro debaixo. Deste claustro se entra para a sala do Capitulo que tem hum Altar com huma pintura muito antiga em taboa, do Espirito Santo descendo sobre os Apostolos: tem mais o retrato d'El-Rei D. João 1.^o fundador, D. Sebastião bemfeitor do Mosteiro, e de varios venerandos da Ordem. Desta casa se entra no dormitorio que tem 316 palmos de comprido e 15 de largo, obra do Infante D. Luiz. Neste dormitorio está hum pequeno corredor para o claustro de cima, onde estão duas casas com janellas para o *tanque dos Adens*, huma he a cella Prioral, e outra a livraria. Nestas duas casas assistião o Cardeal Rei, que he obra sua, o Infante D. Luiz e El-Rei D. Sebastião quando vinhão divertir-se a este Mosteiro. Tem huma escada de pedra que finaliza junto da que vai para o Capitulo, que he a principal entrada deste Mosteiro ficando-lhe anterior hum alpendrado que tem por cima a cella Prioral e a livraria, a qual tem 30 palmos de largura e 47 de comprimento. Neste alpendrado está hum letreiro que diz:

Na era de 1627 em o 1.º de Dezembro ao meio dia houve huma cheia que alagou todo este Convento até a altura desta pedra, = que são mais de seis palmos.

Não consta que depois desta cheia houvesse outra senão em tempos antigos, da qual trata o Padre Fr. Antonio de Béja em hum tratado que fez contra o juizo dos Astrologos, que dedicou á Rainha D. Leonor, 3.ª mulher d'El-Rei D. Manoel, que se imprimio em Portugal de letra gothica, e se conservava na livraria deste Mosteiro, junto com outro que escreveo de Politica. Diz este Padre que no anno de 1518 houve huma tão grande cheia a 23 de Janeiro que rompeo os muros do cerco por sete partes, de maneira que alagou todo o Mosteiro, e correndo ao mar arrazou a ponte de Cascaes de que o dito Padre diz fôra testemunha. Além da agua tem tido tambem por grande inimigo este Convento o fogo, que pegando na serra se tem visto entrar no cerco e queimar todas as arvores.

Sahindo do Mosteiro para a parte do cerco se descobre hum pateo onde antigamente houve hum pomar. Da parte esquerda da estrada fica a celebrada *fonte da Porca* cuja agua he admiravel para os achacados de pedra. Deste pateo se entra por huma porta de grades de ferro para outro pateo lageado, que tem no meio hum lago em que andão os adens; neste tanque estavam sempre estas aves que tinham rendas para

o seu sustento que lhe deixou o Cardeal Rei, o qual estando á janella da casa onde assistia ouvindo-as estar gritando perguntou a hum Fr. Antonio, Monge deste Mosteiro, (a quem fazia mercê, e elle lhe dizia algumas galantarias) que dizião as adens? respondeu-lhe o Padre que pedião de comer; e o Cardeal lhe mandou dar huns tantos moios de pão para seu sustento, os quaes se ficárão sempre pagando.

Neste claustro, no lanço que fica defronte da porta do Mosteiro, ha hum porta que dá em hum taboleiro de arvores de espinho que se chama o *Jardim do Cardeal Rei*, o qual tem tres fontes; hum a que chamão *das Lagrimas*, por ser hum gruta onde se vê hum penhasco que se despenha em agua na fórma de lagrimas que cahem em hum tanque que está dentro da gruta. Tem outra a que chamão a *Fonte de Moysés* por nascer de hum pedra correndo de hum fenda, a qual he adornada de assentos em circumferencia, e com embrechados de conchas. A ultima corre em hum tanque que tem no meio hum pilar de jaspe por onde sahe com muita força. Neste jardim ha hum alto que lhe serve de eirado de parapeitos donde se vê o mar, e no fim tem hum a Ermida.

Neste claustro está hum porta com grades de ferro que conduz ao cerco, que he bastante grande, quasi todo plano, com ruas mui compridas de murta e louro, e com muitas arvores sylvestres, hum grande pinhal e hum bom po-

mar. Passão-lhe por o meio dois rios que o tornão mui fresco.. A' direita da porta em alguma distancia fica huma plataforma, para a qual se sobe por poucos degrãos de pedra aonde estão dois tanques, ficando entre elles hum claro de pouca distancia de hum ao outro, cada hum delles com o seu pilar de jaspe no meio que começa em quadrado, e acabão em redondo, rematando com hum chapéo redondo por onde deitão agua em abundancia, que desce em fórma de manga de vidro. Esta plataforma he quadrangular tendo de huma e outra parte assentos com espaldares.

Defronte da entrada na ultima porta deste quadrangulo se sobe por huns degrãos de pedra a huma casa que se fórma em quatro arcos que sustentão hum zimborio rotundo, ficando tres arcos na circumferencia em que remata o zimborio, e o quarto aberto que serve de porta por onde se entra. No meio tinha huma fonte de pedra vermelha (que era a que está na fonte da porca) com hum tanque com huma columna de jaspe de cinco palmos, pela qual lança agua a altura de duas varas: tem nos lados desta casa assentos em meio circulo. Pela parte de fóra ha muitas arvores sylvestres que fazem sombra a toda esta obra, junto da qual está huma Ermida da Senhora da Annunciação. Chamão-se estas obras do Cardeal Rei, porque elle as mandou fazer.

Para a parte do sul quasi no meio do cerco

fica a obra do Nuncio Zambucano, que consta de huma Ermida de S. João Baptista, cercada de fontes que dezaguão em hum grande lago, cujas obras reparou e ampliou Fr. Agostinho de Quadros, Prior deste Convento.

Tem florecido muitos Monges deste Mosteiro em letras e virtudes, contentando-nos de nomear aqui os nomes de alguns para não sermos fastidiosos, remettendo o leitor ás chronicas que relatão de suas vidas.

Entre estes farei menção do Padre Fernandes, ou Fernando João, natural de Coimbra, e companheiro do Padre Fr. Vasco, 1.º fundador.

O Padre Fr. Diogo de Murça, natural do Algarve, graduado em Theologia pela Universidade de Louvaine, Mestre e Aio do Infante D. Duarte, filho d'El-Rei D. João 3.º, e Reitor da Universidade de Coimbra.

O Padre Fr. Miguel de Valença, cujo epitafio já copiámos.

O Padre Fr. Brás de Barros, 1.º Bispo de Leiria, de que fallaremos quando descrevermos o Mosteiro da Pena.

O Padre Fr. Francisco do Espirito Santo, que falleceo de 94 annos de idade, e outros.

A pouca distancia deste Mosteiro está hum gruta de crystalização que antigamente foi fechada, e que foi descuberta segundo me affirmou (por constar de memorias antigas) por hum Monge deste Convento no reinado d'El-Rei D.

João 3.º. Desce-se para esta gruta por huma porta (que noutro tempo servio para a guardar) que está a sete ou oito pés de altura, com ajuda de huma escada de mão : logo em baixo ha hum pequeno largo, donde segue huma mina pela terra dentro, pela qual he necessario, em parte ir de rastos e vai terminar em outro pequeno vão. Pela porta superior ha huma fenda por onde o sol, penetrando os seus raios com hum effeito maravilhoso, torna fulgente esta casa crystalina. He lastima que o genio devastador de alguns visitadores, tenha em parte destruido o fantastico tecto desta estancia. As aguas que lhe entrão julgo terem formado para o lado esquerdo, onde parte hum ramo da gruta, e onde parece mais escavada algum deposito, porque os visinhos tem por costume avisar aos curiosos de evitarem hum poço, que asseverão existir naquella mina.

Ha nas faldas da serra hum pequeno logar entre brenhas chamado o Cubello, donde se avista o mar, e parte do rio de Lisboa em dias em que as nevoas o deixão descobrir.

Ora avulta acolá, Castello anoso
Em fragosos cabeços que tyranno
Do territorio e dos vassallos medo
Com suas ameias ao Ceo accommettia
Que em tempos de terror, discordia, sangue
Viu lançadas mortaes, viu gentilezas
De nossos invenciveis Cavalleiros.

He este o Castello vulgarmente conhecido pelo nome de Castello dos Mouros, cujos vestígios e ruínas de muralhas se vêem na parte occidental da serra sobre enormes calhãos. Qual foi a raça de dominadores que primeiro o ergueo, he o que se não póde asseverar em tanta antiguidade; mostrando comtudo as suas muralhas, isto he o que dellas resta, que por differentes mãos forão construidas, sendo em partes de hum a argamassa mui solida, igual á que se encontra em todos os vestígios de obras lavradas pelos Sarracenos. O certo he que no tempo deste existia, pois consta que D. Sancho 1.^o o reformára ou por causa de ruina procedida na sua tomada, ou por causa de outro accidente, isto por carta passada ao anadel e besteiros de Cintra em que os isenta de pagarem ensacas e entalhas nem outra cousa nenhuma, salvo no fazimento e refazimento dos muros ordenando aos Alvazis e veedores que lha cumprão, a qual confirmou seu bisneto em o anno de 1336.

Outrora suas torres alterosas, sustentadas no cumé das montanhas, orgulhosas da sua solidez, parecião demandar o Ceo, e talvez o pensamento vaidoso do homem que as levantou, — o homem, atomo imperceptivel, ephemero e passageiro na cadêa das destruições, julgou que afrontaria centenaes de seculos a obra dos seus trabalhos. Fragil e quebradiça como o ente que a ergueu, que poder podia ter contra a vontade daquelle que fez a terra com o seu poder, poz

em ordem o mundo com a sua sabedoria e estendeu os ceos com a sua prudencia ! obra do homem tinha de acabar ! Deus pensou , e digamolo assim , ao echo do seu pensamento , o raio vibrado cahio dentre as nuvens , e enchendo com seu tremendo fragor os valles convizinhos , derubou por terra essa erguida torre , outr'ora talvez atalaia donde o vigia Mouro espreitava cauto (qual tímido coelho) não se avizinhasse de seus muros , favorecidos da obscuridade da noite , alguma turba desses cavalleiros semimonges corredores de aventuras . Durante o silencio da noite tudo lhe augmenta o medo e receio , o vento repentino que se levantou e sacode as folhas outoniças , cans desse ancião dos bosques , desse carvalho enrugado , o desperta , o cervo que se roçou por aquella mouta , proxima dos muros do castello , lhe representa que o inimigo se avizinha , elle julga ouvir ao longe o tropear dos cavallos , e aquelle fogo que lá embaixo na planicie aqueyta huma quieta familia , á roda do qual o ancião da casa conta a seus filhos , ou lendas de Santos , ou historias antigas , se lhe affigura signaes em hum acampamento de sitiadores . Mas para que são tantos cuidados , tanto sangue debalde desparzido , tantas mortes , se todos jazem , e a mesma morte veio a este castello (*mors etiam monumentis venit*) : a terra aballada nivellou com os seus alicerces a maior parte de suas muralhas !

Orgulhoso theatro de mortes , testemunha

de tantas vicissitudes de imperios , a quantas nações tens curvado o teu collo altivo ! poisou sobre tuas ameias a aguia ensanguentada do Tibre , arvorou em tuas torres o seu pendão o Visigodo feudal , o Arabe Oriental as suas meias luas , e na tua esplanada plantou a palmeira do deserto como em terra da patria ; cedeste em fim ás Quinas sagradas sempre vencedoras ; mas quem sabe cerremos hum escuro véo sobre hum futuro tenebroso.

Hoje que resta de ti ? hum cadaver de ruinas , que o povo povôa desses fantasmas tão conhecidos entre nós com o nome de mouros e mouras encantados , o qual está persuadido que aqui existem thesouros encantados , e que hum Rei aqui foi sepultado com todas as suas riquezas em hum sarcophago , e que he guardado por genios malfazejos. Tradição popular , tão antiga , que já existia no tempo de Gil Vicente , que assim della faz menção no seu Triumpho do Inverno.

[A Serra de Cintra que falla.]

Eu tenho muitos thesouros
 Que lhe poderam ser dados
 Mas ficaram encantados
 Delles de tempos de Mouros
 Delles dos antepassados

 Hum filho dos Reis passados
 Dos gentios Portuguezes

Tenho eu muito guardado
Ha mil annos e tres mezes
Por hum magico encantado
E este tem hum jardim
Do paraizo terreal
Que Salomão mandou aqui
A hum Rei de Portugal
E tem-no seu filho alli.

Se a desvairada imaginação do vulgo collocou fantasmas nestas ruínas, a natureza sempre fertil em reproduzir contrastes, plantou os attributos de paz neste sitio de guerra, semeou com as doces illusões da vida o logar da morte. Nessa outr'ora mortifera seteira foi a andorinha tecer o seu ninho, nessa esplanada, theatro de gentilezas de antigos cavalleiros, pasteja hoje o pacifico boi, nessas torres meias derrubadas, outr'ora guarida de Sarracenos, se senta a Dama fatigada, o viajante curioso, e dahi espiarescem os olhos sobre a amena veiga de Collares, sobre esse mar que rebrama ao longe.... desse mar que já tremeu debaixo dos pés dos Portuguezes.

Recua o pensamento a melhores arcos, a seculos de gloria que passárão e mais não voltarão, e ainda quer nessas ondas distinguir o rasto que deixou o Argonauta Portuguez quando desferindo ufanas velas foi quebrar as furias do Adamastor, bater ás portas do Oriente. Lá se avista a foz do soberbo rio; nem humra vella se enxerga que o demande, nem humra lhe opprime

132 CINTRA PINTURESCA.

o dorso , que n'outro tempo gemêra com o peso de tantos soberbos galeões que trazião da Africa , da Asia e da America as riquezas e commercio : hoje por dourada garganta vomitas prodigo as riquezas que engoliste.

Mas voltando ao castello , era elle fortificado e defensavel no anno de 1383 quando Lisboa esteve cercada pelos Castelhanos na epocha do levantamento do Mestre d'Aviz ; e governado então por parte dos Castelhanos por D. Henrique de Vilhena , Conde de Cêa. O Condestavel depois de o ter torneado com trezentas lanças á vista do Governador que nelle se tinha fechado , se recolheu tendo feito muito damno e huma preza consideravel.

Para este castello que se compunha de cinco torres de que ainda restão as ruinas , e varias concavidades de que está minado , e he facil acha-las quando se examinam, sobe-se hindo rodeando a cêrca do Convento da Trindade ; e se entra para elle por huma porta pequena á mão direita.

A pouca distancia se encontra outra porta na segunda muralha do castello que tem onze palmos e meio de altura e he a principal , encostado á qual se acha hum reducto com tres columnas de cada lado para a parte esquerda , e tem o comprimento de cem palmos.

Logo se encontra huma antiga Ermida que se suppoem ter sido Mesquita de Mouros , a qual serviu de Freguezia (depois de tomado o

castello aos Mouros) com a invocação de S. Pedro de Canaferim : na Capella mór se via antigamente hum vestigio de S. Pedro pintado. Tem a dita Ermida na Capella mór trinta e dois palmos de largo e vinte de comprido , com hum inscripção Arabe á roda, em muitas partes extincta ; o corpo desta Ermida está todo descoberto , e tem quarenta e nove palmos de comprido ; a porta principal fica ao poente , e da banda do sul tem outra pequena e hum janella fronteira : além da Imagem pintada no Altar mór havia outra de pedra que ainda existe na Ermida de Santa Eufemia.

A pouca distancia da Ermida se acha hum deposito de agua , a que Murphy chama salla de banhos dos Mouros , vulgarmente conhecido por cisterna dos Mouros , distante das primeiras tres torres trezentos passos : entra-se para ella por hum porta pequena que tem dois degraos ; e para o lado esquerdo tem outros dois degraos que estão mettidos dentro da agua. He esta cisterna cuberta de abobada com tres arcos , e se acha com duas fendas arruinada por onde se vêem as suas aguas que são de hum excellente sabor , e tem de comprimento sessenta e tres palmos , e de largo vinte e seis ; he esta fonte o primeiro objecto de quem vai vêr o castello pela eminencia em que fica , e ser o seu nascimento tão abundante , que no verão se lhe não conhece diminuição em suas aguas que se encaminhão ás fontes do Palacio Real. Está bastantemente

entulhada de calça que cahiu das duas fendas da abobada , e de pedras que lanção dentro.

Hindo para a primeira torre se encontrava hum tulha que tinha cinco palmos e meio de diametro , por onde dizem que havia hum estrada encoberta que hia até Rio do Mouro , e que della se denominára o dito Rio , e para a parte direita se divisava o signal de hum porta por onde dizem era a dita entrada. Ao pé desta primeira torre estava outra tulha quasi entupida , e no fim da quinta torre outra , e duas mais depois de sahir pela porta da Traição , por onde segundo a tradicção os nossos valerosos Portuguezes conseguiram o serem senhores do Castello , as quaes tem communicação hum com outra.

Esta torre se acháva muito arruinada por causa de hum raio que nella cahiu : subia-se ao alto della por hum escada muito arruinada que se achava dentro da dita torre , a que se chamava da Homenagem , cuja abobada logo quando se entrava estava suspensa no ar ; pelo terremoto de 1755 ficou quasi toda demolida , assim como a maior parte dos muros deste Castello se demoliram em partes. A segunda e terceira torre ficam em distancia da primeira , sendo todas de hum argamaça mui forte.

A quarta torre que está antes de chegar á porta da Traição era a mais formosa , e se chamava Torre Real , onde se punha o estandarte

regio. Subia-se para ella da mesma sorte que para a quarta á roda da muralha, por mais de quinhentos degráos e muito arruinados. Tinha a sua entrada por hum buraco grande que tinha a dita torre defronte do nascente, e dentro delle por cima do buraco tinha hum janella de altura de doze palmos, e defronte hum pedestal da mesma materia de que he a sua fabrica, onde se arvorava a bandeira, arruinado quasi tudo; porém mostrando nos vestigios que tinha sido feito para este ministerio.

Distante alguns passos se vê a porta da Traição, remate do Castello, he muito pequena e com difficuldade cabe hum pessoa por ella, a qual está para a parte do poente. Era este Castello duas vezes no anno guardado pela gente do termo de Cascaes que nelle vinham assistir, e de noite faziam fogos para signal que nelle estavam, por cujo motivo lhe era concedido o privilegio de pagarem só meia jugada.

O primeiro Governador, ou Alcaide mór de que acho noticia foi Ruy Fernandes, o qual confirma o foral de Cintra = Ruy Fernandes Pretor Sentra confirmo. =

O segundo de que tenho conhecimento foi Gil Martins, Mordomo Mór d'El-Rei D. Affonso 3.º, como consta do foral de Béja, onde entre outros confirmantes vem o seguinte: — D. Gil Martins, Mordomo da Corte teente Sentra = na era de 1292 (An. 1254) Deste Gil Martins se acham memorias desde a era de 1291.

(An. 1253) até o fim da era de 1299 (An. 1261) no Real Archivo.

Na confirmação do mesmo foral de Béja, confirmado por El-Rei D. Diniz, sem data, entre outros confirmantes se acha o seguinte: = Pedro Eanes portel teente Sentra = Deste Pedro Eanes se acham memorias sem designação de logar ou emprego desde a era de 1308 (An. 1270) até a de 1344. (An. 1306.)

No reinado d'El-Rei D. Fernando foi Alcaide mór deste Castello Pedro Affonso, e no d'El-Rei D. João 1.º esteve este Castello no principio da sua acclamação governado pelo Conde de Cêa por parte de Castella, sendo á sua vista torneado como já dissemos pelo Condestavel. Em vingança da afronta recebida pelo marido lhe preparou a Condessa sua mulher hum tração em Coimbra, a qual juntando os seus criados deo de improviso no Paço onde se achava o Condestavel, o qual senão fôra advertido lhe cahira nas mãos.

D. João 2.º fez mercê desta Alcaidaria a Gonçalo de Azevedo.

Ha muito tempo que esta Alcaidaria anda na casa dos Ribafrias.

Defronte do Castello em hum monte visinho, que fica da parte do sul, está a Ermida de Santa Eufemia muito antiga, e pouco afastada da dita Ermida para a parte do norte se acha hum fonte que lhe pertence, em cujas aguas se veem banhar varios enfermos que por

meio de sua virtude conseguem melhorar de suas enfermidades.

Proximo desta Ermida está o Convento da Pena situado em outro monte, cujo mosteiro teve principio em huma Ermida de Nossa Senhora, que segundo a tradição appareceu neste lugar, onde foi venerada muitos annos com o titulo de Nossa Senhora da Penha.

Desta Ermida acho huma memoria do XIV seculo, pela qual consta que os Prioros da Igreja de Santa Maria hião todos os sabbados a ella dizer Missa. No anno de 1493 vejo pagar hum voto á Senhora que nesta casa se venera, El-Rei D. João 2.^o como faz menção Garcia de Rezende: « E em Nossa Senhora da Penha (diz o Chronista) elle e a Rainha foram estar onze dias por huma novena que prometteram; e estiveram muito sós porque a casa era uma bem pequena Ermida, e os que com elle estavam pousavam em tendas que El-Rei ahi mandou levar, onde se agazalhavam muito bem, e a todos se dava de comer em muita perfeição, e nos onze dias acabada a dita novena El-Rei e a Rainha se tornaram a Cintra. »

El-Rei D. Manoel affeiçãoado a este sitio deu principio ao Mosteiro onde estava a Ermida, para a Religião de S. Jeronymo, mandando cortar a penha a todo o custo, até que se fez huma planicie de 80 pés de terraplanado, onde levantou de madeira este edificio que dizem alguns foi modelo, e principiou em 1503, e durou oito annos.

Vendo El-Rei D. Manoel que esta obra não era perduravel a mandou fazer de cantaria e abobada, principiando-se a obra em 1511, e custou trinta mil cruzados fóra outras despezas, que para aquelle tempo era huma grande quantia, e em breve se acabou fazendo-se capaz de morarem nelle dezoito monges.

Tem este Mosteiro entrada para a parte do meio dia entrando-se por huma porta de grades de ferro, e logo á entrada do cêrco se vê huma fonte com seus assentos e hum tanque. Seguem-se logo os apriscos de gado, horta, e huma praça onde se corriam touros.

Perto do Mosteiro ha hum pateo onde estão as hospedarias, com a porta ao poente, a qual se fórma de hum arco de pedra em meia laranja, donde continúa até as hospedarias hum lanço de muralhas com suas ameias repartido em tres arcos, e cada hum delles em dois que divide huma columna de ordem Jonica rematando em duas meias columnas da mesma obra, a qual se sustenta sobre hum meio parapeito de parede de altura de hum homem de estatura ordinaria, com seus assentos de cantaria. Terão estas hospedarias quarenta pés de comprimento levantando-se nesta distancia dois botarcos que fazem hum alpendre, sobre o qual está huma varanda, tendo os dois botarcos tres claros, dos quaes se formão tres arcos tendo cada hum dois, porque os divide huma columna da mesma obra. Sobre o parapeito da varanda tambem tem arcos

e columnas , sendo o tecto do alpendre de laçaria de pedra com as armas reaes nos feixos , e desta varanda se descobre o mar com vista muito dilatada.

Da parte do norte está hum escada que entra para a Igreja , cujo tecto he de laçaria de pedra com as armas reaes nos feixos , Cruz de Christo e florões , descansando toda esta laçaria em quatro meias columnas que estão nas paredes. He toda a Igreja azulejada de azulejo branco e verde. No meio tem hum sepultura com guarnição de pedra preta , onde se lê o seguinte letreiro :

*Sepultura de D. Leonor da Fonseca
Mulher que foi de George Tibao
e seus descendentes.*

E mais abaixo se vê outro letreiro que diz :

*Aqui está tambem Francisco Tibao seu filho
Fidalgo da Casa de Sua Magestade.*

Tem esta Igreja hum retabulo em que está a Imagem de S. Jeronymo , e em cima da cimalla este letreiro : *Semper vox illa sonat in auribus meis ; surgite mortui , venite ad judicium.*

O outro altar do lado da epistola he de S. João Baptista , e no altar mór na banquetta , está a Senhora da Pena , e no espaldar fica o celebre retabulo de jaspe que passo a deprever.

Fórma-se este retabulo pela parte superior com hum arco de meia laranja que descança em duas columnas de jaspe preto. O arco he feito do mesmo jaspe com quadrados sobrepostos de pedra de alabastro com suas divisões de jaspe preto de embutidos, rasos com este letreiro : *Isa. Rorate celi desuper et nubes pluant iustum, aperiatur terra et germinet salvatorem.*

Tem no fim de cada ponta ou canto , dois meninos de alabastro que sustentam dois magotes feitos d'armas , fructos e flores , que pendem destas pontas até o meio do retabulo. Continúa o arco com huma cimalha de azulejo listrado com hum tecto de laçaria de pedra que fecha com huma Cruz de Christo , d'azulejo de estrelinhas. Destas duas columnas de jaspe preto se fórma hum nicho , em o qual se vê o nascimento de Christo todo de figurinhas de vulto feitas de alabastro.

Descendo por este meio entre duas columnas de jaspe preto sobresahe o arco , debaixo do qual se vê o Sacratio. Sobre este arco está huma Imagem de Nossa Senhora assentada dentro de outro nicho pequeno com duas columnas de jaspe preto sobresaídas , e duas meias interiores , sobre as quaes se formam tres arcos de renda de alabastro. Tem esta Senhora o menino no braço esquerdo , e no direito hum livro aberto , apparecendo a cadeira em que está assentada mostrando que está ensinando os homens e os anjos , e daqui descem humas varandas até o

fim do arco em que está o Sacrario tendo collateraes deste nicho outros dois, hum da Annunciação, e outro dos Reis, tudo de figuras de alabastro.

Debaixo destes nichos estão outros dois hum da Apresentação no templo, outro da fugida para o Egypto, todos igualmente de figuras de alabastro.

No meio destes nichos está outro mais concavo, onde está hum sepulchro de alabastro, sobre o qual se vê a Imagem de Christo morto, e tres anjos que o estão sustendo, do mesmo alabastro, que são as maiores figuras deste retabulo. No friso da cimalha deste nicho que tornea por dentro, tem este letreiro: *In die illa quid stat in signum, et erit sepulchrum ejus gloriosum*, tendo no remate das columnas em hum *Isaias*, no outro *Cap. 11*. As bases destas columnas são em meia laranja todas de alabastro com guarnições e frisos de jaspe preto lavrado de meio relevo de folhagens. Fica este sepulchro superior ao Sacrario, o qual he em fórma rotunda, sobresahindo de toda esta obra, e tem da parte direita hum anjo com as armas reaes, e do esquerdo outro com as da Rainha D. Catharina.

He este Sacrario de alabastro; tem pela parte de fóra hum resguardo com seu zimbório do mesmo alabastro, e o Sacrario move-se pela parte de dentro em redondo, o qual tem na circumferencia seus apainelados dos passos da pai-

xão de figuras em meio relevo, e em hum delles que he a porta tem este letreiro: *Panis qui de caelo descendit*, e por baixo a era em que foi feita que diz ser em 1531.

Os passos da Paixão que tem esculpidos na circumferencia são os seguintes: A Prisão do Senhor á columna, o Ecce Homo, a Cruz ás Costas, o descimento da Cruz tudo de figuras.

Tem dentro o Sacramento, e quando se lhe mete huma luz, ou se poem por detraz, transparece a luz como se fôra crystal podendo-se com ella lêr.

Sustenta-se o retabulo em humas pilastras de alabastro com humas laminas da mesma pedra, tendo da parte da Evangelho a Cêa, e o Horto; e da parte da Epistola a Resurreição, e descida ao Limbo. Da parte do Evangelho tem em huma base este letreiro: *Divæ Mariæ Virginis et matri sacratum*; e da outra parte no pedestal do mesmo altar o seguinte letreiro: *Joan. 111 Emm. F. Ferdinand. nepos. Eduard. Pro-nep. Joan. 1. Abnep. Portug. et Algarb. Rex. Afric. AÆtiop. Arab. Pers. Ind. ob felicem partum Catherinæ Conjugis incomparabilis suscepto Eammanuele filio Principe Aram cum signis pos. dicavitque an. MDXXXII.* Que quer dizer. El-Rei D. João 3.º filho d'El-Rei D. Manoel neto de D. Fernando bisneto de D. Duarte e 3.º neto d'El-Rei D. João 1.º Rei de Portugal e dos Algarves, Africa, Ethiopia, Arabia, Persia, India, pelo feliz parto da Rainha D. Catharina

sua incomparavel Consorte , nascendo o Principe D. Manoel dedicou esta obra no anno de 1532.

Custou este retabulo , cuja pedra foi extrahida da Serra , quatro mil cruzados , e foi executado por hum statuario estrangeiro chamado Nicolau , de nação Franceza , segundo encontro em huma memoria antiga , e o assevera Duarte Nunes de Lião , ainda que alguns o fazem Italiano. Apesar do seu lavor não parecer dos mais correctos, quanto ao desenho, aos modernos , nos tempos antigos gozava de grandes creditos , e pela sua boa execução fez hum Portuguez o seguinte epigramma latino.

*Mira manus , mirus lapis , misteria mira
 Ast magis est mirus quæ bona mira fecit :
 Non cæsum miror non tot piacula rerum
 Quanto sub æthereo cardine mundus habet :
 Hoc opus , hunc lapidem , hanc artem super omnia
 miror ,
 Sunt indigna viro sed bene digna Deo.*

Fizeram dadivas a este Mosteiro os antigos Reis. D. Manoel e a Rainha D. Maria fizeram presente á Senhora da Pena de huma coroa do primeiro ouro que veio da India , ornada com huma grande esmeralda. A Rainha D. Catharina de humas contas de ouro com huma Cruz de rubins trabalhada na India. A Rainha D. Maria mais huma alampada de prata.

Festejava-se esta Senhora todos os annos em

diversos tempos. Pelas ladainhas de maio vinha o cirio de Lisboa, pelo Espirito Santo o de Belém, por Santiago o de Cintra e Ericeira, pela Assumpção o do Lumiar, e a 21 de Outubro o de Santo Isidoro que fica junto ao mar, e outras muitas festas de devotos.

Consta o claustro deste Mosteiro de hum superior e outro inferior, e na cêrca havia diferentes ermidas humas feitas pela arte, outras feitas pela natureza, para onde os antigos Monges se retiravam a orar.

He este Mosteiro muito sujeito aos raios pela sua eminencia que lhe tem causado alguns danos: em huma pedra no campanario se lia hum oração contra os raios escripta em versos latinos, a qual segundo a tradição deu hum peregrino aos Monges, visitando este Convento. Em dia de S. Jeronymo a 30 de Setembro de 1743, pelas quatro horas da tarde quando os Monges celebravam a festa do seu patriarcha, cahiu hum raio que arruinou parte da torre e communicando-se á Igreja pela parte da Capella mór, damnificou algumas guarnições de pedra de que he construida, queimou a maior parte da armação com que estava armada a Igreja, estragou o orgão, destruiu as grades do coro e tirou da abobada algumas pedras grandes. Communicou-se depois á Sacristia, queimou varias vestimentas, e fez em pedaços a porta que vai para o interior do Mosteiro. O que he porém singular he que achando-se naquella casa vinte

e quatro Monges , e mais de duzentas pessoas , apenas o Ministro da Trindade foi ligeiramente offendido.

Entre os Monges que pelo seu saber e virtudes illustraram este Convento foi o Padre Fr. Brás de Barros , 1.º Bispo de Leiria , filho de Valentim de Barros , morgado da Amoreira , primo do nosso insigne historiador João de Barros , e tio de Gaspar de Barreiros. Estudou na Universidade de Louvaina juntamente com Fr. Diogo de Murça , e de seu conselho procedeu a fundação da Universidade de Coimbra por El-Rei D. João 3.º Foi nomeado primeiro Bispo da Cidade de Leiria , a qual acabava de ser erigida em Bispado pelo Papa Paulo 3.º a instancias d'El-Rei D. João 3.º ; porém logo cinco annos depois renunciou nas mãos d'El-Rei , e se retirou a fazer vida eremitica neste Mosteiro , onde falleceu a 31 de Março de 1579 , e foi sepultado na sepultura que mandou fazer , ao lado da qual em humas columnas estão humas pedras com o letreiro seguinte : *Por alma d'El-Rei D. João 3.º que santa gloria haja , se diz para sempre em este Mosteiro huma Missa cada semana e pela da Rainha D. Catharina sua mulher se diz outra ; e outra por El-Rei D. Sebastião seu neto nosso senhor cuja vinda esperamos , a qual Deus por sua piedade lhe dará e assim sua gloria. E depois esta Missa se dirá sempre por El-Rei que em este Reino de Portugal reinar 1579. Esta Missa mandou dizer o dito Bispo.*

Foram além deste conhecidos pelas suas virtudes e letras o Padre Fr. Francisco de Barcellos, filho natural do Conde do Prado e de D. Maria de Faria.

Fr. Brás de Olivença, natural desta Cidade, que foi Prior de Belém e Provincial da Ordem, o qual fez algumas obras a este Convento.

Fr. Pedro de Ribafria, e Fr. Affonso de Coimbra, e outros que não nomeio por não ser o fim da minha obra delles dar noticia circumstanciada, por esta existir na Chronica da sua Ordem.

Ha annos vindo hum Inglez, hospede de Alexandre de Gusmão, visitar este sitio descubrio junto deste Convento pedras de cevar.

Produz com mais fertilidade o terreno desta Freguezia, cereaes, fructa, e vinho.

S. João das Lampas.

Orago S. João Baptista. He situado o districto desta Freguezia em distancia de legoa e meia para o norte da Villa de Cintra, e confina com os das Freguezias de S. Martinho de Cintra, Collares, Terrugem, Chileiros, e Reguengo da Carvoeira. He a sua população de 715 fogos, e 3300 habitantes parochiados por hum Vigario, e compoem-se o seu districto de 32 povos ou logares denominados:

S. João ,	30 fogos
Bolelos	13
Montearoio	12
Odrinhas	30
Barreira	8
Alvarinhos	28
Amoreiras	16
Almagreira	7
Areas	12
Alfaqueques	15
Jacarés	3
Peroleite	6
Cabeça	8
Tojal	2
Mouxeira	23
Arieiro da Arreganha . .	12
Seixal	13
A dos Palheiros	6
Assafora	80
Cortezia	23
Cantrivana	18
Arneiro dos Marinheiros .	20
Poianos	1
Togeira	45
Magoute	31
Bolembre	36
Fontenellas	64
Gouvêa	22
Perningem	30

Somma 619

10 *

Segue	619
Aldêa Gallega	12
Chilreira	12
Codiceira	72
Total	715

Correm pelo terreno desta Freguezia os ribeiros de Magoute, da Samarra, e do Barril, que vão desaguar na foz de S. Julião. Consiste a principal fertilidade do seu terreno em trigo, cevada, milho, e vinho; e ha no seu districto varias pedreiras.

DESCRIPÇÃO

DA

VILLA DE COLLARES.

Huma legoa ao poente da Villa de Cintra , e a seis de distancia da Cidade de Lisboa para o noroeste , superior a hum fecundo e verdejante valle , conhecido pelo nome de *Varsea* , está situada a ridente Villa de Collares , a qual pelo despenho de suas fontes , melodia das aves , temperança de seus ares , que no mais intenso ardor do estio nos fazem experimentar hum moderação primavera , mimo de suas fructas , pureza de suas aguas , com justo titulo podemos chamar hum verdadeiro paraíso na terra. Estende-se esta varsea até o Oceano que dista hum legoa desta Villa , onde vai desaguar o rio das Maças. Corre este rio que nasce no termo de Cintra , no lugar do Lourel , de nascente a poente , e recebendo as aguas que se despenhão do alto da Serra , e de dois riachos que lhe entrão hum junto á quinta da Bréja , e outro junto ao tanque da varsea da mesma Villa , depois de haver feito moer varias azenhas e fertilisado os pomares que ficão nas suas duas margens com suas aguas (as quaes usavão por distribuição do almoxarife , sem pensão , os povos desta Villa) to-

mando o nome de Gallamares desde o sitio de Ponte Redonda á varsea, e desta até o Oceano o de rio das Maças, vai alli morrer na praia denominada das Maças.

Pertendem que o nome de Gallamares seja vocabulo corrupto de *Alaga-Mares* por chegar antigamente a maré a este sitio e allagar-se na sua enchente o valle. Era então o rio, segundo a tradição antiga, navegavel; e entrava no Oceano por hum foz limpa e funda por onde entravam as embarcações que surgião no porto de Collares. Hoje porém no estio he vadiavel em toda a parte pela diminuição das suas aguas, o que procede de varias causas, sendo as principaes a agua que se reparte para a rega dos pomares, e a muita que se embebe na terra pelo impedimento das arêas que se amontoaram na barra. Estas tem ali formiado tantos baixos e parceis que apenas póde chegar á boca do rio alguma pequena embarcação, e isto quasi sempre com perigo.

No anno de 1154, já se chamava com o nome de Galamar este rio no foral de Cintra nas confrontações do termo de Cintra, nelle descritas. Além do nome deste rio o de alguns sitios á borda do mesmo rio de Collares como Porto, Reconcavo, Terra firme, Ilha, Auguaria etc., provão não ser tão falta de fundamento a conjectura tradicional de ter o mar occupado estes campos e areas a que ainda chamão *marinhas*, que hoje se veem aproveitados em vinhas e pi-

phaes. O certo he que em huma doação antiga do Reguengo desta Villa feita por D. Affonso II no anno de 1255 a Pedro Miguel e sua mulher Maria Estevão, se faz menção de hum porto chamado Bassa (que reputamos povoação Romana) o que he digno de observação, por alli virem as confrontações, e poder precisamente designar-se o sitio.

Tomou esta Villa o nome de Collares provavelmente por estar assentada sobre dois collos ou collinas sobranceiros á varsea. A etymologia que lhe dão, o nosso celebre historiador João de Barros no seu Clarimundo, e o author da Ulissea poremos aqui mais para recreio do leitor do que utilidade.

Diz pois o historiador, no romance que inventou, que esta Villa tivera principio no Castello de Collir, edificado pela Condessa de Compa, senhora natural de Alemanha que residia em Dinamarca. Tendo-lhe o Principe desta terra morto o marido, esta nova Dido temerosa das consequencias que a ameaçavam, tendo junto as suas joias, e acompanhada de alguns dos seus, e de tres filhos, tendo-se embarcado em duas náos, abordou a éstas praias, e subindo o rio acima, attrahida da amenidade do sitio, resolveo fixar-se nelle e buscar descanso aos seus trabalhos. Sabendo que aquellas terras pertenciam a Zeilão, senhor de Lisboa, lhe demandou parte dellas para nella habitar reconhecendo-se como tributaria, cujo regulo annuo com a con-

dição de lhe comprar a terra por cem pesos de ouro e trezentos de prata. Não tendo a Condessa o dinheiro necessario , lhe deu em penhor tres collares de ouro , com a condição que não sendo resgatados em tres annos ficariam pertencendo ao dito Zeilão. Feita a compra tratou a Condessa logo de edificar com os seus o Castello , ao qual em memoria do penhor chamou Colir , e junto a elle se construiu a povoação que hoje se chama de Collares , do qual derivou o nome.

Vejamos agora a invenção do nosso poeta Gabriel Pereira de Castro na sua Ulissea. Hum novo Caco por nome Phitodemo devastava estes sitios , e nelles habitava em huma profunda caverna , horrido covil de suas sanguinosas presas , o qual foi vencido e morto por Alcides. Divulgada a noticia da sua morte por os povos daquella terra , ninguem ficou sem vêr a caverna , horriavel habitação do gigante , despovoaram-se os campos para vêr o corpo ensanguentado , que arrastaram com fortissimos *Collares* , ergueram-se altares a Alcides ,

E o tempo gastador que tudo come
De Collares conserva o proprio nome.

Porém deixando fabulas e voltando á nossa descripção : He esta Villa muito antiga , o grande numero de inscrições e medalhas aqui encontradas não deixa logar a duvidar ter sido povoação dos Romanos. Ignoramos como passou do

dominio dos Mouros para o dos Christãos ; hum vestigio porém daquelles povos parece conservar-se no nome da calçada que conduzia ao Castello antigo que ainda hoje se chama do Albornoz. Quem seria este Albornoz ? Seria o senhor Mouro desta Villa ? O certo he que em tempo d'El-Rei D. João 3.^o havia em Cintra hum Martin de Albornoz , pessoa de authoridade que exercia os cargos desta Villa , que se correspondia com o dito Rei com certa liberdade que inculcava ter gosado da sua privança. Tem a Villa por armas hum Castello entre arvores , indicando estas a fertilidade da terra , e aquella ser terra fortificada ou ganhada á força d'armas.

Do antigo Castello se servião os officiaes da Camara para os Ministerios publicos , porém fazendo gosto de viver nesta Villa Diniz de Mello e Castro , Bispo que foi de Leiria , de Viseu e da Guarda , pôde obter o dominio e posse do dito , convertendo-o em hum palacio que hoje pertence a seus herdeiros. Deu foral a esta Villa El-Rei D. Diniz a 16 de Maio de 1255 com o patrimonio de 340 \$ 000 rs. pagos do producto de huma finta.

No anno de 1255 fez doação do seu Reguengo de Collares El-Rei D. Affonso 2.^o a Pedro Miguel com a obrigação de lhe plantar vinhas , e de lhe dar o quarto de todos os fructos , cujo Reguengo tinha Pedro Castelhana da Rainha D. Urraca , porém a primeira pessoa que teve esta Villa com os seus Castellos , termos e

Reguengo foi o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira , a quem El-Rei D. João 1.^o fez della doação por Carta passada em Santarém em 20 de Agosto da era de 1423 , de Christo 1385. Quando o Condestavel repartio as suas terras as deu a seu neto D. Affonso , Conde de Ourem , o qual fez della doação a D. Isabel , filha de D. Affonso , Conde de Barcellos. Tudo consta de huma Carta de confirmação d'El-Rei D. Duarte feita em Santarém em 29 de Março de 1433. Na mesma Carta se declara , que na dita doação assignaram o Conde de Barcellos como pae e curador que era do dito D. Affonso , e tambem D. Fernando , Conde de Arrayolos , que na falta de successão , havia de possuir aquella terra como irmão e herdeiro que era do Conde de Ourem D. Affonso ; foi a doação feita em Coimbra em 7 de Novembro do mesmo anno.

Casando a senhora D. Isabel com seu tio o Infante D. João , Mestre de Santiago e Condestavel do Reino , passou o senhorio desta Villa para sua filha mais velha a senhora Infanta D. Isabel , o qual não logrou por se ter desposado em Castella com El-Rei D. João 2.^o Por este casamento passou o dominio desta Villa para sua irmã a senhora Infanta D. Beatris , mulher do Duque de Viseu e mãe d'El-Rei D. Manoel , de quem este Rei a houve , e lhe deu novo foral a 10 de Novembro de 1516 , e seguindo o exemplo de seus antepassados lhe augmentou os privilegios que de tempo antigo gosavam , e lhe

concedeo mercê de não pagarem portagem , e lhe commutou por hum estipendio annual mais suave a pensão do quarto que pagavam de todos os seus fructos.

Parece não logrou este Rei a posse pacifica desta Villa , porque poucos dias antes de morrer , em 20 de Novembro de 1521 , fez hum a escriptura de contracto com D. Brites , filha do Condestavel , em que se obrigou a dar-lhe 200 \$ 000 rs. de juro e herdade pela cessão que lhe fez da Villa de Collares com todas suas mantenças, direitos , e jurisdicções. No anno seguinte de 1522 no mez de Setembro mandou seu filho El-Rei D. João 3.º tomar posse desta Villa e de seus rendimentos a Francisco de Macedo , de cuja commissão deu conta em hum a carta a El-Rei que se acha no Real Archivo.

Tem esta Villa Casa de Misericordia fundada por D. Diniz de Mello com ajuda do povo ; Casa da Camara ou Audiencia a que preside Juiz ordinario ; e consta todo o seu termo de hum a só Freguezia em que ha 565 fogos e 1744 almas , parochiadas por hum Reitor apresentado pelo povo da Freguezia , e he seu orago Nossa Senhora da Assumpção. Compoem-se o districto desta Freguezia de 25 povos entre quintas , casaes , e logares , dos quaes os logares de

Almoçageme com 115 fogos

Segue 115

156 CINTRA PINTURESCA.

Segue . . .	115
Ulgueira com	40
Atalaia com	15
Azoia com	62
Total . . .	232

São sujeitos ao Concelho de Cintra , e á extincta Comarca de Alemquer.

Os que pertencem ao Concelho de Collares e antiga Comarca de Torres Vedras são os seguintes :

A Villa de Collares com . .	60 fogos
Quinta do Conde	2
Sarraçola	1
Pedra firme	1
Covão	1
Bulhocos	1
Morrassal	1
Cellas	3
Moufal	35
Vinagre	3
Eugaria	32
Volta	5
Rio do Milho	4
Gigaros	8
Boca da Mata	3
Penedo	119
Segue . . .	279

Segue . . .	279
Casas novas . . .	19
Santo André . . .	8
Azenhas do mar . . .	22
Rodizio . . .	3
Farol da Roca . . .	2

Somma . . . 333

O número medio dos nascidos em cada hum dos ultimos cinco annos até 1820 foi o de 80, o dos fallecidos 27, e o dos casamentos 15.

Confina o districto desta Freguezia com os das Freguezias de S. Martinho da Villa de Cintra, S. João das Lampas, e com o Occeano, pertencendo-lhe as praias que lhe são adjacentes, e indo acabar no cabo ou farol da Roca.

Tinha no seu districto os Conventos de Santa Anna de Carmelitas, e as antiquissimas Ermidas de Milides e S. Saturnino, e Peninha.

A pouca distancia do Convento dos Capuchos da Serra fica a antiquissima Ermida da Senhora de Milides, cuja origem data do principio da Monarchia. Nas ruinas de tão modesto edificio que se diz ter sido a primeira parochia da Villa, ainda se divisam os fragmentos da sua respeitavel antiguidade. O nome de Milides lhe vem, segundo a tradição dos povos, do seguinte facto. Vinte Portuguezes meditavam huma empreza de guerra contra os Mouros, ou fosse a tomada desta Villa ou antes qualquer facção mi-

litar atrevida; começavam com tudo a vacillar á vista de hum desproporcionado número de inimigos, e o seu animo varonil começava a afrouxar á vista do perigo inevitavel. A' moda dos tempos antigos alentavam-se com a oração neste retiro, eis senão quando ouvem huma voz que dizia — Ide que *mil ides*: despertados e electrizados por esta voz magica, sahem resolutos, e aos gritos repetidos de *Milides* dão sobre os Mouros, e apesar de tão desproporcionado número os desbaratam, e vem dar graças de tão portentosa victoria á Senhora que d'ora em diante appellidam de *Milides*.

Na proximidade desta Ermida, está o extincto Convento de invocação Santa Anna, de Padres Carmelitas. Foi primeiro fundado este Convento no casal da Torre, antigamente chamado de Miguel Joanes no termo de Cintra, que pertenceo a mestre Henrique, physico mór d'El-Rei D. Duarte, o qual tendo primeiro impetrado licença do dito Rei para a sua fundação, [que lhe foi concedida por Carta dada em Lisboa em 14 de Novembro de 1436], deixou em testamento o dito casal, onde já tinha edificado huma Capellinha ou Oratorio, á ordem do Carmo para por sua morte se fundar naquelle logar o dito Convento deixando por testamenteiro e executor desta sua ultima vontade a D. Fr. João Manoel, Bispo de Ceuta e Capellão mór.

Por morte do dito mestre Henrique no anno de 1449, com authorisação da Rainha D. Isa-

bel mulher d'El-Rei D. Affonso 5.º, senhora da Villa, passaram a tomar posse do casal o Padre Fr. Rodrigo, Sub-Prior, com mais quatro Padres, e Gonçalo Boto, em nome do Bispo testamenteiro. Nomeou logo o Bispo para habitar no dito casal a Fr. Constantino Pereira, sobrinho do Condestavel, e para dar principio á sua fundação levou em sua companhia o Padre Fr. João de Santa Anna, o qual passado pouco tempo se ausentou, e ficando Fr. Constantino só deu principio á nova Fabrica, conseguindo edificar alguns commodos para os Religiosos que alli houvessem de habitar.

Como o sitio fosse pouco fructifero, e desabrigado, tendo hum certo Sebastião e sua mulher Ignez Esteves feito doação ao dito C. Pereira, para elle seus herdeiros e successores, de huma sesmaria que possuiam, no logar da boca da mata, partindo pelo oriente com a quinta de Milides, e pelo poente com a Serra, tratou logo de suspender a obra começada, e principiar nova fabrica neste local, ficando malograda a primeira fundação. Chamou este para o ajudar o seu antigo companheiro o Padre Fr. João de Santa Anna, e prevendo ambos que o edificio gastava tempo antes que fosse de todo concluido, construíram huma pequena Ermida com o nome de oratorio dedicado a Santa Anna, que tomaram por orago do novo Convento, onde interinamente celebravam os officios divinos, empregando-se os ditos Padres em cultivar a Serra,

rompendo matos , plantando arvores , em quanto não se podia acudir á obra do edificio por a Provincia não ter os fundos necessarios para a despeza. Nestes exercicios se conservou o sobrinho do Condestavel até que falleceo a 14 de Fevereiro de 1465.

Morto Fr. Constantino entregou o Juiz dos direitos de Collares esta sesmaria com a Ermida a hum Alvares Fernandes de Abreu , escudeiro do Arcebispo de Lisboa , para a gosar como sua em quanto a Infanta não julgava a quem verdadeiramente pertencia. Mandaram logo os Religiosos á Villa de Collares o Padre Fr. Antonio em companhia do Sub-Prior para mostrar o direito que tinham áquella sesmaria , porém não resolvendo este a dúvida recorreram á dita Infanta D. Isabel , que lha mandou dar , a qual depois gosaram sempre pacifica.

Sendo eleito Vigario para este novo Convento Fr. João Namorado tiveram notavel incremento as obras , com alguns subsidios dos Prelados , doação que lhe fizeram da herdade da Torre , com a obrigação dos Padres dizerem as trinta e cinco Missas que o mestre Henriques tinha ordenado em seu testamento , e com as esmolas de alguns devotos.

Acha-se o Convento edificado em hum sitio ameno , em huma planicie na raiz da Serra , e sobranceiro á Villa de Collares , cercado de frondoso arvoredado. Gosa ao perto da aprazivel vista da varsea , casas de campo , pomares , e

quintas revestidas de copados arvoredos, e mais longe de logares, e casaes, terminando o horizonte de hum tão variado e delectavel painel o oceano, cujas vagas prateadas se estão vendo em distancia quebrar naquellas praias.

Tem a Igreja a porta para o poente e está assentada em hum Adro, no fim do qual se lê em letras maiusculas —

O Bispo D. Fr. Christovão Moniz, Religioso do Carmo, sagrou esta Igreja até este logar no anno de 1528.

He a Igreja de huma só nave, e tem de comprimento cento e vinte palmos. No anno de 1612 conseguiu o padroado da Capella mór, para elle e seus herdeiros Diniz de Mello e Castro, Bispo de Leiria, de Viseu, da Guarda, e Regedor das Justiças, determinando que nesta seria o logar da sua sepultura, sendo nelle igualmente depositado Brás Corrêa.

No presbyterio do lado do Evangelho está a sepultura rasa do padroeiro, e na campaa hum escudo de armas partido em palla; na parte direita tem seis arruellas em duas pallas, e na esquerda seis besantes entre huma Cruz doble. Sobre o escudo chapeo prelaticio entre as duas insignias de Regedor e Bispo, com a seguinte inscripção —

Sepultura de D. Diniz de Mello e Castro, fi-

Iho de Francisco de Mello e Castro e de D. Brães Nobre , Bispo que foi de Leiria , de Viseu , e da Guarda , do Conselho de Sua Magestade e Regedor das Justiças deste Reino de Portugal , falleceo aos 25 de Dezembro de 1640.

No mesmo pavimento se vê a sepultura de seu irmão , igualmente em campa rasa , na qual na parte superior se leem estas letras *H. S. E.* , e mais abaixo a seguinte inscripção —

Fr. Emanuel de Mello , Francisci de Mello de Castro & D. Beatricis Nobilis dilectus filius , Religione virtute , ac in sua singulari pietate : hanc sepulturam sibi soli edificavit. Ann. D. 1638.

No meio de cada huma das paredes dos lados está metido hum mausoleo , ambos de pedra branca e preta , semelhantes entre si na architectura. No feixo do arco do mausoleo , que fica do lado do Evangelho , se vê hum escudo fretado de correas , repassadas humas por outras , e na face da urna se lê o seguinte epitafio —

Esta Capella he de Brás Corrêa , e nella se diz por sua alma huma Missa quotidiana com seu responso ; e para se enterrar a mandou fabricar e ornar , e a dotou de cincoenta mil réis de renda Diniz de Mello e Castro

seu herdeiro , a quem pertence o padroado , e a seus herdeiros ; e todo o direito que se contem no contrato que fez com os Religiosos desta casa , que está no seu cartorio , e na Torre do Tombo. M. P.

O escudo que está no feixo do outro arco he esquartelado. No primeiro quartel tem seis aruellas postas em duas pallas : no contrario seis besantes entre hum a Cruz doble ; no segundo hum a aguia e no contrario hum leão ; timbre a mesma aguia. Na face da urna depois das letras *D. O. M.* tem este epitafio —

Petro de Castro Domino de Ferreira Sanguinredo Pareda Lostoso Castelpam de Freitas Ceixal Profecto arcis de Melgaço & Castro Laboreiro a proavis habitis conjugi D. Beatrici de Mello filio Francisco de Mello , ejusque uxori D. Beatrici de Mello Nepotibus Emanueli et Joanni de Mello : Dyonisius de Mello de Castro avo integerrimo , patre optimo , fratribus desideratissimis. M. F.

No meio do pavimento da Capella ha hum Carneiro; nelle foi sepultado, no anno de 1639, Antonio de Mello e Castro, Governador e Vice-Rei que foi do Estado da India. Em 7 de Abril de 1718 foi tambem alli sepultado seu filho Caetano de Mello e Castro, Commendador de S. Miguel de Azamar na Ordem de Christo, Go-

vernador que foi de Sena e Pernambuco, Vice-Rei e Capitão General do Estado da India. Não ha outra alguma sepultura dentro desta Capella.

No cruzeiro ha duas Capellas fundas. A da parte do Evangelho até o anno de 1706 foi consagrada a Santa Anna : neste anno trasladaram della os Padres a Imagem da Santa Padroeira para o Altar mór, e collocaram no seu logar hum a Imagem de Jesu Christo que estava no interior do Convento. No anno de 1614 se constituiram senhores desta Capella, onde estava o Santissimo Sacramento, Antonio Rodrigues Rócha e sua mulher Leonor Coelho, para seu jazigo e de seus herdeiros.

A outra Capella que lhe corresponde da parte da Epistola he de Santa Luzia. Em hum a pedra embutida na parede da parte do Evangelho se lê a seguinte memoria —

*Capella de Brites Vaz com Missas de obrigação conforme o contrato; a qual pagou, do-
tou, e fabricou da sua terça. A mais fazenda herdou este Convento por parte de seu
filho o Padre Fr. Cosme dos Santos; falleceu a 7 de Maio de 1614.*

As paredes do corpo da Igreja são azulejadas, obra que mandou fazer o Padre Mestre Fr. Filippe de Santa Thereza sendo Provincial.

Entrando-se pela portaria que fica ao norte antes do portico ha hum atrio com tres arcos

de pedra do lado exterior. No interior abre a porta para huma casa espaçosa , na qual entre outras pinturas se via o retrato original, segundo a tradição , do Padre Fr. Constantino Pereira. Segue-se hum claustro quadrado com columnas de pedra. Da parte direita ha huma porta, pela qual se entra para a Sacra-Via em que está a Capella donde se trasladou a Imagem de Jesu Christo crucificado para a Igreja , collocando-se em seu logar outra que estava em huma Ermida da cêrca. Debaixo do altar se vê hum tumulo de pedra de differentes cores , no qual esteve depositado o corpo de Fr. Estevão da Purificação. Na parte do Evangelho se lê hum letreiro que diz —

Esta Capella he de Antonio Trancoso Corrêa e de sua mulher Maria Jacome , a qual elles fizeram á sua custa , e a dotaram de renda e fabrica , com obrigação deste Convento lhe dizer todas as semanas huma Missa das Chagas , e huma cantada pelos Santos para sempre. Era 1612.

Fronteira a esta Capella corre a Sacristia , cujas paredes se achavam cubertas de paineis ; defronte da porta desta se começou a levantar a torre , cujos sinos são os mesmos da fundação do Convento. Tinham estes na estimação dos moradores circumvisinhos singular virtude contra as tempestades , cedendo estas ao éco das suas vozes.

Por detrás da Sacristia e pelo mesmo pavimento se vai para o segundo claustro. Tem este columnas de pedras entre arcos , sobre cada hum dos quaes ha hum ja nella rasgada formando huma galaria. O quadro se compõe de hum jardim com hum tanque no meio. No lanço do poente ha varias cellas em que se accommodavam os Religiosos. Naquelle em que assistio e acabou a vida o Padre Fr. Estevão da Purificação se lavrou hum Capella dedicada a Nossa Senhora , enriquecida de reliquias e adornada de boas pinturas , distinguindo-se entre estas hum feita em Roma do Senhor caminhando para o Calvario com a Cruz ás costas.

A ultima cella deste lanço era a livraria , a qual se compunha de muitos volumes , dos quaes fez doação ao Convento o Padre Fr. João Feixó de Villalobos. No outro lanço , que he o do sul , está a casa do capitulo , que tambem servia de cemiterio para os conventuaes. Na parte do nascente se encosta hum altar , e em hum das sepulturas do pavimento está aberto em pedra rasa o seguinte letreiro —

Aqui jaz o veneravel Padre Fr. Estevo da Purificação , varão insigne em virtude.

Para o dormitorio alto se sobe por huma escada de pedra. No lanço do poente correm as cellas em que se accommodavam a maior parte dos Religiosos , sendo a primeira a Prioral. No

lanço do meio dia fica a casa chamada de *fogo*, no contrario que he o do norte o Noviciado.

Descendo-se para a cêrca pela parte que fica junto ao refeitório, antes que se entre nella, ha hum passeio na distancia de todo o dormitório do poente, o qual vai acabar na porta chamada do cêrco. Nô meio do muro que fica da parte do poente está huma porta, pela qual se entra em hum pomar, para regar o qual entrava o Convento na repartição da agua, que vem da serra com differentes applicações, entre os moradores da Villa. Utilisava-se o Convento dois dias em cada semana por mercê d'El-Rei D. João 3.^o, por Carta passada em Almeirim aos 14 de Dezembro de 1556. Corre este pomar pelo declive da serra para a parte da Villa a entestar com a mata de Milides, vindo acabar onde nos primeiros tempos da fundação esteve a antiga Ermida de Santa Anna. Deixando o pomar, e principiando a subir pelo restante da cêrca para o lado do meio dia, se encontra hum tanque onde se recolhe a agua que vem da serra para a rega das arvores. Na visinhança deste tanque corre huma fonte de agua nativa, e a pouca distancia desta fonte ha huma Ermida antigamente dedicada a Santo Alberto Drepanense. Voltando-se para o nascente, e subindo-se ao sitio mais alto da cêrca para o lado da serra, se chega a hum sumptuoso tanque mandado construir pelo Provincial Fr. Philippe de Santa Thereza, para nelle receber as aguas do *Vimal do*

Duque que descem da serra, as quaes a requerimento da Communidade foram doadas ao Convento por Filippe 3.^o, por Alvará feito em Lisboa aos 7 de Outubro de 1605, com o qual beneficio se augmentou consideravelmente a renda da cêrca: Não tem a cêrca cousa alguma mais digna de memoria, senão huma Ermida que se encosta ao muro da estrada, que pela boca da mata se encaminha para o logar do Penedo.

Aformozeam muito a Villa de Collares as differentes quintas que a cercam, ornadas de viçoso arvoredado, e rendosos pomares de espinho e caroço, sendo entre estas as mais conhecidas as do Rio de Milho da Breja, do Duque do Cadaval, Aguas Ferreas, La Roche, Montano e de José Dias, onde se vê hum bello jogo de agua.

Summamente aprazivel he o sitio da Varzea, onde o rio tem huma ponte de cantaria, e se represam as aguas que servem para a rega dos pomares, e de agradável recreio para aquelles que o navegam em hum pequeno batel, debaixo da sombra das arvores carregadas de pomos, os quaes hindo pelo rio abaixo, quando o rio era navegavel até ao mar, deram o nome á praia onde elle vai juntar a sua humilde veia com as encapelladas vagas do Oceano que se quebram nesta praia a que *chamão das Maçans*. Proximo á sua foz ha hum largo que retém as aguas que lhe deixam as marés altas. A esta praia acodem no verão muitas familias que vem de Cintra e Collares a tomar banhos, os quaes pela agua ser

muito batida são de grande proveito, porém se tomam ás vezes com grande perigo. Hum funesto exemplo se experimentou recentemente no anno de 1838. Tres senhoras que se banhavam foram arrebatadas pelas ondas juntamente com os banheiros ; destas apenas huma foi arrojada morta á praia , as outras não foram mais vistas , enchendo de consternação tão lastimoso successo as familias , que naquelle tempo por aquelles sitios residiam.

Sobranceiro ao Oceano se eleva hum enorme banco de pedra cortado pela natureza , quasi perpendicular , em cuja base as ondas batem espumosas , e refervem com espantosa furia. Chama-se a esta muralha de pedra , que assim lhe podemos chamar, *Pedra de Alvidrar* , objecto que entre os mais interessantes desperta a curiosidade do estrangeiro que visita Cintra. Apenas se chega ao lugar de Almoçegeme , he de vêr a quantidade de homens e rapazes , que a troco do mais pequeno ganho , se disputão a primazia de descer este elevado , íngreme , e liso rochedo. O que he o homem , ou para melhor dizer o que he o habito ! aquillo que não ousaria o mais destemido guerreiro o faz hum povo inteiro , pela maior parte crianças , por hum costume antiquissimo transmittido de pais a filhos , do qual já fez menção Duarte Nunes de Leão na sua descripção de Portugal. Arrepiam-se as carnes , desmaia o coração do espectador ao vêr o perigo imminente destes infelizes que sem mais auxilio que os pés

e mãos vão descendo pela rocha até serem salpicados das ondas. Ai ! daquelle a quem escorregou hum pé na sua temeraria tentativa que precipitado no mar pagou com a vida o seu ousado arrojo. Admira o atrevimento desta infeliz gente a quem a fome compelle a tão arriscado ganho ; porém admira ainda mais a maldade do coração humano , e o egoismo daquelle que por hum simples passatempo , tão facilmente poem em risco a vida do seu semelhante. He com tudo bello o vêr , de cima deste penhasco , a immensidão do Oceano , correr com os olhos porquanto ahi podem abranger de horisonte , e enxergar ao longe os navios que em variadas direcções vão levar a differentes paizes as riquezas do commercio , e mais perto essas *muletas* multi-velliferas , sementeas por toda a Costa , de grata vista para aquelle que aborda a foz do Téjo.

Eminente ao mar na mesma Costa está a Ermida de Nossa Senhora da Peninha , situada sobre hum rochedo , o qual por ser inferior em grandeza relativamente áquelle em que se edificou o Convento da Pena se chamou da Peninha. Refere-se por tradição que , no reinado de El-Rei D. João 3.º , havia no logar de Almoinhas Velhas huma pastorinha muda que costumava ir apascentar as suas ovelhas á serra. Hum dia lhe fugiu huma ovelha branca do rebanho a todo o correr , e não parou senão no alto deste penhasco. A este logar a foi buscar a pastorinha toda chorosa , pelo excessivo trabalho em que a

puzera. Chegando ao alto daquelle rochedo viu com admiração humo menino muito formoso que estava junto á ovelha, a qual vendo-a tão afflicta lhe perguntou que buscava; e recebendo ella aos impulsos desta voz Soberana a fallar de que carecia lhe respondeo, que esta ovelha que lhe havia fugido do seu rebanho. A esta resposta lhe disse a formoso menino, que a levasse a sua mãe, e lhe dissesse que lhe desse pão.

Era neste tempo grande a falta que havia de trigo, e tambem grande a fome que todos experimentavam; e assim respondeo a pastorinha que sua mãe não tinha pão; tornou-lhe a menina a dizer que fosse e pedisse a sua mãe pão, porque em tal arca tinha tantos pães. Chegando a pastora a casa já quasi noite bradou pela mãe que a desconheceo pela fallar, porque nunca a tinha ouvido fallar; e reconhecendo ser sua filha foi tão grande o alvoroço, e a alegria, que accudiram os vizinhos, e sabendo o successo, e vendo o que a pastora pedia, lhe respondeo a mãe que o não havia; e dizendo-lhe que sim o tinha a encaminhou para a arca aonde se acharam os cinco ou seis pães que a Senhora lhe tinha dito, e com isto referio todo o successo. No dia seguinte partiram os pais e vizinhos da pastora, e indo todos áquelle rochedo da Peninha, e percorrendo por todas as partes delle para verem se estava alli alguma pessoa, viram em humo rotura da penha humas pedras postas de mão e entalhadas que a fechavam, tiraram-nas,

e dentro descobriram a Imagem da Senhora , que hoje se venera neste logar.

Trouxeram a Imagem para a antiquissima Ermida de S. Saturnino (de que já fizemos menção tratando da Freguezia de S. Miguel) que fica alli proxima e nella a collocaram , mas a Senhora que havia alli santificado o logar , deixando a Ermida de S. Saturnino foi buscar a sua penha o que repetio por tres vezes.

Neste idyllio sagrado teve origem a veneração desta Imagem , e o culto na devoção daquelles aldeões , os quaes , vendo a vontade da Senhora , trataram de lhe fazer huma Ermida ajustada com a sua pobreza : com effeito lhe levantaram huma Ermidinha de pedra seca , e na parede fronteira á porta meteram huma lagem sacada para fóra , que juntamente lhe servia de throno e altar , e nelle a collocaram. Arruinada a Ermida pelo desabrido do logar , e rigor dos ventos que alli são mui rijos , a qual estava no logar que hoje he eirado , e crescendo a devoção dos povos vizinhos , fizeram outra pouco maior , porém mais capaz de resistir ao rigor do tempo no logar onde hoje he a Capella mór.

No tempo do Cardeal Rei , pelos annos de 1579 , acudiram a venera-la muitos povos como Collares , Cintra , Cascaes , e de todos aquelles logares circumvizinhos até o Milharado , que foi a primeira Confraria , os quaes com suas esmo-las fizeram outra Ermida melhor com seu altar , e outro nicho mais levantado , e nelle perseverou

a Senhora até o anno de 1673 , pouco mais ou menos , em que o Irmão Pedro da Conceição , mancebo de vinte e oito annos , official de pedreiro , vindo áquelle sitio em companhia de outros moços do seu officio , resolutos de ahi acabar a vida em serviço da Senhora , vestio o habito de Ermitão de Nossa Senhora do Carmo , e deo principio á nova Igreja.

Vendo o Irmão Pedro a má serventia que havia para a Ermida , que era tão escabrosa , que por força se havia de sobir com trabalho pelas rachas da rocha aonde se haviam assentado algumas pedras sobre cal a modo de degrãos , se resolveo a fazer-lhe huma escada , quebrando os penedos que lhe faziam impedimento. Constando isto aos Padres Vicentes o quizeram obrigar a que se compozesse com elles sobre as offertas e esmólas que se faziam á Senhora , ou despejasse o sitio , porque era seu com a Ermida de S. Saturnino , por huma doação que delle lhe havia feito El-Rei D. Sancho 1.º , o que o ermitão impugnou , mostrando que lhes não pertencia , mas á Fazenda Real , porque partia com a dos Conegos Regrantes de S. Vicente ; e contentando-se já com que de foro lhes pagassem hum frango , nem nisto quiz consentir o ermitão , que alcançou sentença a seu favor.

Os Padres Carmelitas pertenderam tambem que lhes pertencia por ser obra de hum ermitão seu : vendo-se novamente vexado , recorreo ao Arcebispo de Lisboa , sugeitando a Ermida á

Paroquia de S. Pedro , do arrabalde da Villa de Cintra , por chegar alli o seu districto , de cuja Paroquia ía todos os Domingos e Dias Santos o Capellão dizer Missa , que satisfazia o Irmão Pedro.

Passadas estas tormentas continuou o Irmão Pedro a Igreja , que tem Capella mór e tribuna , e he de marmores de varias cores , que descobrio naquelles sitios , e de embutidos , em cujas obras gastou grande parte de huma herança que teve de hum parente do Ultramar. Além da obra da Igreja , fez humas casas para commodidade dos Romeiros , e rompeo humas terras que lhe deo El-Rei D. Pedro 2.º , para do fructo dellas assentar renda para a cêra , azeite , e congrua do Capellão. Trinta e cinco annos vivêo neste retiro , onde falleceo , deixando em seu testamento trinta mil réis ao ermitão , e trezentos e sessenta alqueires de trigo ao Capellão para haver alli Missa. Tem a sua sepultura feita por suas proprias mãos , fóra da porta da Igreja , onde poz este epitafio :

Aqui jaz o Ermitão de Nossa Senhora da Peninha , o Irmão Pedro pede hum Padre Nosso , e huma Ave Maria , pelos bemfeitores.

A Imagem da Senhora está em huma tribuna que tem o retabulo da Capella mór , a qual Imagem he de pedra da altura de quatro palmos , e tem huma mão quebrada.

Do adro da Igreja se avista a dilatada e magestosa vista do Oceano que banha a base do penhasco, sobre o qual está erguido o Templo, e da costa da qual são os logares mais notaveis (além da Pedra de Alvidrar, e Praia das Maças de que já fallámos) os do Cabo da Roca, sobre o qual estão postados faróes para segurança dos navegantes, Azenha do mar e Magoute.

Descripção Geologica, e Mineralogica da Serra de Cintra, extrahida em parte das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Descrevendo nós a parte geognostica da Serra de Cintra, julgamos o mais acertado extractar o que sobre este assumpto escreveram os dois sabios Academicos Domingos Vandelli, e Barão de Eschwege. O primeiro na sua Dissertação sobre o Volcão extincto de Lisboa, fallando desta Serra (que teve origem neste Volcão, e seus penedos desabados e despegados do cume da montanha na fractura procedida provavelmente por hum terramoto) se expressa nestes termos:

Vestigia hujus Vulcani incipiunt in extremitate septentrionali Urbis *S. João de Bem Casados*, & Alcantara, ea interrupta tamen a collibus calcareis & lapide albo calcareo lithophytis repleto; dein scorix vulcanicæ obtegunt colles calcareos usque *Rioseco* in quo strata calca-

rei arenarii semipellucidi, *Wall.*, similia iis fere *solfataræ* Neapolitanæ, s. Puzzuolo: dein colles vulcanici sequuntur fere usque *Paço d' Arcos* ad Tagi littora, e quo loco colles e stratis marmoris usque ad Penhalonga, ubi præter marmora, strata scorix solidæ nigræ, lamellosæ, s. lamellis crassioribus effodiuntur. Exsurgit mons, vulgo *Serra de Cintra* inter hos colles calcareos & vulcanicos, cujus strata, præter unum spatii suilli, sunt saxi cotaceo-quartzosi, quorum superiora olim fracta, & divulsa forsitan ab aliquo terremotu, cui basi versus Oceanum alter mons insidet *Alvidrar*, cujus strata fere perpendicularia, in ejus basi sunt marmoris crystalini albi, particulis majoris fere instar Parii; huic sequuntur alii montes marmorei usque Mafrá quo in loco pulcherrima marmora alba, nigra, & variagata, e quibus Magnus Joannes V Mafrense Cænobium ædificavit.

Colles autem vulcanici e littore Tagi usque *Quehus*, *Bellas*, *Suimo* progrediuntur ita ut extensio horum collium vulcanicorum e parte Tagi littorali est $2\frac{1}{2}$ leuc. et æquali latitudine hi gaudent inter *Cabeça de Montachique* & *Vialonga*: eorum autem extensio longitudinalis usque ad *Torres Vedras* est 7 leuc.: variis tamen in locis hi colles vulcanici interrupti sunt a collibus calcareis, aut arenatis.

O segundo na sua Memoria Geognostica ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno

desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até á Serra d'Arrabida, e sobre sua idade relativa descrevendo esta serra se explica por esta maneira.

As montanhas de Cintra que formam hum grupo isolado da formação primitiva, se elevam no meio de *formações secundarias* a huma altura de 1829 pés (termo medio de diferentes observações barometricas) sobre o nivel do mar, e se estendem de Leste a Oeste n'hum comprimento de tres legoas. A maior parte desta serra consiste em hum *Granito* que mostra diferentes alterações na sua posição; ora he de hum grão pequeno, ora de hum grão grosso, ora tem muitas rijezas, ora he tão molle e decomposto, que se desfaz entre os dedos. O *Feldspatho* que contem he *branco grisêo*, raras vezes *avermelhado*, a *Mica preta*, e o Quartzo de *branco sujo*. Intimamente estão com ella misturadas particulas finas de ferro magnetico, que tambem se acha em pedaços soltos de varias pollegadas de diametro sobre o cume da serra. O *Granito* fórma as elevações mais altas, e os seos declivios tem pela maior parte hum aspecto aspero e escabroso, muitas vezes pinturesco.

Seguindo-se o caminho para o *Convento dos Capuchos* nas alturas de *Collares*, e descendo-se dahi para o *Cabo da Roca* no pé da serra desaparece o Granito: a superficie da montanha he mais boleada e menos aspera, e se encontra hum

Porfido Feldspathico com muitas variações na côr causadas pela sua composição, mas principalmente pela decomposição das suas partes constituintes, de sorte que humas vezes tem o aspecto de hum verdadeiro *Porfido* de côr parda avermelhada com granitos de Quartzo e *Feldspatico crystallizado*, maiormente tem lustro na sua fractura, em outras partes parece ser hum verdadeiro *Eurite* (weistein). Esta rocha se prolonga até o Cabo da Roca, que se acha 160 pés elevado sobre o mar; e rodeando-se dahi o pé da serra pelo caminho da pequena aldêa de *Biscaya*, apparece sobre elle huma camada de *Syenito*, que apresenta na sua superficie massas formidaveis e globulosas. A extensão desta camada não he grande, o *Porfido* predomina outra vez daqui em pouca distancia, e ao pé de *Almoinho velho* cede este o logar ao *Granito*, mostrando a passagem de hum rocha para outra.

Eis-aqui o prospecto geral das rochas de que se compoem a Serra de Cintra, nas quaes não se póde verificar hum direcção regular das suas estratificações, e só algumas vezes apparecem ellas na direcção do Nascente ao Poente parallelamente com a direcção do cume da serra. Tão simples he a composição deste terreno primitivo, tantas variedades mostra a composição do terreno baixo, de que he rodeado, que na proximidade da serra he formado de rochas secundarias, e estas merecem toda a attenção do Geognosta observador para não ficar en-

ganado , e para poder chegar a estado satisfactorio.

Para o lado de Oeste e Oes-Noroeste está o pé da serra banhado de mar ; e para o lado do Norte e Nordeste se estende huma planicie ondulosa que se dirige para a Ericeira , Mafra , e Igreja Nova , com hum aspecto seco e esteril , que se eleva ao pé do penultimo logar em direcção a huma altura de 750 pés sobre o mar. Não se me offereceo occasião de examinar este terreno , mas sua physionomia não deixa dúvida a hum terreno onde predomina o *Gres de Nébra* (Grés bigaré , grès a Oolites , Bunter Sundstein) , e a formação *Jurassica*. As pesquisas que se fizeram no anno 1802 na vizinhança da Ericeira para se explorar huma camada de carvão de pedra , ou para melhor dizer de páos bituminosos affirmão esta supozição.

Na parte de Es-Sudoeste e de Sudoeste a Sul , he esta serra rodeada de huma pedra calcarea alpina (*Zechstein Magnesian limestone*) que immediatamente está inclinada sobre o granito , faltando inteiramente as formações intermedias de transição. Na vizinhança de *S. Pedro* tem este Calcarea Alpino huma côr azulada escura quasi negra , e he estratificada em camadas grossas ; ao pé do *Ramalhão* tem huma estratificação delgada correndo a direcção dellas na hora 6^a da *Bussola* dos mineiros com huma inclinação de 45° para o Sul. A primeira vista , este calcareao poderá ser confundido com hum

Schisto argiloso, mas pela efervescencia com os acidos se conhecerá facilmente este engano. Tambem observando-o só na sua extensão transversal no caminho de *Cintra* até as alturas de *Cacem*, onde se lhe não encontra petrificação alguma, fica algum tanto duvidoso senão pertence a hum calcareo de transição; mas observando-o nas suas extremidades para a banda do Oeste entre a *Charneca* e *Cascaes* não sómente se acham no mesmo *Calcareo Alpino* petrificados que não são proprios do *Calcareo de transição*, mas tambem se acha huma camada de *Gres marnoso*, e grandes fragmentos de hum *Conglomerado* ou Grés antigo que espalhados sobre elle fazem presumir que este constitue o seu leito costumado.

Perto de S. Pedro continúa huma pequena eminencia para este, cuja rocha he hum *Espatho fetido* de côr branca e mui crystalina, que se apresenta em bancos grossos donde se tiram grandes pedras para serem serradas em taboas para mezas, usadas em Lisboa. Como este *Espatho fetido* he retalhado por muitas fendas que se encruzão, e não se podendo observar o logar onde se acha em contacto immediato com o *Calcareo Alpino*, mas podendo-se vêr bem claramente que para o lado de Cintra elle está sobreposto ao Granito, assim como o *Calcareo Alpino* ao pé de S. Pedro, fica por tanto duvidoso se as duas acamadações [*] se prolongam por bai-

[.] A palavra *acamadação* significa o seguimento das camadas tanto na sua extensão, como na sua sobreposição.

xo do dito *Calcareo*, sendo huma formação mais antiga e independente, ou se ella he huma formação parallelá ou simultanea como este.

Sobre o *Calcareo Alpino* se encontram ás vezes monticulos ou Collinas dispersas da formação Trapeena, de *Trachytes porphyricos* e de Phonolites, assim como de *Diabase schistosa*, tanto para o lado do mar, como ao pé do chariz do meio da Charneca, e nas vizinhanças do Ramalhão. Os *Trachytes porphyricos* ao pé deste ultimo logar contém o Feldspatho de côr de carne, e o total da composição fórma huma pedra linda para obras de ornato.

Nas alturas de Cacem se esconde o *Calcareo alpino* por baixo das camadas do Gres de Nebra, que apparece neste só na superficie de alguns centos de passos na direcção da largura das suas camadas. Este *Gres* he de grão fino, e pelas differentes oxidações de suas particulas ferreas, apparece ondeado ou raiado com varias côres brancas, amarellas, avermelhadas, e azuladas. A sua estratificação he menos inclinada para o Sul que a do *Calcareo Alpino*, e se dirige parallelamente com este do Noroeste para o Poente. He de notar que as camadas deste *Gres* se tem estreitado consideravelmente nestes sitios, pois proseguindo-se a linha de sua direcção para Leste e Noroeste, se observa que elle se alarga cada vez mais; já na vizinhança de *Bellas* tem mais largura alternado com algumas camadas de pedra *Calcareo arenosa* apparencia

propria deste *Gres* contendo *lenhitos* espelhados no meio das suas estratificações como se póde observar nas pedreiras onde se tiram mós para pedras de amolar. Descendo-se da cabeça de *Montachique* para *Torres Vedras* desaparecem quasi todas as mais formações, e o *Gres de Nebra* que em grande parte alli he de hum grão grosso, constitue todo o terreno baixo e ondulado que se estende até ao mar até *Obidos* e ás *Caldas da Rainha*, onde nelle nascem as aguas hepaticas. Até aqui os dois illustres Academicos nas memorias citadas.

Além dos bellos marmóres brancos da *Pedra de Alvidrar*, pretos de *Collares*, vermelhos, amarellos, e azues de Pero Pinheiro, algumas minas de productos metalicos se tem encontrado nos termos destas duas Villas de Cintra e Collares. O ferro apparece com frequencia: no sitio de Penalva, junto ao logar de S. Pedro, na Praça de Cintra, nas casas e quintal de Joaquim Vital Pinheiro da Veiga se tem achado, assim como no sitio da Madre de Deus, onde segundo memorias antigas, existe huma mina de prata na quinta do Conde de Redondo. Em o logar de S. João appareceo em 1838 huma mina de zinco que ainda não foi observada. Encontra-se tambem na serra o Magnete ou pedra de cevar. Em Cintra abrindo-se hum poço se achou o enxofre virgem: e em partes do terreno da Freguezia de Alcainça grande se acham vestigios de minas de carvão de pedra muito sobrecarregado do dito enxofre.

Taes são os esclarecimentos que sobre esta parte podemos apresentar, sentindo que a min-go de conhecimentos nos tolha fazer hum exa-me mais maduro e satisfactorio sobre hum tão interessante ramo deste nosso trabalho.

Itinerario dos pontos principaes comprehendidos na estrada Real de Lisboa á Villa de Cintra, e suas distancias respectivas.

	Milhas	Total	Diligen- cia	Jumento
Da Praça de D. Pedro em Lisboa, até ás Portas de S. Sebastião da Pedreira	1, 42	3, 95	h. 0, 57	h. 1, 10
A Sete Rios	0, 80			
A' Igreja de Bemfica . . .	1, 75			
Ao principio da subida da Porcalhota	0, 60	2, 95	0, 44	0, 56
Ao moinho velho onde se separam as duas estradas de Queluz e Ponte Pedrinha	0, 60			
A' ponte de Carenque . .	1, 00			
A ponte Pedrinha [junto ao Aqueducto]	0, 75			
Quinta da Tascoa	0, 40	2, 20	0, 32	0, 49
Massamá [no centro] . . .	0, 10			
Papel [principio da estrada nova]	0, 60			
Cacem [Estalagem no alto]	1, 10			
Rio de Mouro [na baixa em frente da casa de Martins Bastos]	1, 60	5, 10	1, 12	1, 50
Fonte da meia Charneca .	1, 30			
Ramalhão [portas de ferro]	0, 82			
Igreja de S. Pedro no alto	0, 58			
Cintra [na Praça]	0, 80			
		14, 20	3, 25	4, 45

N. B. As distancias são avaliadas em milhas maritimas ou geograficas de 60 ao gráo. Tres destas milhas formam a legoa maritima de 20 ao gráo, contendo cada hum a 2525 braças ou 5555 metros; os algarismos postos á direita da virgula denotam os decimos e centesimos da sobre-dita milha. Segue-se por tanto que a distancia itineraria entre as duas praças he de quasi 5 legoas maritimas ou 15 milhas, faltando-lhe sómente 8 centesimos, ou 670 braças.

As duas columnas denotam o tempo gasto em Diligencia e em Jumento andando a passo ordinario, a saber: percorrendo a Diligencia 4 milhas por hora, e o Jumento 3.

Alturas de alguns pontos notaveis comprehendidos entre Lisboa e Cintra contados desde o nivel do Têjo em palmos.

	Palmos
Castello de Lisboa (a sumidade da torre que servio de observatorio)	462
Santa Catharina (Monte de)	410
Aguas livres (Aqueducto)	570
Monsanto (alto da serra de)	880
Bemfica	400
Queluz	760
Cacem (alto do)	900
S. Pedro (alto, de)	1360
Pena (Serra de Cintra)	2540

N. B. O palmo equivale a 0,22 centimetros

da nova medida Franceza , e huma braça he igual a 2 metros e hum quinto ; 139 palmos e meio equivalem a 100 pés Inglezes.

O horisonte correspondente á altura da Serra de Cintra na Igreja da Pena , he de 47 milhas , ou quasi 16 legoas , pelo que nessa distancia se póde descobrir qualquer embarcação , tendo todo o casco visivel e fóra da agua.

Da producção vegetal , antiga e moderna , do terreno do termo de Cintra e Collares.

Tendo nós feito a Descripção Historica , Estatística , Topografica , e Geologica das Villas de Cintra e Collares , resta-nos dizer alguma cousa sobre a sua producção vegetal.

Do foral de Cintra se colhe constar antigamente o seu termo de matas e mato bravo , onde se criava caça grossa como porcos , e cultivava-se em partes , além de cereaes , colmeas de mel , e a vinha. D. Affonso 3.^o parece ter querido animar esta ultima cultura , por quanto na doação que fez a Pedro Miguel , e sua mulher Maria Estevão , do Reguengo de Collares , foi com obrigação de plantar vinhas , e talvez não seja muito errada a conjectura de ter este Rei alli introduzido cepas originarias de França , pela similhança deste vinho com o daquelle paiz , ao qual não iguala pelo pouco cuidado no fabrico. No livro dos Proprios da Rainha , anda lan-

çada a colheita desta Villa em tempo d'El-Rei D. Afonso 4.º por esta maneira.

Item se mostra mais por hum livro das colheitas do Reino , em o qual se contém em as costas delle estas verbas desta Escripura que tal he. Livro das colheitas d'El-Rei D. Afonso o 4.º , que mandou tirar do outro livro das colheitas de Alendouro por essa conta dada por Afonso Esteves de seu Concelho em Santarém a 23 de Abril era de 77. Eu Pero Martins esto escrepvi , per o qual se mostra a colheita da Villa de Sintra , da qual o theor della de verbo a verbo tal he.

De Sintra 43 00 panes e 12 modios de cevada et sunt pro nostro 16 modios 3 quartarios 2 alquieres 2 vacas e 4 porcos e 10 carneiros et sunt inde duo . . alferaz 12 cabritos 12 letones 120 galinas 400 ovos 2 alqueires de mel e 2 de manteiga 4 restes de aliis 4 de cebolis et de vino 3 modios — e inda aqualis cum nostro.

Hec est emenda das colheitas de Cintra do Castello , e do arravaldes primeiramente 1200 panes e devem a fazer 4 paes do alqueire. Item 24 paes de cozia. Item 3 modios de vinc. Item 12 modios de cevada. Item 120 galinas. Item 400 ovos. Item 2 quartarios de milho. Item 2 vacas. Item 4 porcos. Item 10 carneiros e 2 da alferazia. Item 24 cabritos. Item 2 . . . de cera. Item 2 alqueires de mel. Item 2 alqueires de manteiga. Item 2 almudes de vinagre. Item 2 alquieres de sal. Item 2 melhos de lino per 4 S^t. Item

per 2 scutelis de fruyta vs^t. Item 2 libras de pimenta. Item 2 alqueires de farina. Item 12 carregos de lenha. Item 2 restes de allos. Item 2 restes de cebollas.

El-Rei D. Duarte, em huma carta de privilegio dada aos moradores desta Villa, diz ser terra de mui bons ares e agua, e de comarquas em que ha avondança de mantimentos do mar e da terra. Abundava em tanto excesso a caça grossa nesta Villa e seu termo que El-Rei D. Manoel por alvará de 1487 concedeo aos seus moradores e aos de Collares o poderem matar porcos e veados em seus paens, vinhas, olivaes, hortas, soutos, e pomares.

No anno de 1517 escreve Fr. Nicolau d'Oliveira no seu livro das Grandezas de Lisboa que não havendo cereja nem cidra de que a Villa de Collares era fertilissima entraram em Lisboa, desta Villa e da de Cintra, onze mil seiscentas e trinta e sete cargas de fructa, e que ordinariamente vinham á Cidade de Lisboa hum anno por outro, só da ribeira de Cintra e Collares vinte mil cargas de laranjas, limões, cidras, peras, maçãs, e cerejas, não fallando das que hiam a Cascaes. Luiz Mendes de Vasconcellos diz que a ciza desta fructa emportava em seu tempo em hum conto de réis. Martinho de Albornos em huma carta escripta a El-Rei no anno de 1527, em que se queixa de não vir ha annos a Cintra, e em que lhe dá conta de estar livre da peste, e da colheita do anno lhe diz que esta

Villa , seu termo , e Comarca , manteram Sua Alteza melhor que nenhuma Villa de Portugal , tamanha por tamanha.

Eis-aqui como hum escriptor antigo descreve estes sitios. — Vai o nosso Promontorio Uliponense de que acima tratámos acompanhado de fresquissimos bosques e umbrosos arvoredos, e altas brenhas onde andão pascendo muitos veados , corças ferozes , e porcos monteizes , e todo o mais genero de caça em muita quantidade , os quaes bosques sombrios e saudosos são de avelleiras e pinheiros. Por aquelles rochedos vem descendo amorosamente muita quantidade de fontes de aguas salutiferas e mui frias , as quaes fazem a terra por extremo sadia e mui fertil , vindo regando naquelles campos muitos pomares , quintas , e casaes da Villa de Cintra.

Na proximidade de Collares ha a mata das avellãs , e além dos pinhaes que hoje são mais diminuidos , se veem annosos sobreiros que contam centenares de annos , assim como frequentes bosques de castanheiros , de copada sombra e aprazivel formosura.

Cultiva-se o trigo , cevada , centeio , milho , legumes , e o conhecido vinho tinto de Collares. Abunda principalmente o termo de Collares de pomares de saborosissimas fructas de caroço , e de espinho , sendo ramo mui consideravel de exportação ainda ha poucos annos o limão , e se vendia por tanto preço que dizia o grande Marquez de Pombal que equivalia a ter huma pre-

ciosissima mina quem alli tinha hum pomar deste fructo , e elle mesmo movido do interesse plantou grandes pomares em Cintra e seu termo.

Além das plantas que se cultivam dá a serra espontaneamente muitas flores e arbustos , os quaes ao mesmo tempo que com a variedade e belleza de suas côres matizadas , recreiam a vista e olfacto pela suavidade de seu aroma , a arte converteo em usos domesticos , e a Medicina tirou dellas sucos para as suas curas. De huma parte daquellas plantas que se encontram nesta serra , aqui juntamos huma relação para que se veja quão variada he a vegetação nesta terra mimosa.

*Relação de algumas plantas que se dão na
Serra de Cintra.*

Abrotano.	Aypo.
Agrimonia.	Bico de cegonha.
Agriões.	Betonica.
Almeirão domestico.	Bom pastor.
Annegalheis.	Becabunga.
Arouca.	Bolsa de pastor.
Arredom macho.	Branca ursina.
Arruda.	Burgenheira.
Artemiza.	Calaminta.
Auriola.	Caldea quina.
Avença.	Camedrioz.
Avencam.	Canabraz.

Canafrexa.	Erva do paraizo.
Canis pitis.	Erva pinheira.
Cardos , oito especies.	Erva Saboeira.
Carlina.	Era terrestre.
Casceta.	Erva Turca.
Cebolla albarram	Escariola.
Colupendula.	Escordia.
Cornedillo papalvo.	Esopo Sylvestre.
Coroa de Rei.	Espargo.
Couvana.	Espora de cavalleiro.
Daronicos.	Esteva.
Dente de leão.	Estevam macho.
Dormideiras.	Feto Real.
Engos.	Figalguitos.
Enulla campana.	Fidegozos.
Erva albiloura.	Filependola,
Erva alleluia.	Fumaria.
Erva babosa.	Galla Christi.
Erva boronica.	Garra de leão.
Erva brico.	Golfos.
Erva crina.	Gramma.
Erva côr de prata.	Jeró.
Erva divina.	Laboreira.
Erva ferrea.	Lavassa.
Erva formosa.	Lingoa d'ovelha.
Erva gigante.	Lingoa de serpentina.
Erva de João Pires.	Lingoa sirvina.
Erva Judaca.	Lirio branco.
Erva montana.	Lirio conval.
Erva Moura ramuda.	Lirio espadanello.
Erva Moura vulgar.	Lirio roxo.

Losna.	Ouro vale.
Malvaisco.	Palma Christi.
Mangericão sylvestre.	Pé de leão.
Mangerona sylvestre.	Pé de prata.
Marcavalla.	Pelicaria maior.
Marcella Gallega.	Pelicaria menor.
Marcella Mourisca.	Pepinos de S. Gregorio.
Margaritas sylvestres.	Perigolati.
Marroyos brancos.	Pimpinella.
Marroyos pretos.	Pionia.
Masticaria.	Piricam.
Mazericão.	Piróle.
Melfurado.	Polito.
Mercuriaes.	Prictoria.
Meymendo branco.	Pulmunaria.
Meymendo preto.	Purfuliata montana.
Milfolio.	Raiz d'abrotea.
Mililoto.	Rei pontico.
Milleglana.	Rosmaninho.
Mirasol.	Reymundo sylvestre.
Morcos diabos.	Rezuella.
Morços galinhas.	Roca Marinha.
Murta.	Ruiva menor.
Norsa.	Ruiva tintorum.
Norsa negra.	Ruta capraria.
Nuticana.	Ruta Muraria.
Olembro negro.	Salva.
Opatica.	Salsafrasia.
Opitimo.	Sanicula.
Oregos.	Saponaria.
Orelha de lebre.	Santuaria maior.

Santuaria menor.	Tanxagem maior.
Sataria.	Tanxagem menor.
Secuta.	Tauncho.
Sempre noiva.	Tellaria,
Sempre viva maior.	Testiculos de cão.
Sempre viva menor.	Tomilho sarpam.
Senagloza.	Tramagueira.
Sentoenodia.	Tribullos marinhos.
Sete sangrias.	Trifolio.
Setima.	Turvi.
Simo em ramo.	Venca provinca.
Siribita.	Vio mal.
Siridonia maior.	Verga aurea.
Siridonia menor.	Veriliana.
Serpentaria.	Visato xoco.
Sivica.	Viva Artetica.
Solda real.	Zaragatoa.
Tacia.	Zenepro.

*De algumas antiguidades Romanas encontradas
em Cintra, Collares, e seus termos.*

O grande número de inscripções Romanas, encontradas nos termos destas duas Villas, não deixa a mais pequena dúvida a julgar que estes Conquistadores, tivessem feito o assento neste solo de mais de huma povoação consideravel. Encontrão-se com frequencia urnas e lapides sepulcraes em varios sitios, especialmente em S. Miguel de Odrinhas, Morelino, Collares,

Montelavar, onde também se vê huma pedra de portico de Templo, Jannas que talvez tomou o nome de algum templo consagrado ao Deus Janus, além de outros sitios destes termos. Nas abas da serra junto ao Oceano tinham elles hum sumptuoso Templo consagrado ao Sol e á Lua, do qual existiam as ruinas inda em tempos de André de Resende que as vio, e da sua dedicação se achou a inscripção do theor seguinte :

Soli et Lunæ

Cœcius Accedius Perennis

Leg. Aug. Pro. Provincia

Lusitanix.

Que quer dizer: Cecio Accedio Pereno Lugar Tenente de Augusto na provincia da Lusitania dedicou ao Sol e á Lua.

Outra lapide votiva se achou na Ermida da Senhora de Milides junto a Collares, cuja inscripção trazem Moraes, Brito, e Resende, mas com alguma differença, a qual como se acha em Resende he a seguinte :

Soli Æterno Lunæ

Pro Oeternitate Imperii

Et Salute Imp. Cæs. Septimi Severi

Et Imp. Aug. Cæs. M. Aurelii Antonini

Aug. Pii

. Cæs.

Et Julix Aug. Matris Cæs.

Drusus Valerius. Cælianus.

Viati. Ust. . . Augustorum

Cum.... Sulæ.... Ni.... Sua....

Et. P. Tullius. Saturn.. P. Val....

Et. Antonius.

Cuja significação he : Druso Valerio Celia-
no dedicou esta Memoria ao Sol Eterno e á Lua
pela Eternidade do Imperio, e saude do Impe-
rador Cesar Septimio Severo, Augusto, Pio, e
do Imperador Cesar Marco Aurelio Antonino,
Augusto, Pio, e de Julia Augusta mãe de Cesar.

Junto á Cruz de Santo André em Collares,
estava hum Pedra Sepulchral que tinha as se-
guintes letras :

Terencia L. F. Maxuma

M. Et. Julia. G. F. Amæna

An. XXVII. H. S. E.

S. T. T. L.

Quer dizer : Terencia filha de Lucio e Ma-
xima sua mãe, e Julia Amena filha de Caio a-
qui está sepultada, seja-lhe a terra leve.

Na Ermida de S. Miguel de Odrinhos está
a seguinte inscripção :

L. Aelius L. F. Gal. Aelianus

H. S. E.

L. Aelius Sex. F. Gal. Seneca

Pater H. S. E.

Cassia L. F. Quintilia Mater

H. S. E.

L. Julius. L. F. Gal. Julianus

Ann. XXIII. H. S. E.

Aelia L. F. Amoena H. S. E.

Que em linguagem Portuguesa quer dizer :
Aqui está sepultado Lucio Aelio Aeliano, filho
de Lucio da Tribu Galeria. Aqui está sepulta-
do Lucio Elio Seneca seu pae, filho de Sesto
da Tribu Galeria. Aqui está sepultada Cassia
Quintilia sua mãe, filha de Quinto. Aqui está
sepultado Elio Ameno, filho de Lucio.

Nesta inscripção sepulchral se deve notar o
faltarem as letras do costume D. M. S. ou D. M.
com que os antigos invocavam os Deuses dos
mortos: igualmente faltão as letras S. T. T. L.
com que deprecavam a terra que fosse leve aos
seus defunctos, cuja falta é signal manifesto de
ser sepultura de christãos.

Dentro da mesma Ermida, junto ao altar de
Santo Alberto, estão humas letras que dizem :

T. Plotius C. Gal. Capito

H. S. E.

Aqui jaz sepultado T. Plocio, filho de Caio
Galerio Capito. Não se póde duvidar que esta
pedra é de sepultura de christãos, porque diffe-
re muito das outras na fórma que apresenta, e
os ossos que nella jazem os tem por de homem
santo: á qual a devoção dos povos fez hum bu-
raco donde tiram pedras que applicão a suas
enfermidades.

Da família Galeria, que era huma das mais
ilustres de Roma, se encontram memorias pelo

termo de Cintra em inscrições e sepulturas. Fr. Bernardo de Brito e Morales trazem a seguinte :

D. M.

M. Val. M. F. Gal.

Galioni. An. XXXVIII.

Licinia. Mater.

Memoria consagrada aos Deuses dos defunctos. Licinia Maxima sua mãe fez por esta pedra a Marco Valerio Galião Filho de Marco da familia Galeria que morreo de 38 annos.

Mais antiga se acha outra Memoria de M. Porcio filho de Marco Catão , o qual veio aquietar na Lusitania os tumultos e guerras que nella houve por morte de Viriato , a qual se conservava no lugar de Fayão cuja pedra ainda que quebrada se lia da parte de cima :

M. Porcio. M. Catoni ob Sing. Ei. . .

A Marco Porcio filho de Marco Catão pela singular. . .

Huma pedra que servia de cobrir a fonte no lugar de Armez tinha as seguintes letras :

L. Julius M. Aelo. C. Av. D. C. Flam.

Dut. Aug. . .

As quaes querem dizer Lucio Julio Marco Aeliano , e Caio Avito Sacerdotes consagraram por decreto esta Memoria ao Imperador Augusto Cesar : e no mesmo lugar á porta de hum lavrador outra sepultura com a seguinte inscrição :

Apronia L. F. M. Aelia.

H. S. E.

Aqui jaz sepultada Lucia Apronia filha de Marco Aelaminio.

No logar de Lourel á porta de hum casal outras duas sepulturas que dizem.

M. Julius. C. Jul. Apronia

M. F. Julia Avita Soror

H. S. E.

Aqui estão sepultados Marco Julio e Caio Julio e Apronia sua mãe, e Julia Avita sua irmã.

M. Julius. M. F. Gal. Avitus

Ann. LXVIII.

Aqui está sepultado Marco Julio Avito que morreo de idade de 68 annos filho de Marco Galerio; e no logar da Varzea entre outras pedras a seguinte:

Datrius M. Gal. Ruf.

H. S. E.

Aqui está sepultado Datrio Maximo filho de Rufo Galerio.

No logar do Morelinho estão varias sepulturas, entre as quaes estão as seguintes inscrições:

M. Julius M. F. Gal. Avitus

H. S. E.

Aqui jaz sepultado Marco Julio Avito filho de Marco Galerio.

Julia M. F. Maxuma M. F. Ann. XXVII.

H. S. E.

Julia Máxima filha de Marco de idade de 27 annos aqui jaz sepultada.

Junto á Fonte de Morelinho em huma urna sepulchral que serve de fonte :

Quatrius M. F. Gal. Severus

H. S. E.

Aqui jaz sepultado Quatrio Severo filho de Marco Galerio.

Na quinta do Cabeço chamado do Capitão mór velho , está huma urna que serve de pia d'agua com humas letras ás avessas que dizem :

D. M. C.

Terenti. C. F. Gal. Ru. Ann. XVIII.

C. Terentianus Maxumus

Terentianus Fil. Pio.

Caio Terenciano Maximo e Terenciano seu filho , fizeram pôr esta sepultura a Caio Terencio filho de Galerio Rufo , que morreo de idade de 18 annos.

Em Galamares estava huma pedra quebrada com esta inscripção :

Diis Manibus C. Valerio F.

Varian. M. Taciari.

Aos Deuses das almas : M. Taciareo fez pôr esta sepultura a C. Valerio filho de Varianno.

E em outra quinta ahi no mesmo logar :

Jul. Atil. F. Arcenia.

**Arcenia fez pôr esta sepultura a Julio Ati-
linio.**

**Na Igreja de S. Miguel no adro está a se-
guinte inscripção :**

D. M. S.

L. Juli. F. Gal. Macrinii.

**Dedicado aos Deuses das almas. Aqui jaz
sepultado Lucio Julio filho de Galerio Macrino.**

**No alpendre da dita Igreja outro marmore
que diz :**

J. Cassius F. Acurt.

H. S. E.

**Julio Cassio filho de Acurcio , aqui está se-
pultado.**

**No logar debaixo em Odrinhas está outro
com o seguinte :**

Julius. D. F. Tanginus

H. S. E.

**Cuja interpetração é. Aqui jaz enterrado
Julio Tangino , filho de Domiciano.**

Na quinta do Miranda :

L. F. Amæna

H. S. E.

.... dius Plautius An. XX.

Lucii F. H. S. E.

Cuja interpetração é: Amena filha de Lucio aqui está sepultada, Claudio Plaucio de idade de 20 annos, filho de Lucio aqui está sepultado.

Em Jannás no pateo das casas de Gertrudes Joaquina:

D. M.

Obitianus

H. S. E.

Consagrado aos Deuses das almas. Obitianus aqui jaz sepultado.

Além de inscripções e urnas sepulchraes tem apparecido por estes sitios medalhas e moedas antigas: consta-me ter-se achado ha annos huma porção destas nas immedições do castello. O Doutor Valentim da Cunha possuia huma de bronze como hum patacão, com a effigie e legenda de Nerva por este modo:

Imperator Nerva Cæsar Augustus Pontifex
Maximus

Tribunitiæ potestate Cons. III. Prepositus
Auguiti Fortuna S. C.

Junto á Ermida de S. Sebastião em Collares achou hum rustico em 1837 huma medalha de ouro do tamanho de hum soberano com a effigie e legenda de Vespasiano, assim:

Vespasianus III. C.

Resta-nos fallar da famosa profecia da Sybylla que pertendem ter sido achada em Cintra, a qual, como querem alguns, foi descoberta no anno de 1505, seis annos depois da descoberta da India. Contam pois que na Serra de Cintra, junto ao mar, se acharam tres columnas quebradas, de pedra, com huns letreiros que diziam o seguinte:

. DEERETUM.
SIBIL. VATTICIN. OCCIDIIS.

Os versos são os seguintes:

Volventur saxa litteris et ordine rectis
Cum videris Oriens, Occidentis opes
Ganges Indus Tagus erit mirabile visu
Merces commutabit sua uterque sibi.

Que traduzidos em linguagem Portugueza dizem o seguinte:

Patente me farei aos do Occidente
Quando a porta se abrir lá no Oriente
Será cousa pasmosa quando o Indo
Quando o Ganges trocar segundo vejo
Os effeitos com o Tejo.

Duarte Nunes de Leão na sua descripção de Portugal nos explica a origem desta fabulosa inscripção, dizendo que fôra traça de hum certo sujeito que fingio esta tratantice para fazer mais vendavel hum livro que queria vender a hum homem pouco experto e sem letras.

*Homens illustres por seu nascimento , armas ,
letras e virtudes , naturaes das duas villas
de Cintra e Collares.*

Lucio Seneca, Centurião, que viveu na infancia da propagação da Religião de Christo na Hespanha [se devemos dar credito a Flavio Dextro] em o reinado do feroz Nero, quando mais se enfurecia a perseguição contra os sectarios do Evangelho, abraçou a Religião Christã, e morreu em Cintra onde foi sepultado, e se achou a sua sepultura com a inscripção que já transcrevemos.

D. Affonso 5.º do nome e 12.º Rei de Portugal, nasceo em Cintra a 16 de Janeiro de 1432, e morreu na mesma villa a 28 de Agosto de 1481 no mesmo quarto onde tinha nascido. Foi muito afeiçoado ás letras e bellas artes, cultivando com especialidade a Mathematica e a Musica, e o primeiro Rei de Portugal que reunio no seu Palacio huma livraria. Escreveo sobre astronomia e milicia.

Fr. Rodrigo de Cintra, Religioso professo da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, e cêebre Theologo do seu tempo, para cuja graduação passou uma ordem El-Rei D. Fernando a 5 de FEVEREIRO de 1360 ao Senado de Lisboa para se lhe dar uma ajuda de custo, foi prégador d'El-Rei D. João 1.º: compoz

Sermão de acção de graças pelo levantamen-

tô do cerco que El-Rei de Castella tinha posto á cidade de Lisboa a 6 de Novembro de 1384. Sahio copiado summariamente pelo Chronista Fernão Lopes na 1.^a parte da Chronica d'El-Rei D. João 1.^o cap. 151, aonde elogia o prégador.

Sermão da publicação das Bullas na Sé de Lisboa, pelas quaes o summo Pontifice dispensa a El-Rei o poder casar e reinar, prégado a 9 de Julho de 1390.

Gonçalo de Cintra, navegador, descobre a Angra do seu nome adiante do rio do Ouro em 1445.

Pedro de Cintra, famoso navegador, foi Moço da Camara d'El-Rei. Sendo Escudeiro de Infante D. Henrique, sahio da barra de Lisboa no anno de 1460, e continuou o descobrimento da Costa Occidental da Africa desde o Rio Grande até além do Cabo Mesurado espaço de mais de 629 milhas de Costa para o Sul. Restituido ao Reino navegou em o posto de Capitão de uma armada, composta de 12 navios e 600 homens, de que era Capitão mór Diogo d'Azambuja, a qual expedira no anno de 1481 El-Rei D. João 2.^o para fundar a fortaleza e povoação de S. Jorge da Mina, cuja empreza se executou com grande solemnidade de que resultou intitular-se o mesmo Rei Senhor de Guiné: Breveo

Relação da sua navegação á Costa de Guiné e India.

André de Albuquerque Ribafria, Alcaide

mór de Cintra , Commendador da Ordem de Christo , nasceo a 21 de Março de 1621 , sendo seus paes Gaspar de Albuquerque e D. Angela de Noronha , filha de D. Pedro Lobo e de D. Brites da Silveira. Foi general illustre da guerra da acclamação , e morreo a 14 de Janeiro de 1659 nas linhas d'Elvas atravessado de uma balla pelo peito no momento em que com a sua presença e exemplo alentava os soldados de um regimento , que começavam a retroceder : **Escreveo**

Relação historica da victoria alcançada entre Arronches e Assumar em 8 de Novembro de 1653.

Diogo Ribeiro de Sequeira , nasceo a 11 de Novembro de 1644. Foi filho de Antonio Ribeiro da Fonseca , Cavalleiro da Ordem de Christo , Juiz proprietario das Coutadas de Cintra e Almoxarife dos Paços Reaes da dita villa ; e de D. Maria de Sequeira : **Compoz**

Diccionario Geografico Mythologico e Historico dos Varões insignes do mundo. Ficou imperfeito e se conservava encadernado em dois volumes na livraria dos Padres Theatinos de Lisboa.

Soror Magdalena da Gloria , nasceo no Palacio Real de Cintra a 11 de Maio de 1672 , filha de Henrique de Carvalho de Sousa , Commendador de S. Pedro de Aguiar e Provedor das obras do Paço e de D. Hellena de Tavora , filha de Luiz Francisco de Oliveira , Senhor do

Morgado d'Oliveira , e de D. Luiza de Tavora , filha de Alvaro Pires de Tavora , Governador do Algarve , Vice-Rei da India e Conselheiro de Estado. Recolheo-se aos dezeseis annos ao Convento de Nossa Senhora da Esperança de Lisboa, onde professou solemnemente a 25 de Março de 1688 , e alli com o nome de Leonardo Gil escreveu varias obras mysticas.

Mattheos Moniz , muito versado em a erudição Sacra e profana : Compoz

Historia politica e peregrinação de Felsardo.

Collares.

Francisco de Mello e Castro , Commendador da Alcaidaria Ruiva na Ordem de S. Tiago, nasceo na villa de Collares , solar da sua casa , onde teve por paes a Antonio de Mello e Castro , Capitão mór dos mares da India e Commendador de Fornellos , e de D. Mecia da Silveira filha de Belchior Serrão e de Catharina Pereira. Foi poeta e guerreiro distinguindo-se pelo seu valor na Asia e na America , triunfando dos inimigos do estado quando era Almirante da Armada real , e destruindo aos Hollandezes na occasião em que como um dos mais célebres aventureiros passou a libertar a Bahia no anno de 1624. Casou com D. Angela de Mendonça , filha de Fernão de Mendonça e de D. Mariana de Noronha , de quem teve a Antonio de Mello e Castro , Vice-Rei do Estado da India : Compoz

Novella intitulada Brizida Nogueira. Mss.

Fabula do Rio das Maçans , consta de 65 outavas. Conserva-se na Bibliotheca de Jesus , hoje pertencente á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Manoel Coelho de Sousa , Cavalleiro Fidalgo da Casa , e Professo na Ordem de Christo , Sargento mór dos Privilegiados da Corte , e Tenente da Torre de Belém , nasceo na villa de Collares , sendo filho de Francisco Coelho Collares , que militou com valor na praça de Tanger , e de Maria Pinheira. Foi profundamente instruido , e sobre Grammatica escreveu varias obras. Falleceo a 24 de Março de 1736 , e jaz sepultado no jazigo da Irmandade dos Passos do Real Convento de Belém , da qual era irmão.

D. Jeronymo Contador de Argote , nasceo em Collares a 8 de Julho de 1676 , filho do Doutor Luiz Contador de Argote , Desembargador da Casa da Supplicação , e D. Maria Josefa Lobo da Gama. Aos doze annos de idade vestio a roupeta de Clerigo Theatino em a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia desta Corte em 22 de Janeiro de 1688. Foi alumno da Academia Portugueza instituida no palacio do Conde da Ericeira , onde recitou varios discursos. Foi nomeado membro da Academia de Historia Portugueza e escolhido para escrever as Memorias do Arcebispado de Braga , mostrando nesta obra , assim como nas outras , que escreveu os seus profundos conhecimentos.

*Movimento da população da Villa de Cintra
em differentes epochas.*

Anno	Valle e arrabalde	Termo	Total
[a] 1154 Primeiros povoadores Christãos	„	„	30
[b] 1527 A Villa de Cintra visinhos, dos quaes são 6 Cavalleiros, 22 Escudeiros, 46 Viuvos, e o mais tudo é povo . . .	148	914	1,062
[c] 1640	163	1,185	1,348
1712 A Villa e Arrabalde	480	1,806	2,286

[a] Veja-se o Foral antigo.

[b] Tombo da Comarca da Estremadura, Real Archivo.

[c] Lista das Comarcas do Reino mandada fazer por ordem de Philippe 4.^o em 1640. Este manuscripto era do Convento da Graça.

NOTAS E DOCUMENTOS.

Pag. 8. lin. 27.

Do Nubiense nada podemos colher , etc. Une-se esta Provincia a la de Balat [Vallada] en la qual se comprehendeu Sanseirim [Santarém] Lisboa e Chintra [Cintra]. Traducion de la Geografia del Nubiense por lo que pertenece a Espana. A Geografia Nubiense foi escripta por o Xerife Eledrisi, e dedicada a Rogerio Rei da Sicilia que viveu pelos annos de 1090, contemporaneo do nosso Conde D. Henrique. Veja-se Vestigios da lingua Arabica em Portugal por Fr. João de Sousa.

Pag. 17, lin. 7.

E aos Cavalleiros do Hospital, e do Templo, etc.

CASAS EM CINTRA.

Doação á Ordem do Templo.

Continuo idem Stepbanus Arie ostendit legit et publicare fecit quamdam literam domini Regis alfonsi primi in qua videtur donare Magistro Gualdino ordinis Militie Templi domos et possessiones quas idem rex habebat apud Sintriam que littera nullo sigillo munitur continet tamen quoddam magnum signum rotundum habens duas circumferentias per tres lineas ductas in girum et in prima circumferentia describitur Rex Alfonsus et Regina Mahalda et in secunda circumferentia describitur cum filiis suis fiat pax. In medio vero ejusdem signi habetur quedam crux nigra in cujus membris litteris cardinalibus describitur Portugal. In qua quidem littera describuntur barones seu nobiles et quidam alii officiales Curie confirmantes cujus littera tenor talis est. — In nomine Patris et Filii et Spiritu sancti Amen. Ego Alfonsus Portugalensium Rex et Comitis Henrici et Regine Terasie filius magnique regis Alfonsi Nepos et uxor mea Regina Mahalda facimus tibi Magistro Gualdino Cartam donationis et firmitudinis de domibus et hereditatibus cultis et incultis quas tibi tradidimus apud Sintriam pro beneplacito et fidei servicio quod nobis semper feciste Damus tibi prefactas domos cum suis hereditatibus ut habeas et possideas eas omnibus diebus vite tue. Post obitum vero tamen habeas potestatem vendendi donandi testandique et etiam in vita tua similiter cui volueris, et ubi volueris, et ad quem tibi placuerit. Si forte aliqua persona cujusalibet ordinis aut dignitatis

temerario ausu predictas domos cum suis hereditatibus tibi tollere presumpserit pro sola presumptione redat ipsas hereditates duplatas sicut ipso tempore restaurata et fuerint rege terre CCCCC solidus purissimi argenti. Ille vero qui ex semina nostro processerit et te contra illos qui tibi has hereditates propter cordis sui nequitiam abstare voluerit adjuverit et defende- rint omnipotentis dei misericordiam et nostram benedictionem ipse et semen ejus in secula seculorum possideat facta Carta Donationis et firmitudinis Era MCLXXXX. Ego prefactus Alfonso Portugalsensium Rex et uxor mea Regina Mahalda hanc cartam quam sponte fieri jussimus propriis manibus roboramus Gonsalvus de Sauza Curie Regis dapifer Conf. Santius Nunis Vedastus Sanchis Conf. Pelagius Zapata Suerius Menendis Conf. Egas Fafias Petrus Pelais Curie Regis Signifer Confir- mo, Rodricus Pelaiz Conf. Petrus Gomes, Martinus Nunis Martinus Zonparel Conf. Alfonsus Rodriguis Petrus Pais Al- fonsus Venegas Ermigues Conf. Laurentius Venegas Ermi- guis Menendis Conf. Suerius Venegas Rodericus Venegas Conf. Fernandus Rodriguis Martinus Anaya Fernandus Gonsalviz Conf. Petrus Pelaiz Randulfus Conf. Petrus Randulfz Menendus Gon- salvis Conf. Petrus Silva Sante Marie prior scripsit. Qua litte- ra sic ortensa publicata et perlecta memoratus Velascus Fernan- di asseruit et recognovit quod prefacta littera originalis et auc- tentica cum ordo prefactos dicipere cepisset per eundem Ve- lascum Fernandi in eadem forma substantia ac integritate cer- tis litteris et signis et figuris in qua aparebat fuit deposita una cum quibusdam aliis sub fedilitate et custodia supradicte Domini Deonyssii Dei gratia Regis Portugalie et Algarbi. Et tunc Domi- nicus Pelagi procurator predictus proponendo et protestando ut supra contra dictam litteram apposuit ut sequitur. Item aparet alia littera Regis Alfonsi primi donationis cujusdam hereditatis de Sintra qua apparet suspecta eo qui dictus Rex in litteris quæ inveniuntur inter litteras dictorum Templariorum et dicuntur ejusdem Regis sit signum dicti Regis ut in Carta permutationis de cera et in aliis continetur: in ista vero nullum signum ejus- dem Regis continetur. He datada de era 1190 anno de Christo de 1152. *Real Archivo Livro de Mestrados f. 66.* Esta doação se acha entre outras doações feitas á mesma Ordem.

Pag. 17. lin. 13.

Sequiu-se a isto dar foral á Villa. etc.

FORAL DE CINTRA.

Dom afonso pela graça de Deus Rey de portugal e dos Al- garves daaquem e daalem mar em Africa. A quantos esta Car- ta virem fasemos saber que os officiaes e homens boons da villa de Cascaes nos enviaram dizer per alvaro afonso seu procurador

que a elles era necessario o trelado do forall do ditto Concelho pera guarda de sseu direito o quall jazia em a Torre do nosso tombo. E nos visto sseu dizer e pidir e querendo lhe fazer graça e mercê Mandamos a gomes eanes d'asurara Commendador da hordem de Christus nosso Chronista e guarda moor do tombo dos nossos regnos que lhe desse o ditto trelado por alvará que foy feito em a Cidade de Coinbra a vinte e dous dias d'agosto por Lopo ffernandes o quall em cumprimento de nosso mandado, fez buscar as dittas escripturas da ditta torre honde foy achado o dito forall que diz assy. " In nomine patris & fillii & spiritus santi amen. Placuit mihi alfonso portugalensium regi comitis Henrici & regine Terasie filio magni quoque Regis alfonssy nepoti & uxori mee Regine Mahalde, comitis amedeu filie vobis qui Syntrie habitatis maioribus sive minoribus cujus eumque ordinis sitis bkartam facere firmitudinis votis & filiis vestrys atque progenis de jure stabilitate atque servicio. In primis damus vobis treginta casales cnm suis hereditatibus in ulixbona triginta populatoribus qui in presenti illud Castelum populatis ut habeatis illos tam vos quam filliis vestri hereditario jure & non faciatis de illis aliquod forum in ulixbona nisi in vestro Castello. Si vero placuerit vobis miterre homines in illis Casalibus nulum forum faciant nisi vobis dominis cassalium & sy habueritis vel emeritis heriditatem in aliqua terra Regis habeatis illam per forum Sintrie. Hecigitur suntque pertinent ad vestrum forum numquam itaque faciatis nobis Senaram pro homicidio rrauso & estercure in horo posito, decem morabitinos harum rerum operator tribuat medium Regi medium dominis jntencionis & si fecerit homicidum per occasionem qui bonios homines illum videant vel peetet quod sy imposuerit ey rrausum vel peetet nisi per exquiricionem bonorum hominum qui domum alicujus disruperit sexaginta solidos pectet medium Regi medium dominis jntencionis si disruperit illis duobus aut plus se comitantibus fecerit sini autem minus vel et in nulla calupnia recipiantur illi qui Castellum judicaverint siquis alicui vulnera lancea gladio aut cutelo intulerit quinque morabitinos, pectet medium regi medium domini intencionis qui arma in oppida insane extraserit perdat illa & sy lex sub fidejursoribus comissa fuerit per forum Sintrie nons sedeat de holneo nec de lorica nisi de escuto & de porina & non veniat ibi homo de aliqua terra et qualis dederit ipso recado tale dent illi alio pro igualia sit cantum illius aut fiadoria unum solidum sy fuerit juncta aut distributa, et non sedeat prova facta nec infiaa sy non plus centum quinquaginta morabitino et pro morabitino nihil de aliis percussionibus factis manu calce petra et pallo & aliis jntencionibus nulla sit calupnia excepto supradictis agricole pedetes qui uno bone laboraverint, unum sextarium triticum et sederam cibariam tribuat si duobus aut quâ pluribus laboraverint unum quartarium inter triticam et sedam cibariam dent per alquere, centum quinquaginta azeugui et unum puzal vini a quinque quinalibus et supra centum quinquaginta alio labore

nihil homo qui cum bovis laboraverit non faciat alium forum de alia ganancia qui ganaverit venator si cervum aut cervam aut hujusmodi venatum laqueis sive mactariis ceperit medium lumby tribuat de porco unam costam. Si quis inquisitor cunelios fuerit semel in anno tres cunelios cum suas pelles tribuat sy quis inquisitor mellis fuerit semel in anno unum medium alquere ipsius mellis tribuet Zapaterio unum solidum faber feret unum Cavallum Mercator sive pelitario unum solidum coquum qui fuerit sabido de sua muliere bona per exquisicionem de bonos homines, pectet unum morabatinum homo Mauro qui non habuerit filios quando morierit dant suum habere ad suos parentes et pro sua anima sy furtum super aliquem inventum fuerit dominus pecunie in duplum accipiat pecuniam et Regio principi sextem partes sy homo vel mulier occiderit suum corpus nihil pectet sed accipiant suum habere parentes ejus. Si aliquis ibi comorancium ab uno anno vendat suam hereditatem ad suum vecinum homo qui non habuerit boves et cum alienis centum quinquaginta aliqua terra laboraverit in sua hereditate faciat forum sui vicini. Mercator Sintrie non det portadigo in tota terra regis si aliquis vendederit aut emerit si fuerit cum mandato centum quinquaginta concilio, vel centum quinquaginta rrancura ad regem habet suam racionem in curiam Regis.

Milites simul in anno in Regis exercitu militent pro sua ganancia et non accipiat Rege centum quinquaginta illos nihil. Et si voluerit autem non potuerint in fossado ambulare nihil pectet et in appellido contra Christianos tantum exeant ut eodem die ad domum redire possint contra paganos autem prout melius potuerint sequis habere potuerit subditos in Castello vel extra municionibus in sua heriditate domum habitantes non faciunt forum nisi ad dominum heriditatis. Militum sequis obiarit et uxorem reliquerit quamdiu fuerit vidua estet in honore militis. Quod sy miles perdiderit equum estet honoratus usque ad annos quinque post si non potuerit aut noluerit habere equum faciat honorem peditis peditum autem siquis habere potuerit equum estet in honore militum et filii militum aut peditum quandiu in heritate patris se potuerit continere mortuo autem vivente patre unus pro omnibus unum forum faciant si quis cum omnibus aliis in locis habitantibus intencionem habuerit et in concillio directum petierit et non impetraverit et pignus acceperit quamvis postea ab intencione convictus sit pignus, absque duplo redat. Siquis habuerit intencionem vel concillium taliaverit cum homines de fora det directum juxta aquas currentes centum quinquaginta suo Castello judices qui intencionem judicaverint sedeant per medium. Siquis ad Concillium venire neglexerit ad faciendum directum centum quinquaginta licet quod sibi abjeoerit sacom eat ad pignorandum eum et pignus accipiat sed numquam domum sigillet si judicem vel sejom pro sua intencione et non per intencione principis percussus aut vulneratus fuerit sit tanta Calumpnia illius quanto de alio aliquo sy judicem percussus fuerit principis duos solidos pectet pro saiom

unum solidum pro intencionem Regis judicem et Saiom sit ex naturalibus et intret et exeat per manum Concilii et nunquam judicem nec Saiom centum quinquaginta alia terra super vos veniat judicem accipiat sua decima centum quinquaginta tota Calumpnia partem principis Saiom accipiat aliam decimam de partem judicis. Homo qui inprimar et alium percusserit accipiat decem barancadas et ponat dextram manum in terra et postea faciat directum ad illum qui percusserit per suum forum. Milites si viderint inimicos Regis paganos vel Christianos qui male volunt facere veniant cum mandato in ulixbonam et plus longe non et pro alia intencione non faciant alium mandatum neque pedites neque milites. Milites qui in alieana terra ambulaverint sint cautati et non ponant in illis manum pro male facere, pro nulla intencione, ut sy jam illum prendiderint aut de equum suum in terra jactaverit centum solidos pectent et postea quantum centum quinquaginta mandaverint tantum in duplum componat aut si aliquis illi male fecerint sive centum quinquaginta habere quomodo de alia intencione tota in duplo componat. Homo qui fuerit feridore et non se inde voluerit emendare usque tres vias per manum concili aut custulator fuerit et non se voluerit emendare per forum Sintrie domum suum destructum sit per forum Sintrie sex homines debent jurare pro homicidio, pro aliquod quoque juramentum tres homines et nunquam plus nisi pro homicidio. Milites Sintrie Castello debent testimoniare cum omnes milites tere Regis exceptu Regem pedites similiter milites Sintrie qui bene serviverint prout suum alcaide recipiant de illo uno donum bonum semell in ano. Homo qui voluerit acceperit mulierem per mandatum de suos parentes det ey in dote suo unam fustam et unas Zapatas et unam structam et una pelle et unum manto et quinquaginta solidos in fiadoria pro benedictiones sed sy postea penituerit quantum dederit tantum perdat et ipsam fradoriam pectet et si mulier penituerit aut noluerit aut parentes ejus quantum de eo acceperit tantum rredeat sed postea suam fiadoriam homicida et rrefuga qui iby confugerint retineantur servus similiter exceptis si fuerit centum quinquaginta. Rege Clerici habeant morem militum. Clericus sit naturalis et per forum Sintrie non perdat suam ecclesiam sed habeat illam pro hereditate nisi fecerit talia facinora pro quibus debet et amittere ordines pro nulo homine neque per Regem neque per episcopum sed nos moratores supradicti Castelli pro isto bono foro quod nobis Rex noster et uxor ejus dant promittimus illis fidele semper obsequium et contra homines eorum inimicos ponamus corpora et habere. Et si tempus venerit quod illas Raval-des Sintrie Rex voluerit populare singulos Cassalles cum suis hereditatibus accipiant illy qui castellum moraverint. Clerici Sintrie debent servire suo episcopo et habeant rationem in domo episcopi Episcopus det ad illum semell in anno unum donum bonum. Era Milissima centesima nonagessima secunda quinto idus Januari. Ego alfonsus gracia dey Rex portugalensium simul cum uxore mea Regina Mahalda Roboro et confirmo istam

Kartam. Etsiquis venerit vel venerimus qui hoc factum irrumperere voluerit pariat quingentos aureos et cum belzebug sit excomoniatus. Sint autem termini hujus terra pro labore aut pro plantare sedeant almosquer aquas discurrentes et ad oiteiros et quomodo dividit per viam publicamque vadit sub caprellas usque ad montem aquas vertentes ad outeiros et quomodo dividit per Chilaos usque ad flumen galamar et sy plus crescerent gentes crescant ad illas Hereditatem per placere Regis Dapifer Curie fernandus captivus testis, pelagius Zapata, gonsalvus de saussa petrus fernandis Domnus Velascus gonsalvus Rodrici Menendus muniz laurencius Venegas sancius muniz Egeas archidiaconus ecclesie ulixbonensis confirmo hoc factum signifer petrius pelagi principex Ulixbone alfonsus menendus confirmo principex colinbrie Rodriceus pelage principex santaranensis Jahones Ramiris confirmo Magister albertus notarius Regis escripsi. Ego Sancius dey gracia portugalensium Rex una cum uxore mea et filiis et filiabus meis hanc Kortam Roboro et confirmo in Era Milessima Ducentessima vigessima septima. Domnus petrus alfonsi signifer Regis Confirmo Ruy Vasques Confirmo Domnus L. ribeira Confirmo Ruy Fernandes pretor Sintrie Confirmo Julianus notarius Curie Confirmo fernandus bispo testis. O qual forall da ditta villa de Syntra escripto em huna pelle de pergaminho em ho dito Cartorio a sy achado per o dito fernam dalvares prioll Castreiro suso dito o sobredito gonçalo afonso escudeiro suso dito Requereo a mim gonçalo eanes escriptam das escripturas da torre do tombo por mandado dElRey que lho escrepvessem e lhe desse o trelado del sob meu signal e de fernam lopez. E eu visto o que pella parte da dita Senhora Raynha foy requerido o treladei escrepvi em este livro das terras da dita Senhora Raynha. Era edia susodito. O qual forall asy achado odito alvaro afonso sseu procurador rrequereo que lhe dessem o trelado o qual lhe foi dado em comprimento do dito alvará dante em a cidade de lixboa a cinco dias do mez de setembro. ElRey o mandou per o dito gomes eanes a que pera isto tem dado especiall encarrego. Ruy lopes a fez ano de nosso Senhor Jesus Christo de mill e quatrocentos setenta e dous anos = gomes eanes comendador = pagou oitenta reis = lugar do sello que pendia por fita de nastro azul e branco pagou vinte reis = fernam d'alvares. Maço 1.^o de foraes antigos N.^o 11. e L. 2.^o dos Bens proprios da Rainha f. 41 v.^o Confirmado digo Reformado por ElRey D. Manuel a 29 de outubro de 1514. L. de Foraes Novos da Estremadura a fol. 136 col. 2.^a Esta Certidão que publicamos na falta do Foral original, parece em partes estar truncada; por quanto tem alguns periodos que não offerecem sentido algum intelligivel.

Pag. 18. lin. 28.

E consistia em huma fusta, etc. Sobre as duas palavras *fusta* e *structa* consultámos differentes Dictionarios e não achá-

mos a sua significação ; não contentes com isso consultámos igualmente o Oraculo das antiguidades Portuguezas, o erudito João Pedro Ribeiro , o qual nos não poudo dar uma soleção satisfactoria. Conjecturámos a palavra *fusta* tira a sua etymologia do vocabulo Arabe *Putah* que significa um tecido de lã ou de algodão e seda com listas do tamanho e feitio de uma cinta que os Arabes trazem enrolado na cabeça como turbante , ou á roda do pescoço no tempo de inverno. A palavra *Putah* he synonymo de *Xale* , de um e outro usam os Arabes para o mesmo serviço , assim julgo que o vocabulo *Fusta* deve significar manta ou xale de senhora. *Structa* provavelmente era parte do vestuario que ajustava ao corpo ; do verbo stríngo. *Mastruca* era um vestido de pelle de que usavam os povos antigos da Sardenha. Talvez as etymologias que indicamos sejam forçadas porém não achamos outras. O que porém he digno de notar-se he o antiquissimo uso de passar as prendas que hoje he hum mero estillo , porém que naquelles tempos era como um penhor do contrato.

Pag, 19. lin. 12.

Taes foram as leis Municipaes e privilegios , etc.

PRIVILEGIOS.

Carta de quito da renda de Villa de Cintra.

Dei gratia Rex Portugaliæ vobis pretoribus et alvasilibus de concilio de Sintra salutem et gratiam. Siatis quod ego intellexi quod voseiratis gravati de renda quam ego posui vobiscum quod daretis mihi de ipsa villa pro omnibus daretis mihi annuatim. Vero ego volo vobis facere gratiam et mercedem quite vos de ipsa renda et fidejussores vestros et mando quod si aliquam cartam vel scripturam mihi fecistis de ipsa renda mihi dandaque de cetro nihil valeant. Et mandoque de cetro non teneamini mihi de ipsa renda. Si de hoc anno habui tantum de vobis de ipsa renda quantum mihi ipsa villa solebat valere in quolibet anno. Si vero de vobis non habui adhuc in hoc anno tantum quantum ipsa villa solebat valere completis mihi de isto anno corrente ipsam rendam quam solebat valere et teneatis ipsam rendam usque ad tempus in quo incipiant rende ipsius ville de anno venturo. Et postquam iste annus exierit sitis liberi de ipsa renda quam mihi promististis pro ipsa villa quolibet anno. Et de omni obligatione quam mihi fecistis pro ipsa renda , et rende de ipsa villa revertant in illo statu in quo erant tempore patris mei et avi mei et montent ipsas rendas quicunque eas voluerit montare. In cujus rei testimonium do vobis istam meam cartam apertam de meo sigillo sigelatam Dante Vimaranes 2 die febrarii Rege mandate per domnum Egidiam Martinis et per Cancellarium et per domnum Johannem de

avoyno et per alios de Concilio Regis. Dominicus perfecit. Era 1299. An. [1261]. Item similem cartam habuit concilium de Ourem et Concilium Montemori veteris. *Liv. 1.º de D. Affonso 3.º f. 49.*

Carta aos besteiros de Cintra em que D. Affonso 4.º concede aos ditos besteiros por estes lhe mostrarem huma carta de D. Sancho seu Avó o privilegio de não pagarem certos impostos e fintas ao Concelho excepto para o *fazimento* e refazimento dos muros da villa. Anno de 1336. *L. de D. Affonso 4.º f. 75.*

Privilegio aos besteiros de Cintra por Carta que lhe mostrarão d'El-Rei D. Sancho seu bisavó na qual se continha que o Anadel e besteiros do Couto de Sintra não paguem nem entalhas nem ensacas ao concelho nem outra cousa nenhuma salvo no *fazimento* e refazimento dos muros ordenando aos alvasis e veedores de Cintra que lha cumprão. Dada em Lx.^a 10 de agosto de 1336. *L. 4.º de D. Affonso 4.º f. 75.*

Carta de confirmação de privilegios dada por D. Fernando em 29 de abril de 1377. Não declara quaes sejam. *L. 1.º f. 40.*

Carta porque El-Rei D. João 1.º outorgou e confirmou ao Concelho e homens bõs da sua villa de Sintra todos os privilegios foros liberdades e bons costumes de que sempre husarom, em Santarem 7 de setembro de 1385. *L. 1.º de D. João 1.º f. 91.*

Privilegio dado á villa de Sintra por El-Rei D. João 1.º em Evora no anno de 1401 que possão dar os officios das escrepvaninhas procaratorio Thesouria almotaçaria e outros se elles estivesem em posee de os dar em vida dos Reis e Rainhas passados, Conf. por D. Manuel em Estremos a 3 de fevereiro de 1497. *Liv. 2.º da Estremad. f. 276. v.º*

Carta de confirmação geral de privilegios á villa de Sintra dada por El-Rei D. Duarte a 21 de novembro de 1433. *L. 10. da Estremad.*

Carta d'El-Rei Duarte cujo theor em parte he o seguinte. D. Duarte pela graça de Deus Rey de portugal e do Algarve Senhor de Cepta. A quantos esta carta virem fazemos saber que consirando nos como vymos a esta villa de ssintra muitas veses ter alguns veraõs. E assim cremos que o farão os Rex que depoes nos vierem por achar-mos a terra de mui boos ares e aguas e de comarquas em que ha grande avondança de mantimentos de mar e terra e por a nossa muy nobre e leal Cidade lixboa sser taon acerqia e avermos em ella assas de folganças e desenfadamentos de montes e caças. E por termos em ella nobres paços de mui espaçadas vistas e vendo que por azo de nossas estadas os moradores da dita villa e seu termo recebem alguns nojos e perdas em algumas que jeralmente se nom podem escusar em pumares vinhas e ainda nas pouzadas posto que elles bajão outros proveitos dos mantimentos que vendem mylher por azo de nossa estada etc. Concede diferentes privilegios aos seus moradores que na dita villa habitarem tiverem

casa fazenda roupa ou alfaías ou nella viverem a maior parte do anno e entre estes que não vão servir por terra mais que a vinte legoas, e que não sejam constringidos a ter armas ou cavallo, outro-si ordena as roupas que se devem dar aos aposentados. Dada em Sintra Anno de 1435 a 24 de julho. Confirmada por D. Affonso 5.^o dante em Sacavem a 4 de setembro de 1439 com authoridade da Senhora Rainha sua madre e tutora e curada com accordo do infante D. Pedro seu thio e defensor por elle de seus regnos e senhorios novamente confirmada por D. Manuel a 4 de fevereiro de 1497 na villa de Santarem. *L. 2.^o da Estremad. f. 178.*

Alvará de D. Affonso 5.^o concedendo aos besteiros da villa de Sintra o privilegio que ja possuíam para não pagarem jugada nem outavo a requerimento dos ditos besteiros que se queixarão que a isto os constringião feito em Coimbra por authoridade do Senhor Infante D. Pedro a 16 de agosto de 1441. *L. 10 da Estremad. f. 47.*

A villa de Sintra privilegio que não haja ahí Coudel nem escriptão da Caudelaria e sobre o avaliameto e conthias de sua fazenda serão providos por hum escudeiro isto pello grande trabalho e fadiga que recebião em servir nas obras do Paço. Em Oyeiras 28 de Março de 1450. Confirmado por D. Manuel em 1491. *L. 6 da Estremad. f. . . .*

Alvará d'ElRey D. Affonso 5.^o concedendo a villa de Sintra privilegio para que nenhum fidalgo não possa estar de aposentadoria em a ditta villa nem por outra qualquer maneira posto que para ello tenha poder d'ElRey. Em Portalegre 18 de Maio 1465. Confirmado por D. Manoel em Estremos a 3 de Fevereiro de 1497. *L. 2.^o da Estremad. f. 273.*

Carta de privilegio de D. Affonso 5.^o á villa de Sintra para que possam cortar lenha nas matas coutadas não cortando arvore de fruto.

Carta d'ElRey D. João 2.^o para cortarem nas matas a lenha necessaria para fazer a festa do Esperito Santo. *L. 29 de D. Manoel f. 79 v.^o*

Carta para se fazer a festa do Esperito Santo nos paços da villa. *L. 2.^o da Estremad. f. 298 e 29 de D. Manoel f. 79 v.^o*

Alvará d'ElRey D. João 2.^o em que concede aos moradores da villa de Sintra por estes lhe representarem os danos que os coelhos fazião em seus paes e frutos poderem armar em sitios demarcados aos ditos coelhos e isto com todas as armadilhas que quizerem tirando cepos e cenadoyros e redes de aer dado em Sintra a 7 de outubro de 1493. Confirmado por D. Manoel em 1493.

Privilegio á villa de Sintra para se porem quadrilheiros que guardem os frutos quando a elle for a Corte pello damno que recebem impondo a pena de 500 rs. aquelles que nos ditos danos forem apprehendidos dado em Coruche a 2 de outubro de 1519. *L. 13 da Estremad. f. 207.*

Confirmação d'ElRey D. Manoel a hum Alvará d'ElRey D. João 2.^o feito em Santarem a 27 de maio de 1484 concedendo licença aos moradores da villa de Sintra como era costume fazerem a festa do Esperito Santo na salla chamada dos Infantes e cortarem nas matas toda a lenha que lhes for necessaria para a dita festa. Em Estremos 3 de fevereiro de 1497. *L. 2.^o da Estremad. f. 278.*

A villa de Sintra confirmação de hum Alvará de 1437 concedendo-lhe licença para caçar veados e porcos montezes nos pumares olevais soutos e hortas 1497.

Privelegio para que os carneceiros não possam comprar nenhum gado na ditta villa e seu termo. Em Coruche a 2 de outubro de 1505. *L. 13 da Estremad. f. 207.*

Carta de D. Manoel do anno de 1497 confirmando o privelegio concedido á villa de Sintra por D. Affonso 5.^o no anno de 1460 para ter feira que dure cinco dias tendo principio dous dias antes do dia de Santo Antonio e findando dous dias depois concedendo grandes privelegios e liberdades aos que a ella vierem não sendo prezos nem demandados pelos maleficios que tiverem cometido. *L. 1.^o da Estremad. f. 144 v.^o*

Licença d'ElRey D. João 3.^o á Camara de Sintra para fazerem bodo no dia de Corpus Christi como era de costume immemorial applicando huma quarta parte das esmolas que se tirassem para a fabrica das freguezias. Em Evora 15 de Novembro de 1535. *L. de D. João 3.^o f. 115 v.^o*

Carta de privelegio dada aos moradores da villa de Sintra por D. João 3.^o *L. 5.^o de D. João 3.^o f. 80.*

Carta do mesmo Rey aos seus moradores para lhe não tomarem suas couzas que trouxerem a esta Corte. *L. de D. João 3.^o f. 51.*

D. Sebastião e D. Henrique. Alvará a Camara de Cintra para ter hum Medico. *L. 43 f. 92.*

Alvará sobre a criação dos cavallos. *L. 7 f. 213.*

Camara de Cintra. Alvará de Filippe 1.^o para caçarem nos seus pomares etc. *L. 32 f. 131.*

Alvará de Filippe 2.^o aos lavradores de Cintra para usarem de seus privelegios. *L. 4 f. 174.*

Alvará do dito Rei para trazerem egoas soltas a pasto na Serra. *L. 1 f. 96.*

Alvará de Filippe 3.^o aos moradores de Cintra para usarem de seus privelegios. *L. 5 f. 249.*

Alvará do ditto Rei para caçarem os coelhos. *L. 30 f. 87.*

CORTES.

Capitulo especial porque praz a ElRey que não haja ahi mais de doze beateiros do conto, e dos mais os ha por relevados. Anno de 1461.

A villa de Cintra. Capitulos especiaes por hum dos quaes

he acordado que acerca dos que buscão mel e o hão se guarde pella guiza que se uzou e costumou até a vinda da Raynha. E por outro he declarado que as penas das forças pertencem aos almoxarifes. E os alçamentos dellas aos Juizes ordenarios. E outros Capitulos a que he provido por respostas. *L. 10 da Estremad. f. 38.*

Estes capitulos explicão em parte algumas couzas do antigo foral por exemplo Inquiridores melis se entende pelo que vai buscar mel e não pello que tem colmeas. Idem senhor em o ditto foral se contem que todo aquelle que buscar mel hum a vez do anno dee hum meo alquere desse mel ao senhorio. E ora senhor o rendeiro que em cada hum anno he , demanda todo-les que tem colmeas que lhe deem meo alquere o que nunca foi nem he dereito porque he contra o foral. Nos mesmos Capitulos se explica que couza seja *Sayão*. Item senhor se contem em o ditto foral que o Mordomo que se chama *Sayão* etc. e igualmente que medida seja o puzal. Item senhor em o ditto foral he conteúdo que qualquer que colher vinho e houuer cinco quinhoens que tall como este pague hum puçal de viaho á bica do lagar que saam nove almudes etc.

Confirmação de repostas de D. Affonso 5.^o a certos capitulos de que forão partes os Juizes Vereadores e homens bons da Villa de Cintra.

Ordena-se que os Judeos se sirvão dos portaes que tem na Judaria e tenham nos dittos portaes humas verdeselhas da altura que deem a hum homem pella cinta para pudere[m] dar por ellas as bofominhas e outros generos que venderem os quaes não venderão aos domingos e festas de preceito antes de finda a missa do dia sob pena de pagarem 200 reis para captivos.

Item penas contra os que caçarem perdizes nas coutadas.

Item licença para hum a vez por anno correr os lobos ordenando aos monteiros que os acompanhem ás ditas corridas.

Item ordenando que os Mempoiteiros dos captivos e outras pessoas que pedem para diferentes invocaçoens peção em mealheiros.

Item concedendo a Luis Fíres por o serviço d[eu]e temperar o relóje e ajudar á missa na capella attendendo a sua pobreza e ser muito bom homem certa gratificação.

Item prohibindo que nenhuma pessoa de qualquer condição que seja no tempo das eiras nem fora dellas vão pedir para bodos nem bodas para nenhuma pessoa. Dado em Lisboa a 18 de Maio de 1462. Confirmado em Estremoz a 3 de fevereiro de 1479.

Capitulos especiaes da villa de Sintra apresentados nas Cortes d'Evora convocadas por ElRey D. Afonso pello procurador de Sintra Duarte Rodrigues aos quaes ElRey responde que ha por bem confirmar-lhe o privilegio de não serem acentiados e outro si lhes releva certas penas com condição que dali em diante obdeção aos mandados alias mandará contra elles executar as

ditas penas. Evora 12 de Março de 1475. *L. 10 da Estremad. f. 284.*

Veja-se. *L. 2.º de D. Affonso 5.º f. 19. L. 13 f. 3 v.º L. 24 f. 57 v.º L. 28 f. 42. L. 30 f. 107 v.º L. 1.º da Estremad. f. 191 v.º L. 4.º ditto f. 274 v.º L. 5.º ditto f. 163 v.º L. 10 f. 39. f. 106.*

DOAÇOENS.

Carta de escambo de Cintra entre ElRei D. Denis e o Infante D. Afonso por Marvão e Portalegre. *L. 3.º de D. Denis f. 10 e L. 3.º f. 37.*

Sentença que julgou pertencer á coroa do Reino as Villas e Castellos de Cintra Ourem e Armamar e não a Infanta D. Isabel por ser nulla a doação que ElRei delles fez ao Infante D. Afonso, não tras data. *Gaveta 15 Maço 5.º N.º 1.*

Doação que ElRei D. Denis fez a seu filho Pedro Afonso de hum adegá vinhas terras asenhas e outras muitas cousas na ditta villa.

Em nome de D.^s amen. Conhoscão qtos esta cta vyrem que eu dom Denis pela graça de D.^s Rey de port. e do Algvê em sembra co a Raynha dona Jsabel miha molher co iffante dô Af.^o nosso filho pmo herdeyro dou e outorgo a vos P.^o Af.^o meo filho todolos hdmantos que eu ey en Sintra e en seu termo os quais foram de p.^o ffernandes que foy copeyro dElRey dom Af.^o meu padre e seu almuxe en lisboa. Convem asaber hũa adega cõ saas cubas e tjnha ena villa. E huã asenha cõ sa almoya que chamã de pombal e huũ qrtto dũa asenha com huũ qnho de pomar apar dela que foy dalvoro e huã orgeira e huũ campo em baratojo e huã cõrella de vjnha a par das donas de chelas. E outra cõrella de vjnha que jaz na varsea que parte cõ mtim alvares, e da outra parte o rio d'almargem, e da out.^a o caminho publico e outra corella en Galamar que parte com Domingos mts e co o herdamento dos piliteiros e co a carreira que vay paã serra er pte co o ryo que vê da villa e outra coyrella de pomar na serra que parte cõ o Templo e co vicente velho e cõ mtm chanceler e cõ sam Vicente. E huũ casal cõ casas e cõ curral o qual he en lentergo o grande e parte co os da Zibreira e cõ lentergo peqno e co mtm johnes Barhaalvo e cõ a carreira que vay da villa pã ffontanelas e cõ a dos Gameiros. Outrossi vos dou o casal que ffoy de p.^o de lanhaes o qual he no asambujal en termo dessa vila do qual casal estes som os termos contra Oyeiras aguião sã Domingos a travesia aldeia de Teras abrego o mar deu e outorgo a vós sobredito p.^o affonso meu filho todolos sobrdtos hdamētos e possissoens que vos e vossos filhos lidimos e aquils que deles descenderẽ lydimamēte de direita ljnba os aiades e possuyades pera todo o sempre. E se vos ou vossos filhos lidimos ou aqls que delle descenderem lydimamente de direita ljnba morerdes sã filhos lydimos os sobreditos hdamētos possissoens tornesse aa caroa do reyno cõ todos seus melhoramentos

livmente e seu embargo nẽ huũ. E que esta dãõ seia firme e maes estavel outorgo que nunca venha contra ela. E que qr que a compdamente agrdar aia a beeçõ de d.^s e mjna. E se alguẽ assi da minha parte como dos estranhos contra esta mha doaçõ vier aia a maldigõ de D.^s e a minha. E esta doaçõ fique firme e estauel pa todo sempre assi como de suso dito he. En testemyo desta cousa dou ende aa vos P.^o alfonso meu filho esta mha ct.^a seelada de meu seello de chumbo. Dãt en Lixboa 28 dias de junho. Era de 1339. [Anno 1301]. *L. 3.^o de D. Deniz f. 16. e Gav. 12 Maio 7 N.^o 21.*

Doaçõ a Rainha Santa Isabel da villa de Cintra Obidos com suas alcaydarias e padroados de Igrejas etc. Dada en Coimbra aos 27 de junho de 1287. *L. 1.^o f. 201.*

Doaçõ da colheita a ditta Rainha. *L. 1.^o f. 200.*

Camara de Cintra. Sentença sobre o corte de lenha entre seos moradores e os do Reguengo de Collares. *L. 3.^o f. 88 e 89.*

D. AFFONSO 4.^o

Escambo que a Rainha D. Beatriz fez com a ordem de Christo dos bens que a dita ordem possuia em Cintra devolvidos dos Templarios com os que a dita senhora possuia na Ega e Torre da Murta. 20 de Junho de 1345. *L. de Mestrados f. 103.*

Doaçõ a ditta Senhora pelo Prior e Mosteiro de S. Vicente de fora da sua quinta de Milides em o termo da villa de Cintra com a condiçõ que por sua morte deixasse ao dito Mosteiro tanta herança que lhe rendesse 30 libras cada hum anno pagos pelo natal. Segue a Carta de procuraçõ da Rainha dada de Alemquer a 18 de dezembro de 1360 a Gomes Vasques provedor do Hospital de Santo Eloy de Lixboa para obrigar os seus bens ao ditto pagamento. *L. de Reis f. 121.*

Doaçõ do padroado da Igreja de S. Miguel ao Cabido da Sé de Lisboa.

Dom Affonso pela graça de D.^s Rey de portugal e do Algarve. A quantos esta Carta vyrem fasemos saber que nos consirando o serviço de Deus e da Virgem gloriosa Santa Maria sa madre e do bemaventurado marter sam Vicẽte com outorgamento da Rainha D. Beatriz nossa mulher e do Ifante dom pedro nosso filho moor herdeiro por saude de nossa alma e em Remememento de nossos pecados damos doamos e outorgamos por pura duaçõ livremente para sempre sem outra condiçõ e sem nenhum embargo ao cabido da sée de sam Vicente de lixboa o padroado da nossa Igja de Sam Miguel de Sintra do bispado de lixboa e de todo o outro dito qual quer que nos avemos e saber devemos por qualquer razom e maneira em essa Igreja de sam Miguel por tal guiza que nunca se pode revogar. E tolhemos e partimos logo de nos e de nosso puder do estado e de nossos soccessores o dito padroado e todo o outro dito que avemos . . . devemos na dita Igreja e direitos della p. qualquer razom e

damolo trespassamolo e poemolo compdamente com todas suas pertenças e ditos no dito cabido e posse del pdca e por palavra segundo lhe melhor e mais compridamente dar doar e outorgar podemos que o tenham ajam possuam e defendam como verdadeiro senhor e possuidor com todas as suas pertenças e ditos e razoens e acçoens. E que façam e possam fazer da dita Igreja e do padroado e ditos e pertenças della todalas cousas e cada huma dellas que verdadeiro sñor pode e deve fazer de sa cousa propria e que nos mesmos fariamos e poderíamos fazer se das ditas cousas e cada huma dellas fossemos verdadeiro sñr teedor e possuidor. E esta dita doaçam outorgamos e havemos por firme e por estauel para todo o senpre.

E prometemos e obrigaunos por nos e por nossos soccessores de nunca arrevogar de numqua em ãhuũ tempo por nos nem p. outrem por nhũa razam nẽ ocazião nem de fazer nem diser contra ella nem contra parte della razam ãhuũa perq̃ no aja firmitade pera sempre. E rogamos e mandamos e defendemos sob pena da nossa benção a nossos soccessores e herdeiros quaequer outras pessoas que por si nem por outrem nam vam nem façam contra esta dita nossa benção nem parte della nem contra as cousas e cada huma dellas q̃ em elle som contheudas. E se alguem tentar ou tentar fazer aja a maldição de D.^o e a nossa e esta doação fique todavia firme e estavel para sempre. E aquel ou aquelles que a guardarem ajam a benção de D.^o e a nõssa. E rogamos a dom Joham bpo de lixboa que de sua authoridade e outorgamento a esta doação e a todalas em ella contheudas e que a aja por firme estavel e valiosa. Em testemunho disto mandamos seelar esta carta do nosso seelo de chumbo. Dante em ehora 24 dias de fevereiro. ElRey o mandou Domingos martins a fez era de 1374 [Anno de 1336]. E nos Joane pela merce de Deus bpo de Lixboa sobredito considerando que esta dita doação he a serviço de Deus e de st.^a sa madre de S. Vicente e prol da dita See de Lixboa a roguo do dito Sor Rey D. Af.^o de certa sciencia outorgamola e damos hy nossa authoridade e outorgamento. Em testemunho desto sobrescrevemos aqui nosso nome e mandamo-la seelar com nosso seelo de sera pendente. *L. 4.^o de D. Affonso 4.^o f. 4 v.^o*

D. FERNANDO.

Doação da villa de Sintra a Rainha D. Leonor em 1372. *L. 1.^o f. 107. L. 2.^o f. 60 e L. 1.^o de Reis.*

Carta contando a Mata de Almosquer pertencente á ordem de Christo a pedimento de D. F. Nuno Mestre da Ordem por este se queixar que lhe fazião damno cortando-lhe lenha e fazendo-lhe outras avarias. Em 1371. *L. 1.^o f. 70.*

D. JOÃO 1.^o

Carta para ser C'intra termo de Lisboa. *L. f. 23.*

Doação á Infanta D. Leonor. *L. 1.^o de Reys f. 108.*

Doação das Jugadas ao Conde D. Henrique, 6 de Abril de 1385. *L. 1.^o f. 31.*

D. AFFONSO 5.^o

Cintra: Doação á Princeza. *L. 32 f. 8.*

Doação á Rainha D. Isabel. *L. 25 f. 51 e L. 1.^o de Reys.*

Doação do Casal de Ranholos a D. Alvaro irmão do Duque de Bragança. *L. 2.^o de Misticos.*

D. JOÃO 2.^o

Doação de Obidos, Cintra e Alemquer á Princeza D. Isabel. *L. 43 de D. Manoel f. 57.*

Doação á Rainha D. Leonor. *L. 3 f. 49. L. 10 f. 76. L. 1.^o de Misticos f. 135. L. 2.^o ditto f. 87 e L. 1.^o de Reys f. 10 v.^o*

D. MANOEL.

Doação á Rainha D. Leonor. *L. 43 f. 57 de Misticos f. 134.*

D. JOÃO 3.^o

Doação á Rainha D. Leonor por se haver estipulado no contrato do Casamento desta Senhora com ElRey D. Manoel que as terras que tinha a Rainha D. Leonor sua irman e thia de D. João 3.^o quando vagassem passariam á dita Senhora: esta doação foi feita por virtude do escambo que fez por quatro contos de maravedis que a ditta Rainha mãe d'ElRei tinha em Castella do Imperador seu irmão segundo consta do contrato de troca, escambo e permutação feito com consentimento do Imperador. 2 de Novembro de 1528. *Gov. 15 M. 15 N.^o 5.*

Doação de Cintra á Rainha D. Catherina. *L. 14 f. 191 e L. 48 f. 104.*

Doação a D. Alvaro do Castro dos castanhaes das Mealhos á Fonte d'ElRey. *L. 57 f. 6.*

Pag. 32 lín. 27.

Os hospitaes do Santo Espirito e dos Gafos, etc. A Confraria da Mesericordia de Sintra carta porque lhe são anexos hos Hospitães do Santo Espirito e da Gafaria: de 23 de Setembro de 1545. *L. 35 de D. João 3.^o f. 99.*

Pag. 37 lin. 29.

A doação destes paços ao Conde D. Henrique, etc,

Doação dos Paços de Cintra ao Conde D. Henrique.

D. João etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos veendo e consirando os muytos servyços que nos e estes regnos recebemos e entendemos de recebermos ao deante do Conde D. Henrique portador desta carta e querendo-lhe nos conhecer e galardoar com merces o que deve fazer o bom Rey e Senhor a tao leal vassallo e servidor. E querendo-lhe fazer graça e mercee teemos por bem e damos-lhe e doamos-lhe e fazemos-lhe livre e pura doação antre vivos valedoira deste dia para todo sempre para elle e para todos os seus filhos e filhas e netos e bisnetos que delle decenderem por linha direita e de todos os seus descendentes dellos de todos os nossos paços que nos avemos na nossa villa de Sintra com todas as suas entradas e sahidas e direitos e pertenças por aquella mesma guiza que os nos avemos e de direito devemos daver e que os avião os reis que ante nos foram porem mandamos que elle por sua propria authoridade ou por seu certo procurador tome e faça tomar posse e propriedade dos ditos paços e os possa aver e vender dar e doar escambar e fazer delles e em elles tudo o que lhe prouver como de sua cousa propria e corporal posiçam e que nem nos nem outro nenhum que seja em nosso nome nem os nossos soccessores que depois de nos vierem nom possamos hir contra esta doaçom em parte nem em todo. E prometemos por nossa boa ffe rreal por nos e por elles aa nom contradizer em nenhuma guiza que seja nom embargando Leis degredos glosas opinioẽs husos foros privilegios liberdades graças mercees costumes instituicoens e ordenaçoens dos regnos e outros quaesquer direitos que em contrario desto sejam feitos os quaes nos aqy avemos por expressos e certificados. E queremos e mandamos que nom valham nom tenhaõn nem ajam aquy lugar e que esta doaçam tenha para todo o sempre como dito he nom embargando que os ditos paços de direito sejam fiscados e devolvidos á coroa dos regnos por quanto nos tiramos de nos todo ho puder e direito que em elles avemos e poemos no dito conde e nos sobreditos seus descendentes. E mandamos ao nosso almoxarife da dicta villa e a outro qualquer que esto ouver de veer por nos que lhos leixem aver e lhe não ponham sobre ello torna nem embargo e querendo lhe elles ou outro algum poer mandamos aos juizes do dito logo e as outras nossas justiças a quem esta carta for mostrada que o nam consintam e lhes alcem dello força e o mantenham a elle em posse e em testemunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta assignada por nossa maaõ e sellada de nosso sello dante em Villa real de panoyas 4 dias de dezembro elrey o mandou. Stevam Rodrigues a fez era de 1423. L. 1.º f. 164.

Pag. 39 lin. 31.

Fex este Rey obras neste palacio, etc. D. Affonso a quantos esta nossa carta virem fassemos saber que consirando o grande trabalho que continuadamente levão os moradores e visinhos da villa de Sintra asy por causa das obras que mandamos fazer dos nossos passos da ditta villa como por pousar com elles as pessoas da nossa corte as muytas vezes que a ella vimos estar. E querendo-lhe fazer graça e mercé por a ditta ter azo de ser melhor povoada e sopportar os ditos trabalhos temos por bem e outorgamos que todalas pessoas Christãos assim homens como mulheres que ora morão na dita villa e arrabalde della etc. termina concedendo-lhe varias merces: datada de 1459.

Pag. 40 lin. 10.

D. João 2.º fex novas obras, etc. Paços de Cintra. Carta de merce das suas obras a João Cordeiro. *L. 1.º f. 17.*

Capella dos Paços: Carta de ordenado a seu Capellão. *L. 18 f. 13 v.º L. 9 da Estremad. f. 275 e L. 10 ditto f. 125.*

Pag. 41 lin. 1.

ElRey D. Manuel ampliou estas obras, etc. Quitação a João Vas de Lemos do que recebeu dos officiaes das obras dos paços de Cintra que tinham recebido mais do que devião de haver e tinham merecido cento e nove mil e setecentos reis: anno de 1507. *L. 5.º de Misticos f. 130.*

Almoxarife de Cintra: Alvará para se lhe darem 120 \$ 000 rs. para pagar os pedreiros etc. do aposento do Principe. De 25 de abril de 1508. *Corpo Chronologico Parte 1.ª M. 6.º doc. 100.*

Alvará para se dar para as obras de Penalonga e Paços de Cintra a madeira necessaria. Dado em Evora a 9 de setembro de 1519. *Corpo Chron. Part. 1.ª Maç. 25.*

Pag. 100 lin. 8.

A de S. Saturnino para onde se retirou D. Pedro Paes, etc. Doação da Albergaria de Atrinces e Cellas de Collares ao Convento de S. Vicente de fora e da Herdade de S. Saturnino por D. Affonso 3.º na era de 1299 na qual se inclue a doação primordial de D. Sancho 1.º a Pedro Ermitão na era de 1230 no mez de julho. Confrontações. Concedo de jure hereditario Albergariã de Atrinces cum omnibus hereditatibus et pertinentiis que sunt determinate per aquas de Collibus ad prefactum locum despecientibus undique concurrentes ab oriente videlicet et occidente setemprione ad que miridie. Do tibi Cellam de Collares ut est determinata ab oriente et occidente sicut defluit aqua ab aquilone per lapideis de portu ab austro persumitatem

collis et heredetatem de covom ut circumfluit aquis e sacellum beati Saturnini de Monte de Sentrie quod habuit a tempore quod cepit habitari atque deinceps habitatum est : Esta doação foi feita por o dito Ermitão ter vestido o habito naquelle Mosteiro. *L. 1.º de D. Affonso 3.º f. 27 e 55.*

Pag. 100 lin. 29.

Sendo Prior desta Igreja Diogo Alvares etc. Ao Mosteiro de S. João de alem de Enxobregas do viver e regra de Santo Eloy. Doação do padroado da Igreja de S. Miguel da Villa de Sintra. Lisboa Anno de 1456. Confirmado por D. João 2.º em Viana d'a par d Alvito em 20 d abril de 1482.

Pag. 135 lin. 21.

O primeiro Governador , ou Alcaide mor de que acho noticia etc.

Relação de alguns alcaides mores de Cintra.

Ruy Fernandes : Foral de Cintra.

Gil Martins Mordomo mor d'ElRey D. Affonso 3.º : Foral de Beja.

Pedro Eanes Portel : Foral de Beja.

Pedro Affonso. Carta porque D. Fernando deu em quanto sua merce fosse a alcaidaria de Sintra a Pedro Affonso morador na dita Villa outro sy o fez couteiro das perdizes e cervos do termo da dita Villa. 18 de Novembro de 1419.

Gonçalo de Azevedo : por Carta de ElRey D. João 2.º *L. 5.º de Mist. f. 25.*

No anno de 1503 fez a Rainha D. Leonor doaçam confirmada por ElRey D. Manoel ao ditto Gonçalo de Azevedo do Concelho d ElRey e do seu desembargo do Paço da alcaidaria mor que elle tem de Cintra , com as carceragens e pena d'arma e bem assim a coima , sangue, vento, força, pescado da alcaidaria etc. seja verificada em seu filho maior. *L. 5.º de Mist. f. 25.*

Gaspar Gonsalves Ribafria : por Carta de Filippe 2.º *L. 1.º f. 185.*

Pag. 137 lin. 3.

Desta Ermida acho huma memoria do XIV seculo etc.

Dissemos inadvertidamente que por huma memoria antiga do XIV seculo constava que os Priores da Igreja de Santa Maria hão todos os sabbados dizer Missa á antiga Ermida que já existia de Nossa Senhora da Pena. Erão os beneficiados da Igreja de S. Pedro de Cintra que hão diser a Missa, e para cumprirem este encargo lhes fez ElRey D. João 1.º, por carta dada em Cintra a 8 de agosto de 1387, merce de hum moio de trigo cada anno.

Pag. 151 lin. 1.

O certo he que em huma doação antiga do Reguengo etc.

Karta de Regalengo de Collares termino de Sintria.

Notum sit omnibus presentes litteras inspectanturis quod ego Alfonsus dei gratia Rex Portugalie et Comes Bolonie una cum uxore mea Regina dona Beatrice Illustris Regis Castelle et Legionis filia. Do concedo et vobis Petro michaelis et uxori vestra Marie Stephani meum Regalengum quod jacet in Collares in termino de Sintrie Videlicet ad portum de Bassam quod tenuit Martinus Petri Castellanus de Regina dona Urraca et est in duobus peciis et una pecia jacet super ipso portu de Bazam et alia pecia sub ipso portu. Do vobis ipsum Regalengum sicut dividit per aquam de Mazuphal et sicut dividit cum Almargem de Mauris e sicut dividit cum alio meo Regalengo de Collares quod tenent alii laboratores tali videlicet pactu quod plantetis vineas in ipso Regalengo et detis inde mihi et omnibus successoribus meis quartam partem de vino et de omnibus fructibus quos vobis Deus dederit ibi prout dant mihi de aliis meis Regalengis que sunt circa illud habeatis igitur supradictum Regalengum cum terminis et divisionibus supradictis et cum supradicto foro et omnis posteritas vestra et faciatis de eo quicquid vestre placuerit voluntati faciendo mihi et omnibus successoribus meis de eo supradictum forum cunctis temporum seclorum. Et quicumque istud factum meum bene et integre observaverit sit bene dictus a Deo amen. Et quicumque contra hoc factum meum atemptaverit iram omnipotentis dei et beate Marie Virginis et omnium Sanctorum, et maledictionem mea incurrat quicquid ipse fecerit a suis successoribus in irritum ducatur facta Carta apud Ulixbonum XVI die maiij Rege mandante per domnum E. martini Maiordomum Curie et per Cancellarium D. Petri fuit Era M. CC. LXXXX tercia. *L. 1.^o de doações de D. Affonso 3.^o 152 v.^o*

COLLARES.

*Doações e Privilegios.*D. PEDRO 1.^o

Carta de confirmação de privilegios aos Moradores de Collares & em Evora 5 de Fevereiro de 13 . . . L. 1.^o f. 41.

D. FERNANDO.

Doação de Collares & a Gonçalo Paes da Meira. L. 1.^o f. 82 v.^o

D. JOÃO 1.^o

Doação a D. Nuno Alvares Pereira. L. 1.^o f. 82 v.^o

Alvará para seus moradores não servirem na guerra. L. 7 da *Extremad.* f. 58 v.^o

Doação do seu Reguengo a Rodrigo Annes de Barbuda, em 7 de Janeiro de 1284. L. 1.^o f. 22.

D. DUARTE.

Doação a Infante D. Isabel. L. 1.^o de *Misticos* f. 44.

Doação de seu Reguengo Padroado de Igrejas & ao Conde de Ourem. L. 1.^o f. 6. L. 7 de D. João 3.^o f. 155 e 157. L. 41 de D. Manoel f. 103. L. 2.^o de *Misticos* f. 234 e L. 4.^o ditto f. 78 v.^o

D. AFFONSO 5.^o

Carta de privilegio a a seus moradores. L. 18 f. 24 v.^o L. 34 f. 107. L. 7. da *Estremadura* f. 58 v.^o e L. 8 ditto f. 284 v.^o

Carta de privilegio a seus lavradores. L. 9 f. 54 v.^o e L. 7 da *Estremad.* f. 204 v.^o

Carta de D. Affonso confirmando o privilegio aos moradores de Collares concedido por ElRey D. João 1.^o por mediação do Condestavel para não hirem a guerra.

D. JOÃO 2.^o

Doação de Collares á Infante D. Brites. L. 1.^o de *Misticos* f. 42.

Doação do seu Reguengo a Infante D. Brites. *L. 1.º de Místicos f. 44.*

D. MANOEL.

Carta para os Caudéis obedecerem a Infante D. Brites. *L. 1.º de Místicos f. 27.*

D. JOÃO 3.º

Alvará para vizinhar com a Villa de Cintra etc. *L. 1.º f. 57.*

FILIPPE 2.º

Alvará a seus moradores para caçarem em seus pomares. *L. 3.º f. 173.*

Alvará a seus moradores para trazerem egoassoltas na Serra de Cintra. *L. 1.º f. 96.*

Carta de Alcaydaria mor de Collares ao Conde da Castanheira. *L. 6 f. 15.*

Pag. 155 lin. 5.

Parece não logrou este Rei a posse pacifica etc.

Escriptura de contrato feito antre ElRei D. Manoel e D. Brites filha do Condestavel em que o ditto Senhor se obrigou a dar-lhe 200 \$ 000 rs. de juro e herdade pella cessão que lhe fez de Villa de Collares com todas suas pertenças direitos e jurisdiçoens. Em Lisboa a 21 de Novembro de 1521. *Gav. 10 Mag. 4 N.º 14. Liv. de Sentenças da Coroa, p. 2.ª Collumna 2.ª*

Pag. 155 lin. 12.

No anno seguinte de 1522 no mez de Setembro etc.

Carta de Francisco de Macedo dando conta a ElRey D. João 3.º que em execução de outra que recebera do dito Senhor tomara posse da Villa de Collares e que cumprira tudo o mais que lhe fora determinado por Duarte de Paiva.

Senhor. Por Duarte de Paiva me foi dada huma Carta de Vossa Alteza e hum instrumento de contrato de venda da Villa de Collares, e outra Carta para os Juizes e Vereadores e Procuradores da dita Villa, e tanto que me foi dado logo partimos para a dita Villa e assi o escrivão dos coutos para fazer o que Vossa Alteza me mandou, e por ao sabado não serem horas para se fazer e o juiz da ditta Villa e vereador serem na feira das Virtudes, nom quiz entrar na Villa e estivemos fora, e por Domingo e segunda feira serem dias aferiados, e os ditteos

juizes não serem vindos da feira tive maneira que a segunda feira á tarde que era dia de Nossa Senhora , entrei na Villa com a dissimulação que o ditto Duarte Paiva dirá a Vossa Alteza , e os ditos juizes não erão ainda vindos e vierão de noute , e á terça feira pela manhaa soube que os dittos juizes erão vindos , e fiz ajuntalos em Camara , e assi os Vereadores e Procurador do Concelho , e homens boos e povo , e lhe dei a Carta de Vossa Alteza , e assi lhe apresentei o contrato , e elles obderão a todo e me derão a posse como Vossa Alteza mandava , segundo poderá ver pelo instrumento , que nas costas do contrato vai alem de outro que o Escrivão dos coutos fez que fica em seu poder ; e dada assim a dita posse com as mais diligencias que se fizerão , eu provi os livros , e arrendamentos dos annos passados , e achei que foy feito hum arrendamento dos quartos , de todalas cousas que Deus der na ditta Villa e Termo que pertence a Vossa Alteza , que Dona Beatriz na ditta Villa tinha e forão arrendados os dittos quartos por quatro annos , e se começou o arrendamento o anno de quinhentos e desanove aos treze dias do mez de Julho do ditto anno a João Carrasco , e a Luiz Garcia , e a Bastião Guomes por settecentos e dez mil reis pelos ditos quatro annos , e mais mil peros de Santiago e mil maçans quinhentas baionezas e quinhentas chainhas que vem a ser por anno cento e settenta e sette mil quinhentos reis em pas , e a salvo para Vossa Alteza e este arrendamento se fez de S. Joham a S. Jouham , e os rendeiros que ora sam acabam seu arrendamento por S. João que hade vir , e gosam esta novidade em que ora estamos , e o pagamento são obrigados a fazer ainda a primeira paga por dia de Natal que ade vir e a segunda por Setembro , que virá deste em hum anno , em que am de fazer comprimento de pagua da ditta renda em estas duas paguas segundo a forma de seu arrendamente , os quaes cento e settenta e sette mil e quinhentos reis encarreguei em receita sobre Andre Gonçalves Almoxarife de Cintra para os arrecadar dos dittos rendeiros , e mandei aos dittos rendeiros que nom accudissem com nenhum dinheiro , senom aoditto Andre Gonçalves Almoxarife sob pena de o pagarem de suas casas , e de tudo mandei fazer autto ao Escrivão dos Contos que fica em seu poder , e fiz progunta ao Almoxarife de D. Beatriz que foy , se tinha elle algum lanço para o anno vindoiro , e elle me disse que si , mas que os tinha mandados ao Conde , e querendo outocentos e vinte mil reis por quatro annos , e assi fiz progunta a Arthur Rodrigues Escrivão do ditto Almoxarife , se tinha ou sabia de alguns lanços desta renda para os annos vindoiros , e por elle me foy ditto que nom era em seu poder algum lanço , nem lhe fora feito , e bem assi mandei meter a renda en preguam por o porteiro da ditta Villa , e se alguem em elle quizesse lançar para os annos vindoiros , se viesse a mim e eu lhe receberia o lanço , o qual porteiro foi por a ditta Villa e veio , e me deo em sua fé que nam achava quem em elle quizesse lançar , e eu mandei chamar os rendeiros dos annos

passados e presente, e assi outras pessoas e lhes disse se querião elles lançar em esta ditta renda, e elles disseram que nom, que aguora não era ainda tempo, que veria primeiro o Sam Joham, e que então lançariam se lhes bem viessem, e a mim. Senhos, parece que para serviço de Vossa Alteza, nom se deve esta renda arrendar senom juntamente com o Almoxarifado de Cintra por Janeiro que vem, porque enton se acabam os arrendamentos do almoxarifado de Cintra, que ora os Povos tem porque será mais vosso serviço arrendar-se tudo juntamente, e a reção disto eu a darei a Vossa Alteza quando me mandar; veja Vossa Alieza o que he mais seo serviço, e mande-me a maneira, e o que ei de fazer. Da sua Villa de Collares aos nove dias do mez de Setembro de mil quinhentos e vinte e dous.

Francisco de Macedo.

Gav. 10 Maç. 5.º N.º 16.

Pag. 187 lin. 27.

Martinho de Albornoz em huma Carta etc.

Senhor. Eu determinei fazer saber a Vossa Alteza como estava esta Villa ainda que a ella não quiz vir folgar fazendo este S. João cinco annos que cá não véo. Syntra Senhor está muito sam dos ares de peste, Nosso Senhor seja sempre muito louvado e assim as comarcas darredor. E para os tempos está de pam mnito boa assim vinho ainda que he velho, tem muitas carnes pescados frutas ainda que não sam muitas, muito poucas colmeas e bons ares e aguas muito frias está de maneira que honvera Vossa Alteza nella muito de folgar porque asy o fazião os Reis passados que o mor descanso que tinham era virem cada anno cá ter o verão. E asy o devera de fazer Vossa Alteza por Syntra não ser tão agravada porque Senhor sei certo que ella e seu termo e comarca manteram Vossa Alteza melhor que nenhuma Villa de Portugal tamanha por tamanha e ainda agora posto que Vossa Alteza esté tão longe podya fazer huma romaria a Nossa Senhora da Pena e folgar cá vinte ou trinta dias e desenfadar-se de tanta canceira lá leva. E eu Senhor se acetei ser guarda da Villa ha tantos tempos foy por amor de Vossa Alteza vyr a ella e nom ter razoens de dizer se Syntra estivera ja saam eu fora lá folgar, e por tirar estes convenientes queimo o meu sangue e nom me aproveita pois Vossa Alteza qua nom vem. Nosso Senhor Deus acrescente o Real estado de Vossa Alteza com longos dias de vida a seu serviço amen. De Syntra a 17 de Julho de 1527.

Cryado de Vossa Alteza.

Martinho de Albornoz.

Corpo Chronologico Parte 1.^a, Maço 37, Doc. 16.

Pag. 196 lin. 9.

Nesta inscripção sepulchral se deve notar etc. Os Romanos estavam persuadidos que as almas separadas dos corpos se tornavam em genios a que chamavam Lemures. Aquelles dentre os defuntos que erão bons e que tinham cuidado de seus descendentes se chamavam Lares familiares ; e aquelles que turbulentos e maleficos com fantasmas espantavam os homens com aparições nocturnas se chamavam Larvæ ; e quando era incerto o destino da alma do defunto , se se tinha tornado em Lar ou Larva se chamava Manes. Era crença entre elles que as almas dos homens honrados se transformavam em especies de deuses, e assim punhão sempre nas suas sepulturas as tres letras D. M. S. que significavam Diis Manis Sacrum , com que invocavam os deus tutelares dos defuntos. O lugar que habitavam estes manes se vê nestes quatro versos attribuidos a Ovidio

Bis duo sunt homini : manes , caro , spiritus umbra
 Quatuor ista , loci bis duo suscipiunt :
 Terra tegit carnem tumulum circumvolat umbra
 Orcus habet manes , spiritus astra petit.

Pag. 203 lin. 13.

Pedro de Cintra famoso navegador etc. Carta precatoria de Duarte de Freitas Juiz dos Orfãos de Lagos, tirada a instancias de Gomes Lourenço em como, certifica que elle he tutor e curador de tres menores filhos que ficarão de Pero de Sintra Moço da Camara d'ElRei e para poder arrecadar o que o mesmo Senhor lhe ficára devendo. Em 8 de Março de 1523. *Corpo Chronologico Parte 1.ª Maço 29 Doc. 31.*

Provisão para o almoxarife de Villa de Conde pagar á mulher e herdeiros de Pedro de Cintra 24 \$ 000 rs. que lhe desembargava de seo casamento. Assignada pello Barão d'Alvito, Vedor da Fazenda em 13 de Julho de 1524. *Corp. Chronol. Parte 2.ª Maço 117 Doc. 11.*

Terminamos este trabalho tributando os nossos mais cor-deaes agradecimentos a todas aquellas pessoas que tiverão a bondade de nos coadjuvar com os seus esclarecimentos, e muito especialmente aos eruditos Senhores, M. M. Franzini a quem alem de outros subsidios estatísticos devemos o Itinerario que transcrevemos a folhas 183, Alexandre Herculano de Carvalho, que teve a obsequiosa condescendencia de rever parte deste opusculo, cujas judiciosas correções muito agradecemos : ao muito digno e infatigavel Official maior da Torre do Tombo [de cuja paciencia talvez abusamos] que com toda a urbanidade se prestou a satisfazer as nossas enfadonhas e minuciosas exigencias; e aos mais empregados daquelle Estabelecimento de quem sempre recebemos o mais benevolo acolhimento e coadjuvação.

FIM.

